

CAPÍTULO III

O CONHECIMENTO DO MEIO PRISIONAL SOBRE LEITURA E ESCRITA: UM ESTUDO DE CASO

Introdução

A educação, como a perspectivámos, e na linha que destacámos dos ideais de Paulo Freire (1972a; 1972b) e outros contributos afins, não pode ser encarada como um simples acto de depositar ou transferir conhecimentos (*educação bancária*), mas um acto de "conscientização", de problematização de situações, constituindo um "processo mediante o qual, na relação sujeito-objecto, o sujeito adquire a capacidade de captar, de forma crítica, a unidade dialéctica entre o eu e o objecto" (p. 32).

Nesta perspectiva, seguimos o que é proposto pela UNESCO (1980), ao afirmar que

longe de constituir um fim em si, a alfabetização deve ser concebida com vista a preparar o homem para desempenhar uma função social, cívica e económica que ultrapassa amplamente os limites de uma alfabetização rudimentar reduzida ao ensino da leitura e da escrita (p.6).

Não basta que o sistema educativo institua uma escolaridade baseada no ler, escrever e contar. É necessário que esse sistema, seja qual for o grupo etário, incluindo o ensino de adultos, se oriente por valores de respeito e liberdade de cada um e obedeça a uma lógica de promoção de todos.

Partindo destes pressupostos, chega o momento da observação da realidade que queremos conhecer. É um momento determinante em todo o processo. Por isso, uma tarefa prévia e fundamental terá de ser a de reflectirmos acerca da natureza das suas observações, porque dessa reflexão dependerá a investigação e, portanto, também grande parte da eficácia da nossa intervenção baseada na teoria que desenvolvemos. Para conhecer o meio

prisional, os comportamentos, atitudes, preferências, etc., de quem o ocupa, temos de ser capazes de o observar com a maior proximidade possível.

Os fenómenos humanos são muito complexos. No âmbito do nosso estudo em meio prisional, interessa-nos, essencialmente, apreciar a conduta humana. Em consequência, partindo do pressuposto de que não podemos abarcar toda a complexidade de fenómenos que se nos deparam, a nossa observação é necessariamente parcial e um dos problemas será o de construir os nossos modelos e teorias em função da parte do fenómeno que observamos.

Neste sentido, deveremos tomar em consideração, antes de mais, o papel do investigador em geral, como alguém que procura levantar questões, observar a realidade, reflectir, experimentar, analisar e concluir algo que alerte para uma situação problemática e que a modifique. Assim, decidimo-nos por este tipo de trabalho no âmbito do ensino em estabelecimentos prisionais, que já havíamos iniciado na nossa dissertação de mestrado.

Pela observação e contactos com os reclusos em acções de formação, colóquios ou outras iniciativas que afectam todo o meio prisional, propomo-nos reflectir sobre até que ponto o desenvolvimento da literacia em leitura poderá constituir um veículo para aquisição de valores, modelos, atitudes e comportamentos mais humanos por parte de quem prevaricou.

Além disso, é necessário abrir caminhos e despertar consciências para a importância da formação, da actualização e da participação nas actividades que envolvam temas/assuntos da realidade exterior, que um dia os reclusos enfrentarão, pondo em confronto opiniões e a capacidade de compreender e extrair informação de textos que transmitem ideais para os quais é necessário estar alerta e conhecimento que lhes permitam a reinserção na sociedade.

Cabe ao professor ou formador "um papel de confidente e proporcionador de confronto com valores, ensinando os alunos a autodisciplinarem-se" (Leite, 1989, p.310). O professor ou formador tornar-se-á confidente e conselheiro de quem, geralmente, lhe pede opiniões, lhe coloca questões de todo o tipo, nem sempre relacionadas com o ensino.

3.1. A prisão: um desafio à mudança

Vivemos na designada "Sociedade do Conhecimento", cujos desafios são cada vez mais intensos e difíceis. É fundamental insistir e continuar a democratização educativa,

compreendendo que há sectores da sociedade onde impera o analfabetismo e a exclusão social, o subdesenvolvimento e o abandono (por vezes a miséria) social e cultural. Está na hora de enfrentarmos os problemas e de procurarmos dar-lhes solução.

Para isso, teremos de articular a educação para todos com a promoção da exigência e da qualidade, para o desenvolvimento humano e o enriquecimento do capital social. Ao mesmo tempo, à medida que articulamos conhecimento e compreensão, reforçamos a coesão humana e a justiça, pondo-as ao serviço do desenvolvimento e do progresso.

Carecemos de indivíduos educados, técnica e culturalmente bem preparados. Perdeu-se a capacidade de admirar, de nos espantarmos com aquilo que nos parece, à primeira vista, insignificante.

A sociedade contemporânea sonha com valores desprovidos de laços humanos e relações alicerçadas na comunicação familiar, de amigos, de profissionais com racionalidade. Estes valores que propõe George Sarton (*apud* Costa, 2005), quando afirma que

a Idade Média foi dominada pelos teólogos, a Renascença pelos humanistas. Nós vivemos dominados por tecnocratas e administradores. Mas se nos guiarmos apenas por estes e pelo seu sentido de eficiência e proveito imediatos, seremos conduzidos a um mundo mais propício à guerra do que à paz. A excessiva influência administrativa e tecnológica da era actual terá de ser contrabalançada pela acção dos artistas, dos filósofos, dos historiadores e dos homens de ciência. Na realidade, os educadores e os cientistas autênticos, ao escolherem as vias mais indicadas da educação e da investigação, praticam o acto mais transcendente da administração: as opções prioritárias. São juízos de valor que levam à orientação superior dos interesses da nação (p. 44).

Estas são realidades que se constataam no nosso quotidiano, que interferem com as pessoas, e por vezes tendem a transformá-las em autómatos, em peças de uma infernal engrenagem de máquina que produz em série, sem a preocupação do produto final com qualidade, com formação, com capacidades para agir e interagir numa sociedade composta por matéria-prima humana.

Surgem, assim, os desentendimentos, a ausência de diálogo, a violência, a competição, a agressão, o roubo, a criminalidade, etc., levando à dissidência, à contestação,

à revolta... ao crime. E ao crime, segue-se a intervenção da justiça e, muitas vezes, o encarceramento.

Cada vez mais a prisão é um lugar de pessoas vazias, sozinhas que não tiveram uma família como identidade, como pertença, não tiveram uma pré-escolaridade e uma escolaridade, e depois um emprego com o mínimo de condições financeiras para conseguirem sobreviver, que não tiveram formação cultural e académica que as preparasse para enfrentar o mundo, com todas as suas solicitações desviantes, ou formação ético-moral para enfrentar os desafios mais difíceis da vida. Pessoas que não foram habituadas a pensar, a reflectir, através do diálogo familiar, escolar ou da leitura de obras que transmitem testemunhos de vida. Pessoas a quem foram negados os benefícios da educação.

George Steiner (2004) afirma isso mesmo, ao escrever que "a vida não reflectida não é efectivamente digna de ser vivida" (p. 62), o que nos permite concluir que, em todas as nossas atitudes e comportamentos, há que, primeiro, ouvir o nosso próprio eu, cruzando a reflexão feita com tudo aquilo que aprendemos, lemos, ouvimos e testemunhamos. Há que instituir o reencontro do equilíbrio, para que não se "pise o risco", não se caia no crime, na agressão, etc..

Uma sociedade desregulada produz delinquentes que se envolvem na marginalidade, e essa marginalidade degenera em crime e leva à prisão. Ora, os reclusos são seres humanos iguais em deveres (apesar de os terem desrespeitado) e direitos a todos os outros. Tal como os outros, merecem uma oportunidade para se orientarem em sociedade, e em muitos casos uma segunda oportunidade para se re-orientarem nela. Daí que seja preciso conhecer a realidade dos reclusos e das prisões para poder intervir junto deles e na realidade que os circunda.

Essa intervenção tem toda a vantagem em ser feita através dos mais diversos meios educativos e humanizantes: através da arte – da pintura, da escultura, da música, do teatro, do cinema... Ainda recentemente, num Encontro promovido pela UNESCO, em Lisboa, a 07.03.2006 (Jornal *Público*, de 09.03.2006), se referia a importância do ensino artístico para a formação, não só de crianças e jovens, como também de adultos. Esse ensino artístico engloba todo o tipo de expressão artística, como forma de realização pessoal ou como complemento de uma formação que se deseja completa e criativa. Nesse sentido, aderindo à arte, mais tarde ou mais cedo, sentiremos, interiormente, o seu efeito benéfico.

Um modo especial de intervir neste domínio é através do recurso à leitura, relacionada, naturalmente, com a escrita. Uma e outra são óptimas vias (porque formativas, logo em si mesmas, e desencadeadoras de múltiplas situações de formação) para essa formação, para a aculturação, a reflexão sobre os valores, tão necessários como resposta aos problemas impostos pelo mundo de hoje. Dito de outro modo, a arte, entendida no seu mais geral, e pela leitura, considerada nas suas dimensões formativa, informativa, comunicativa e de fruição, é uma poderosa via para nos aperfeiçoarmos e nos integrarmos na sociedade (Vieira, 2005).

Foi destes pressupostos que partimos. Trabalhando com reclusos e em ambiente de prisão, pretendemos conhecer a sua realidade: saber quem são, como são, que carências os afectam, de que modo poderemos intervir no sentido de transformarmos a sua realidade, não só aquela em que eles são obrigados a permanecer, mas também aquela que os há-de acolher num futuro mais ou menos próximo. Trabalho só possível com a autorização por parte dos Serviços Prisionais e dos responsáveis pelos Estabelecimentos Prisionais, mediante pedido endereçado por nós, respeitando as regras constantes da Circular nº 5/GDG/2001 (Anexo 1).

Pretendemos, com este trabalho, aplicar a importante função da leitura no mundo de hoje, inserida no contexto da globalização que a todos diz respeito, à vida em reclusão. Procuraremos, tanto quanto possível, conhecer a realidade prisional portuguesa, identificando os principais aspectos que a caracterizam. Apresentaremos o mapa prisional português, explicitaremos os critérios que adoptámos para a selecção das prisões que foram objecto do nosso estudo, caracterizaremos os estabelecimentos seleccionados (Estabelecimento Prisional Regional de Braga, Estabelecimento Prisional de Coimbra, Estabelecimento Prisional Regional de Felgueiras, Estabelecimento Prisional Regional de Lamego, Estabelecimento Prisional de Paços de Ferreira, Estabelecimento Prisional Regional de Vila Real), caracterizaremos os reclusos no meio seleccionado, procurando conhecer o melhor possível a sua realidade.

Para isso, aplicaremos alguns textos aos reclusos a fim de conhecermos as suas dificuldades em leitura e escrita, assim como para conhecermos as suas perspectivas de vida, colocando-os perante questões que se relacionem com temas da actualidade e podermos sugerir medidas que possam ser tidas em conta pelos técnicos responsáveis e outros organismos ligados ao mundo prisional no sentido de contribuir para se obter para

eles uma melhor formação que faça com que se sintam motivados para uma efectiva mudança de vida.

3.2. Panorama prisional português

A realidade prisional portuguesa é a que a seguir se apresenta, de acordo com dados obtidos junto do Instituto Nacional de Estatística [INE] e Direcção-Geral dos Serviços Prisionais [DGSP], referentes ao ano de 2004. Observando o Quadro nº 19, que nos dá conta do número de reclusos e da sua evolução, desde 1992 até 2001, segundo a idade e a instrução, verifica-se que o número total oscilou em alguns desses anos, ora aumentando ora diminuindo.

Reclusos existentes em 31 de Dezembro, por sexo e instrução
1992 - 2001

Sexo e instrução	Anos									
	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
Total (HM)	9 451	11 062	10 120	12 047	13 874	14 361	14 598	12 808	12 771	13 112
<i>Homens</i>	8 777	10 191	9 262	10 983	12 604	12 901	13 188	11 547	11 565	11 995
Não sabendo ler nem escrever	777	959	800	870	1 030	1 059	1 045	881	639	720
Sabendo ler e escrever	863	1 258	735	873	1 014	1 072	1 058	938	1 077	799
Possuindo o ensino:										
Básico	6 225	7 303	6 795	8 136	9 325	9 611	9 853	8 638	8 792	10 260
Secundário	1 314	1 421	1 583	1 963	2 259	2 378	2 426	2 153	1 672	854
Superior	111	87	181	101	133	129	113	95	104	134
Outros cursos	161	34	26	92	105	112	103	103	61	88
Ignorado ou não especificado	-	-	-	12	8	-	-	-	426	257
Nota: Não inclui os reclusos inimputáveis internados em estabelecimentos psiquiátricos não prisionais. De 1995 a 1999 não inclui os reclusos inimputáveis internados em estabelecimentos prisionais.										

Quadro nº 19 – Reclusos existentes por género e instrução, em 31 de Dezembro de 2001
(Moreira, 2004, p. 21).

Mas, de um modo geral, podemos afirmar que a população reclusa aumentou. Quanto ao nível de escolaridade, conclui-se que a escolaridade (básica e secundária) revelou sempre um aumento. Para além das informações obtidas por género e instrução,

preocupámo-nos em conseguir dados estatísticos sobre a população reclusa por idades, ainda dentro desta década, sempre de acordo com o Instituto Nacional de Estatística.

Também se constata que, nesta década, a população com o nível básico de instrução aumentou significativamente. Ela passou de 6 225 reclusos, para 10 260. Verificámos, ainda, que, para um total de 9 451 detidos, em 1992, existiam 777 que não sabiam ler nem escrever, e que, em 2001, tendo crescido a população prisional para 13 112 reclusos, apenas 720 não sabiam ler nem escrever, o que representa um aumento do nível de escolaridade dos reclusos entrados nessa década, ou, pelo menos, um crescimento das competências básicas de escolaridade. Em relação ao total de reclusos, em 2001, há uma percentagem muito pouco significativa que não sabe ler nem escrever (apenas 720 reclusos) e sabendo ler e escrever (799 reclusos).

Como se pode ver pelo Quadro nº 20, obtido através do Instituto Nacional de Estatística [INE] e da DGSP, a faixa etária predominante dos reclusos situou-se entre os 25 e 39 anos, logo seguida da dos entre 40 e 59 anos, apesar de se registarem alguns casos em que essa faixa oscilou e foi ultrapassada pela faixa entre os 19 e 24 anos.

Reclusos existentes em 31 de Dezembro, por escalões etários
1992 - 2001

Escalões etários	Anos									
	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
1	2	3	4	5	2	3	4	5	6	7
Total	9 610	.11 252	.10 311	12 047	13 874	14 361	14 598	12 808	12 771	13 112
Escalões etários:										
De 16 a 18 anos	324	296	140	166	224	219	243	200	330	280
De 19 a 24 anos	2 044	2 635	1 791	2 296	2 724	2 590	2 531	2 051	1 976	2 054
De 25 a 39 anos	5 326	6 067	5 916	7 173	8 200	8 576	8 696	7 535	7 271	7 413
De 40 a 59 anos	1 612	1 800	1 982	2 132	2 410	2 628	2 793	2 698	2 852	3 020
60 e mais anos	304	264	291	280	316	348	335	324	342	345
Nota: Não inclui os reclusos inimputáveis internados em estabelecimentos psiquiátricos não prisionais. De 1995 a 1999 não inclui os reclusos inimputáveis internados em estabelecimentos prisionais. O ponto anterior ao número é adoptado como um sinal convencional e refere-se àquele total que não corresponde à soma das parcelas indicadas.										

Quadro nº 20 – Reclusos existentes em 31 de Dezembro de 2001, por escalões etários (Moreira, 2004, p. 28).

Também se verificou, no nosso estudo, relativamente aos reclusos que preencheram o espaço reservado à idade, a predominância da faixa entre os 25 e 39 anos. Observando o Quadro nº 21, das estatísticas da DGSP, considerando os reclusos existentes em Portugal em 1 de Setembro de 2004, constatámos que são um total de 13 385 reclusos, sendo Homens 12 435 e Mulheres 950, repartidos pelos três tipos de Estabelecimentos Prisionais existentes e antes referenciados.

Sexo	MULHERES			HOMENS		
	15-Ago	01-Set	Var.	15-Ago	01-Set	Var.
Centrais	110	108	-2	8504	8541	37
Especiais	627	633	6	543	554	11
Regionais	210	209	-1	3386	3340	-46
TOTAL	947	950	3	12433	12435	2

* Nestes valores não se incluem os reclusos ausentes temporariamente dos seus E.P.(s).

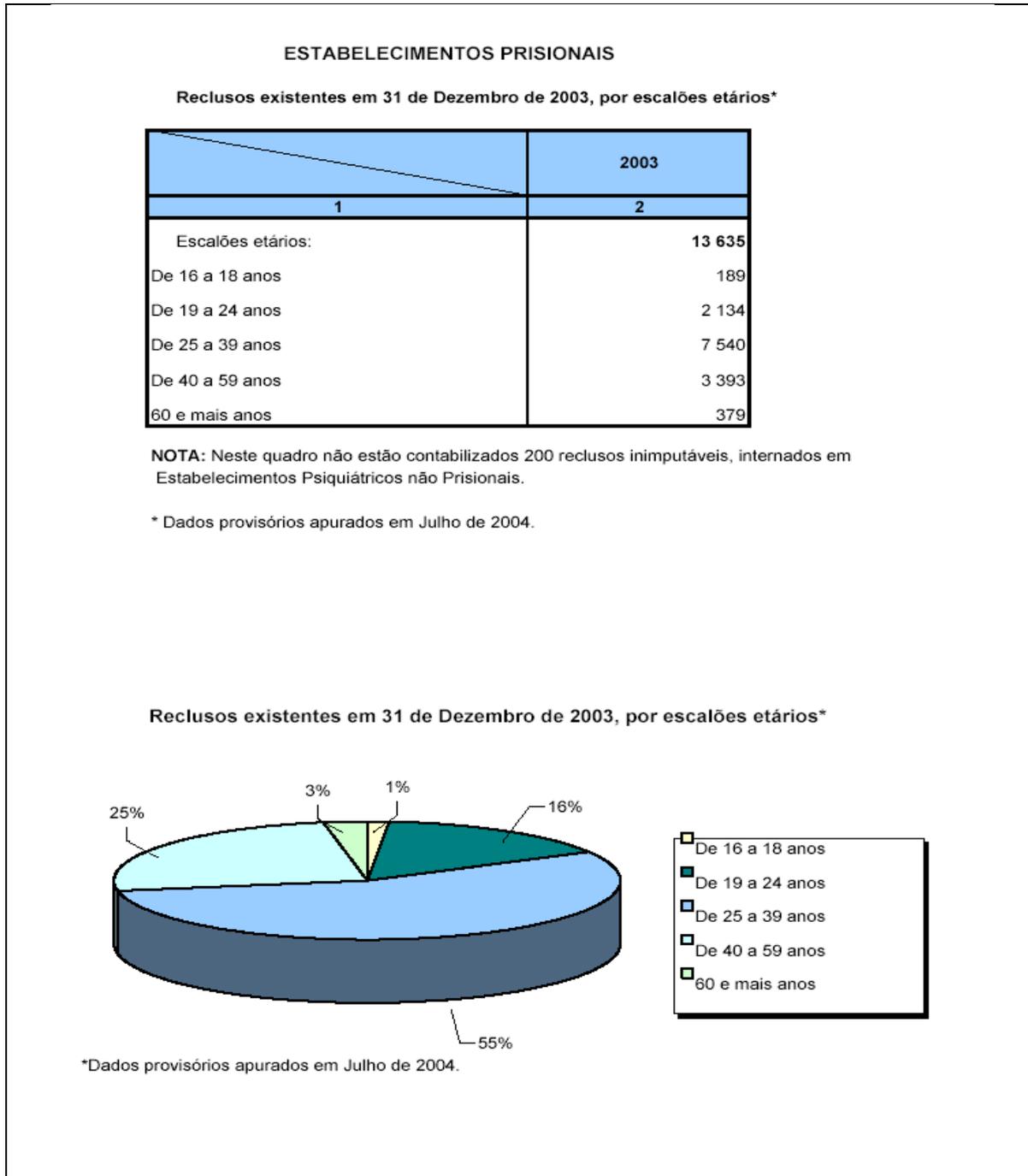
Quadro nº 21 – Reclusos por estabelecimento, segundo o género, Setembro 2004
(Moreira, 2004, p.30).

Verifica-se, ainda, que enquanto os homens se distribuem na sua maioria pelos estabelecimentos prisionais centrais, a maioria das mulheres encontra-se nos estabelecimentos prisionais especiais, a que não é alheia a sua condição feminina.

Quanto à idade (Quadro nº 22), também de acordo com o INE, verifica-se que o maior número de reclusos se encontra na mesma faixa etária, entre os 25 e 39 anos, logo seguida pelos de 40 e 59 anos. Confirma-se, assim, que em relação à década anterior não houve mudanças significativas até 31 de Dezembro de 2003.

Conforme ressalta da nota constante do quadro anterior, estes dados estatísticos apenas não contemplam os detidos em trânsito, compreendendo-se, entre estes, os deslocados temporariamente para efeitos de submissão a julgamento ou outra diligência em tribunal de comarca distinta daquela onde se situa o estabelecimento prisional e os reclusos

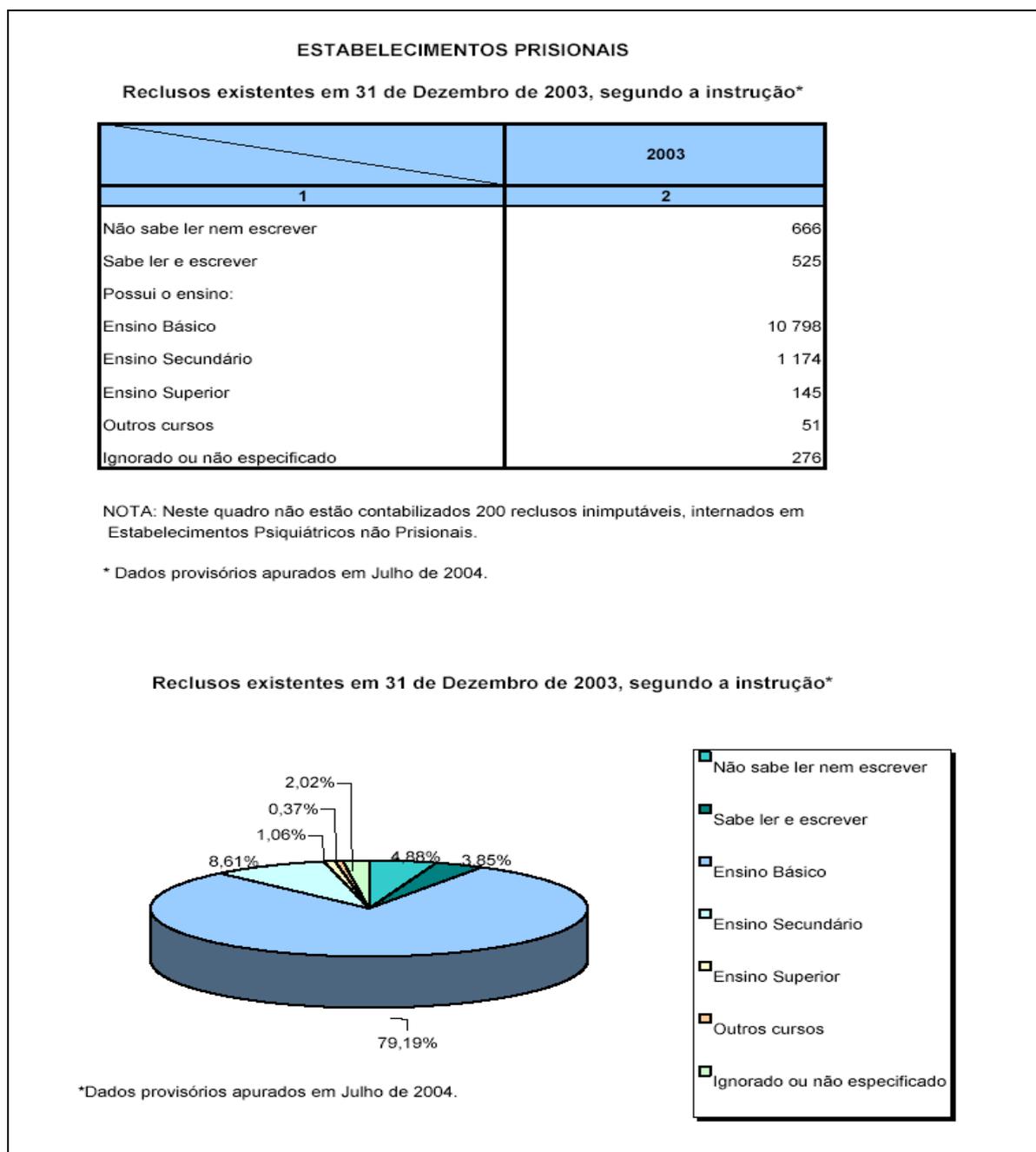
declarados inimputáveis, perigosos, internados em estabelecimentos psiquiátricos prisionais a cumprirem medida de segurança e internamento para tratamento e cura.



Quadro nº 22 – Reclusos existentes em Julho de 2004, por idade (Moreira, 2004, p. 35).

Pelo Quadro nº 23, verifica-se que, num total de 13 635 reclusos, 10 798 têm o Ensino Básico, o que corresponde a 79,19%. Se atentarmos em que apenas 666 detidos não sabem ler nem escrever, ficamos com 95,2% de reclusos que dispõem de capacidades

mínimas para a leitura e escrita. Entre detidos com o Ensino Secundário, Ensino Superior e outros cursos, existem 1 370, correspondendo a 10% da população prisional.



Quadro nº 23 – Reclusos existentes em Julho de 2004 (Moreira, 2004, p. 38) segundo a instrução (em percentagem).

Para além da formação inicial analisada, podemos verificar, através do quadro seguinte (Quadro nº 24) que, em 31 de Dezembro de 2003, do total de detidos (aqui

incluídos os sujeitos a medidas de segurança), 2 558 encontravam-se em acções de formação escolar e 843 em formação profissional.

ESTABELECIMENTOS PRISIONAIS								
Reclusos existentes em 31 de Dezembro de 2003, segundo a situação penal, em formação e em actividade, por espécies de estabelecimentos*								
Espécies de estabelecimentos	Situções/Acções	Total	Situação penal			Em acções de formação		Em actividade
			Preventivos (a)	Condenados	Medidas de segurança	Escolares	Profissionais (b)	
1	2	3	4	5	6	7	8	
TOTAL GERAL	2002	13 918	4 219	9 479	220	2 291	766	4 927
	2003	13 835	3 510	10 069	256	2 558	843	4 962
Estabelecimentos prisionais:		13 635	3 492	10 069	74	2 558	843	4 962
Centrais		8 701	1 611	7 016	74	1 572	550	3 218
Especiais		1 123	350	773	..	213	65	466
Regionais		3 778	1 512	2 266	..	773	228	1 274
Cadeias de apoio		33	19	14	4
Estabelecimentos psiquiátricos não prisionais		200	18	..	182

(a) Refira-se que, entre os 3 492 preventivos existentes nos Estabelecimentos Prisionais, 561 estão a aguardar que as respectivas sentenças transitem em julgado.
(b) Acções com carga horária superior a 800 horas.
Nota: Os valores relativos às acções de formação e à actividade laboral não devem ser entendidos como correspondentes a igual número de reclusos envolvidos, na medida em que há quem desempenhe diversas actividades em simultâneo.

* Dados provisórios apurados em Julho de 2004.

Quadro nº 24 – Reclusos em acções de formação escolar e profissional, em 31/12/2003, (Moreira, 2004, p. 34).

Refira-se, ainda, o número significativo de reclusos que se dedicam a outras actividades de carácter sócio-profissional a coberto do Regime Aberto Virado para o Interior [RAVI], envolvendo actividades laborais no interior do estabelecimento e Regime Aberto Virado para o Exterior [RAVE], situações de actividade laboral no exterior do estabelecimento, em parceria com as autarquias locais.

Fazendo, agora, uma breve análise ao tipo de ilícitos mais praticados (Quadro nº 25), em reclusos definitivamente condenados em 31 de Dezembro de 2003, constata-se que o número de crimes contra as pessoas, compreendendo, aqui, homicídios, ofensas à

integridade física, violação e suas variantes, atentado ao pudor, injúrias e difamação, entre outros, se cifrou em 2122 crimes, correspondendo aproximadamente a 21% do total de crimes objecto de condenação, e que os crimes contra o Património, compreendendo o furto simples e o furto qualificado (furto utilizando escalonamento, arrombamento, chaves falsas, dois ou mais co-autores) e roubo (furto com violência sobre a vítima), atingiu o total de 3 857 crimes. O crime relativo a estupefacientes totalizou 3 558 crimes.

ESTABELECIMENTOS PRISIONAIS								
Reclusos condenados em 31 de Dezembro de 2003, segundo o sexo e os escalões etários*								
Crimes	Reclusos	Total	Homens			Mulheres		
			Total	16 a 20 anos	21 e mais anos	Total	16 a 20 anos	21 e mais anos
1	2	3	4	5	6	7	8	
	2002	9 553	8 908	444	8 464	645	10	635
TOTAL	2003	10 143	9 558	466	9 092	585	13	572
CRIMES CONTRA AS PESSOAS		2 122	2 054	43	2 011	68	..	67
Homicídios		1 113	1 066	15	1 051	47	..	46
Ofensas à integridade física		271	261	4	257	10	..	10
Violação e atentado ao pudor		317	317	12	305
Outros		421	410	12	398	11	..	11
CRIMES CONTRA A VIDA EM SOCIEDADE		306	301	4	297	5	..	4
Incêndio		46	46	3	43
Outros		260	255	..	254	5	..	4
CRIMES CONTRA O PATRIMÓNIO		3 857	3 791	333	3 458	66	3	63
Roubo		1 630	1 604	186	1 418	26	..	25
Furto simples e qualificado		2 009	1 975	147	1 828	34	..	32
Outros		218	212	..	212	6	..	6
CRIMES RELATIVOS A ESTUPEFACIENTES		3 558	3 144	77	3 067	414	8	406
Tráfico		3 197	2 808	39	2 769	389	8	381
Tráfico e consumo		275	250	37	213	25	..	25
Outros		86	86	..	85
OUTROS CRIMES		300	268	9	259	32	..	32
Cheques sem provisão		26	24	..	24
Outros		274	244	9	235	30	..	30

Nota: Inclui 74 indivíduos sujeitos a medidas de segurança, todos inimputáveis internados em clínicas psiquiátricas prisionais.
Os crimes cometidos pelos 182 inimputáveis sujeitos a cumprimento de medida de segurança em hospitais e clínicas psiquiátricas não prisionais, não estão aqui contabilizados.

* Dados provisórios apurados em Julho de 2004.

Quadro nº 25 – Reclusos condenados por tipo de crime, em 31/12/2003 (Moreira, 2004, p. 38).

Conhecendo-se que estes últimos crimes se encontram em estreita relação com os crimes contra o património – rouba-se para adquirir a substância estupefaciente –,

chegamos à conclusão de que estes dois tipos de crimes somam 73% do total de crimes verificados com sentença condenatória.

Refira-se, ainda, que este tipo de crimes foi praticado, esmagadoramente, por detidos com 21 e mais anos de idade. Além disso, e a título de curiosidade, refira-se que, entre um total de 585 reclusos, 406 encontram-se a cumprir pena por crimes relativos a estupefacientes, o que equivale a cerca de 70% da população feminina condenada.

Por último, observa-se, no Quadro nº 26, o número de reclusos estrangeiros existentes nos nossos estabelecimentos prisionais, em 31 de Dezembro de 2003. Acredita-se que, de então para cá, o número de reclusos estrangeiros, sobretudo oriundos de países do Leste europeu, tenha aumentado, atendendo ao crescente fluxo migratório orientado para o nosso país.

ESTABELECEMENTOS PRISIONAIS								
Reclusos existentes em 31 de Dezembro de 2003, segundo o sexo e os escalões de idade, por países da nacionalidade*								
Sexo e idade	Total	Sexo		Idade				
		H	M	16 a 18 anos	19 a 24 anos	25 a 39 anos	40 a 59 anos	60 e mais anos
Reclusos estrangeiros	2	3	4	5	6	7	8	9
2002	13 772	12 660	1 112	326	2 134	7 771	3 199	342
TOTAL DE RECLUSOS								
2003	13635	12668	967	189	2134	7540	3393	379
TOTAL DE RECLUSOS ESTRANGEIROS	2 145	1 932	213	23	324	1 314	447	37
Países da África	1 202	1 132	70	13	191	759	226	13
Angola	255	244	11	3	36	184	31	..
Cabo Verde	678	636	42	8	100	406	154	10
Guiné Bissau	111	106	5	..	29	67	12	..
Moçambique	28	26	6	17	4	..
S. Tomé e Príncipe	50	47	3	..	12	33	5	..
Outros	80	73	7	..	8	52	20	..
Países da América Latina	278	204	74	..	38	161	65	13
Argentina	14	12	9	3	..
Brasil	146	100	46	..	20	92	29	5
Chile	7	6	3	..
Colômbia	27	23	4	16	7	3
Venezuela	52	35	17	..	11	25	14	..
Outros	32	28	4	..	4	17	9	..
Países da Europa	613	550	63	8	91	370	135	9
Alemanha	17	15	5	9	..
Bulgária	9	7	7
Espanha	125	108	17	..	16	60	42	6
Estónia
França	34	30	4	24	7	..
Grã-Bretanha	9	8	4	4	..
Holanda	26	25	3	15	7	..
Itália	36	34	21	13	..
Letónia	6	6	5
Lituânia	4	3	3
Moldávia	89	87	13	65	11	..
Roménia	55	44	11	..	20	30	3	..
Rússia	36	35	10	20	6	..
Ucrânia	125	117	8	..	15	87	22	..
Outros	41	30	11	..	7	23	9	..
Outros países	52	46	6	..	4	24	21	..

Nota: Não inclui reclusos inimputáveis internados em estabelecimentos psiquiátricos não prisionais.

* Dados provisórios apurados em Julho de 2004.

Quadro nº 26 – Reclusos estrangeiros, por género e idade, em 31 de Dezembro de 2003 (Moreira, 2004, p. 40).

Nesse quadro, verificamos que existiam, àquela data, 2 145 reclusos estrangeiros, equivalendo a 15,7% da população prisional, o que evidencia a abertura do nosso país à entrada de estrangeiros e a apetência destes na procura, entre nós, de novas condições de vida, longe dos respectivos países de origem.

As mulheres estrangeiras detidas correspondem a cerca de 10% do total de estrangeiros reclusos.

De origem africana, os imigrantes-reclusos provenientes de países de expressão portuguesa totalizavam 1202 detidos, constituindo mais de 50% dos reclusos estrangeiros. Dos países da América Latina, de entre os quais se salientam os oriundos do Brasil, existiam 278, e os oriundos de outros países europeus perfaziam 613 detidos.

Realça o quadro, entre estes últimos, os detidos de nacionalidade espanhola, a que não deverá ser alheia a relação de proximidade fronteiriça com Portugal e o crescimento exponencial das relações comerciais entre os dois países. O valor total desses reclusos iguala o do número de ucranianos presos.

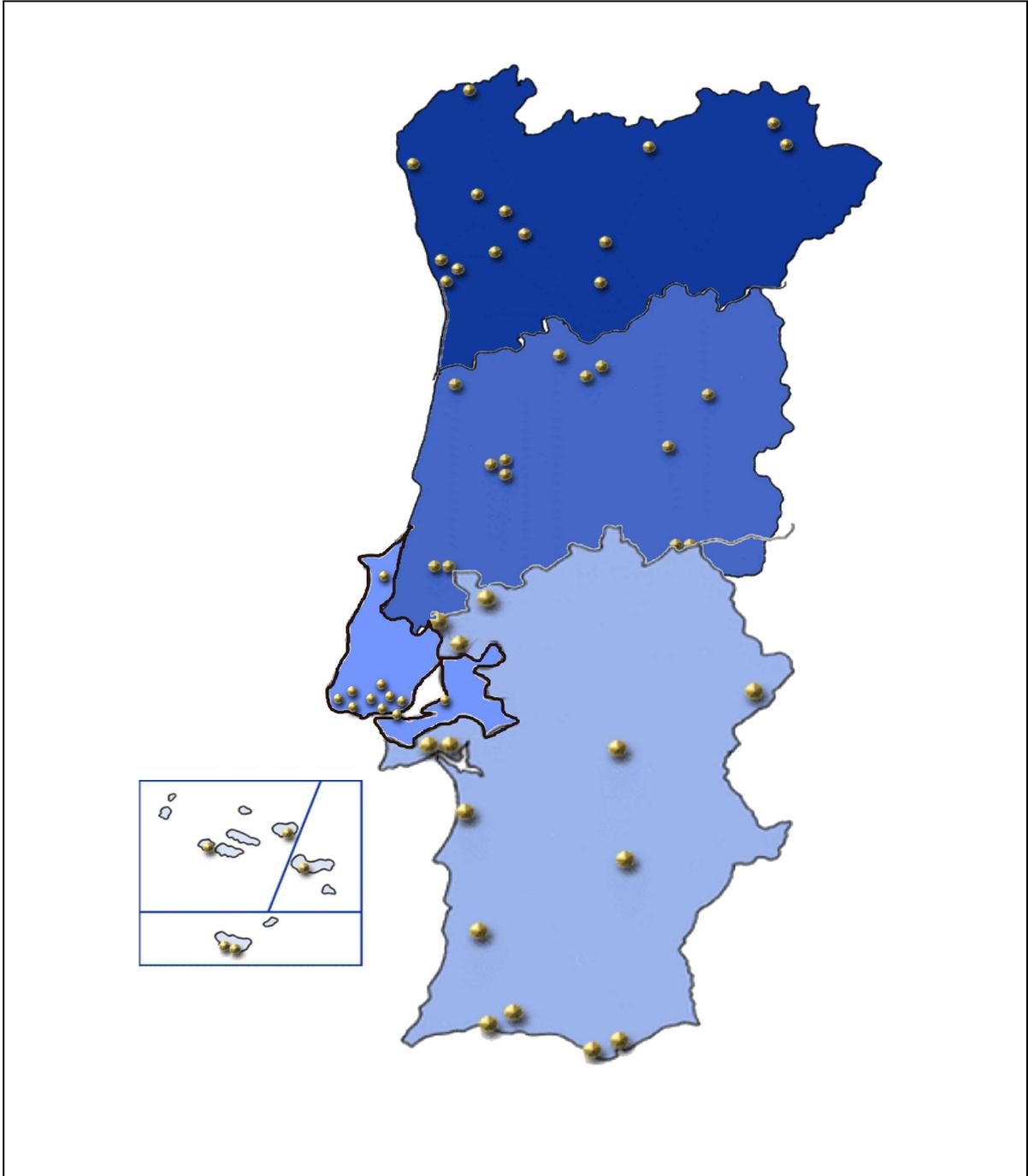
Os reclusos estrangeiros do Leste europeu são em número equivalente aos reclusos estrangeiros do resto da Europa.

O quadro não deixa de transparecer os maiores núcleos de estrangeiros existentes em Portugal, designadamente os referidos imigrantes do Leste europeu e dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa [PALOP].

Achou-se por bem abordar, também, o grupo de detidos formado por estes estrangeiros, não só pelo número significativo que eles representam, mas também pela importância que esta realidade étnico-social assume cada vez mais na sociedade portuguesa. No nosso trabalho de campo contactámos igualmente este tipo de detidos.

3.2.1. Mapa prisional português

Para o nosso trabalho, considerámos o universo constituído por todos os cidadãos reclusos que ocupam os Estabelecimentos Prisionais portugueses (continente e ilhas). Para melhor localização desses espaços no território português, apresentamos aqui um mapa-esboço de todos os estabelecimentos, de acordo com as informações da DGSP (Quadro nº 27). Foi a partir deles, que seleccionámos aqueles que foram objecto do nosso estudo.



Quadro nº 27 - Distribuição dos Estabelecimentos Prisionais pelo território nacional (Moreira, 2004, p. 42).

Ao observarmos o mapa, dividido em três secções – Norte, Sul e Centro – verificamos que o maior número de cadeias se situa no Norte e Centro. Talvez isso seja devido à concentração da população. O Norte é mais povoado que o Sul e, com certeza, a criminalidade é também maior nas regiões em que existe maior concentração populacional.

De acordo com dados fornecidos pelo INE, em 2003, a população portuguesa era de 10 407 500 (dez milhões, quatrocentos e sete mil e quinhentos) habitantes.

Ao todo, são 58 os estabelecimentos prisionais, classificados como sendo de tipo central, regional, de apoio e especial, tal como o esquematizado no Quadro nº 28.

Estabelecimentos prisionais (Continente e Ilhas)			
Centrais (18) *	Especiais (4) ***	Regionais (35)	Apoio (1)
Alcoentre Castelo Branco Caxias Coimbra Funchal Izeda Linhó Lisboa ** Monsanto Paços de Ferreira Pinheiro da Cruz Porto Santa Cruz do Bispo Santarém Sintra Vale dos Judeus	Leiria Tires Hospital Prisional São João de Deus (Caxias)	Angra do Heroísmo Caldas da Rainha Castelo Branco Felgueiras Guimarães Odemira Olhão Ponta Delgada Portimão São Pedro do Sul Setúbal Silves Torres Novas Viana do Castelo Vila Real Viseu Edifícios da Polícia Judiciária: Porto, Lisboa e Coimbra	Horta
* Inclui os E.P. da Carregueira, em Sintra, e Brancanes em Moçim ** Inclui a Secção de regime aberto da Mónica. *** Inclui o E.P. de S. José do Campo, em Viseu.			

Quadro nº 28 - Relação dos Estabelecimentos Prisionais Nacionais (Moreira, 2004, p. 45).

As prisões centrais foram inicialmente criadas para os condenados; as regionais, para os preventivos ou condenados a penas não superiores a 6 meses; as de apoio para

receberem reclusos de algumas prisões centrais; as especiais, relacionadas com as necessidades de tratamento de reclusos.

Os dados que apresentamos no Quadro nº 29 datam de 2004 e apresentam, por género e por tipo de estabelecimento, o número de reclusos existentes nas prisões, segundo dados da DGSP.

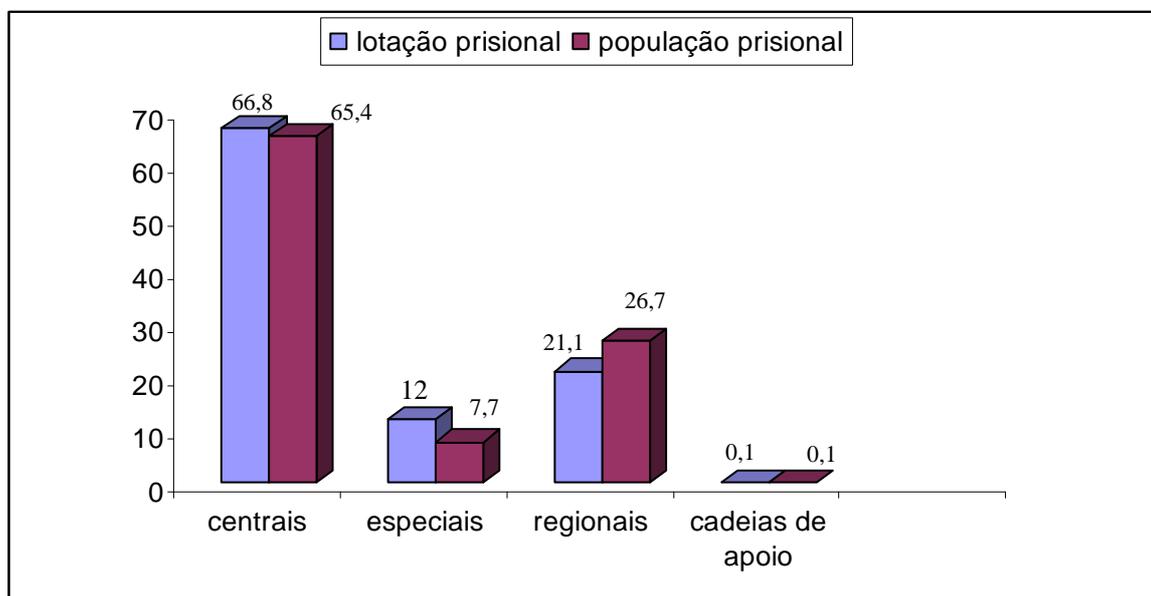
Sexo	Homens	Mulheres	Total	Total
Tipo de Estabelecimento	Nº	Nº	Nº	%
Cadeias Centrais	8332	147	8479	64,5
Cadeias Especiais	405	599	1004	7,6
Cadeias Regionais	3274	180	3454	26,3
Cadeias de Apoio	19	0	19	0,1
Psiquiátricos não Prisionais	183	13	196	1,5
Total (nº de reclusos)	12213	939	13152	100
%	92,9	7,1		

Quadro nº 29 - População prisional segundo o género, por tipo de estabelecimento (Moreira, 2004, p. 47).

Apesar de a separação entre preventivos e condenados, prevista na lei, não coincidir com a realidade, os estabelecimentos concebidos para o acolhimento de reclusos condenados – Centrais e Especiais – alojam 90,7% da população prisional. Deve referir-se que a distribuição dos reclusos pelos estabelecimentos prisionais não se esgota na variável jurídico-penal, equacionando-se, também, o tipo de crime, a perigosidade dos sujeitos e, numa perspectiva de reinserção social, a proximidade dos internados e a sua área de residência. No entanto, os estabelecimentos prisionais centrais continuam a ser os que apresentam a maioria da população condenada.

O peso relativo dos reclusos preventivos provém, essencialmente, dos estabelecimentos prisionais de Lisboa e Porto, os quais, em secções próprias, alojam a esmagadora maioria dos reclusos que, sem terem ainda a pena definida, estão internados neste tipo de estabelecimentos. Devem, igualmente, ser tidos em linha de conta todos aqueles que, embora tenham já sido objecto de condenação, aguardam o trânsito em julgado das respectivas sentenças.

No Quadro nº 30, confronta-se a lotação prisional com a população prisional nos vários tipos de estabelecimentos prisionais, no ano de 2004.



Quadro nº 30 - Relação entre a lotação e o número de reclusos (Moreira, 2004, p. 48).

Ao centrarmos a nossa análise na capacidade de alojamento das prisões, voltamos a encontrar uma grande proximidade entre a disponibilidade de lugares e o volume de reclusos afectos aos diferentes tipos de estabelecimentos. Observa-se, assim, que o traço da distribuição dos reclusos, embora não seja coincidente, segue o compasso da disponibilidade de lugares nos diferentes tipos de estabelecimento. As diferenças nos centrais e especiais fazem-se por excesso, ou seja, o peso relativo da capacidade de alojamento é superior ao da taxa de reclusos aí colocados; nos regionais, faz-se por defeito. O mesmo é dizer que a situação se inverte e que a taxa global de sobrelotação se fixa, essencialmente, à custa da sobreocupação existente nos estabelecimentos prisionais regionais.

3.2.2. Níveis de escolaridade no meio prisional português

A fixação de objectivos estratégicos para o desenvolvimento do sistema prisional português decorre da clara definição das finalidades centrais que ele persegue. Claramente fixadas na lei, e nunca tendo sido postas em causa, as finalidades centrais traduzem-se em

assegurar a execução das medidas penais privativas da liberdade. Servindo a defesa da sociedade e prevenindo a prática de crimes, tal execução deve orientar-se no sentido da reintegração na sociedade e prevenindo a prática de crimes. Tal execução deve orientar-se no sentido da reintegração social do recluso, preparando-o para conduzir a sua vida de modo socialmente responsável sem cometer crimes, Artº. 43 do Código Penal (Gonçalves, 1982; Almeida & Vilalonga, 2005).

A razão da importância dada pelos Serviços Prisionais ao ensino assenta no princípio de que o preso não perde o direito constitucional e humanista de aprender. Neste sentido, existe uma articulação entre o Ministério da Educação e o Ministério da Justiça, para que os reclusos tenham acesso ao ensino.

A estrutura do ensino dentro das prisões é igual à das escolas do exterior – professores, currículos e avaliação, dentro do modelo do Ensino Recorrente, o que permite aos alunos continuarem os seus estudos em liberdade, após cumprirem pena.

Actualmente, é ministrado o 1º Ciclo do Ensino Básico em todos os estabelecimentos prisionais, e os 2º, 3º Ciclos e Ensino Secundário, em cerca de trinta estabelecimentos do país. Os currículos dos vários anos de escolaridade, praticados nas prisões, são os mesmos previstos em ambiente livre para o Ensino Recorrente de Adultos.

As finalidades do sistema prisional são (DGSP, 2004):

- Prevenir a reincidência, pela reinserção social.
- Contribuir para a segurança e paz social.
- Visar a recuperação de comportamentos e maneiras de ser.
- Promover a integração futura na sociedade.
- Responder aos desafios humanos e profissionais da vida em liberdade (pp. 59-61).

Como comentário a tais finalidades, defendemos que um dos objectivos estratégicos é o desenvolvimento do tratamento penitenciário na perspectiva da prevenção da reincidência e da promoção da reinserção social, sendo necessário reforçar as actividades de ensino, de aquisição de competências pessoais e sociais básicas, de formação profissional mais estreitamente relacionada com uma estratégia de colocação em trabalho e em emprego, de promoção da saúde e da prevenção/tratamento, especialmente no que respeita à toxicodependência e saúde mental, e do desenvolvimento de programas

específicos de prevenção criminal, de acordo com as diferentes tipologias comportamentais.

Outro dos objectivos é o reforço da ordem e da disciplina, sendo isso entendido como condição essencial para a prossecução das finalidades de execução das medidas penais. Para a obtenção das linhas gerais que norteiam o ambiente de reclusão a que o sistema penitenciário se propõe, é desejável, e tem sido cumprido dentro do possível, a criação de mecanismos de parceria entre os Ministérios da Justiça, do Trabalho, da Educação, da Cultura, da Solidariedade Social e Emprego, envolvendo as Confederações Empresariais e os Institutos para o desenvolvimento em questões da formação profissional, cultural e de alfabetização. Todos se relacionam com o trabalho prisional e a colocação em emprego, contribuindo para o desenvolvimento das zonas económicas prisionais e fixando um novo quadro para a relação jurídica do trabalho com reclusos.

Além disso, têm-se desenvolvido programas específicos de prevenção da reincidência, de acordo com diferentes tipologias de comportamento criminal, designadamente para a aquisição de competências pessoais e sociais e o controlo da agressividade e/ou destinados a grupos específicos (delinquentes sexuais, alcoólicos, etc.). Também se têm feito estudos sobre questões relacionadas com toxicod dependência e prisão, visando a apresentação de propostas que viabilizem o tratamento em meio prisional.

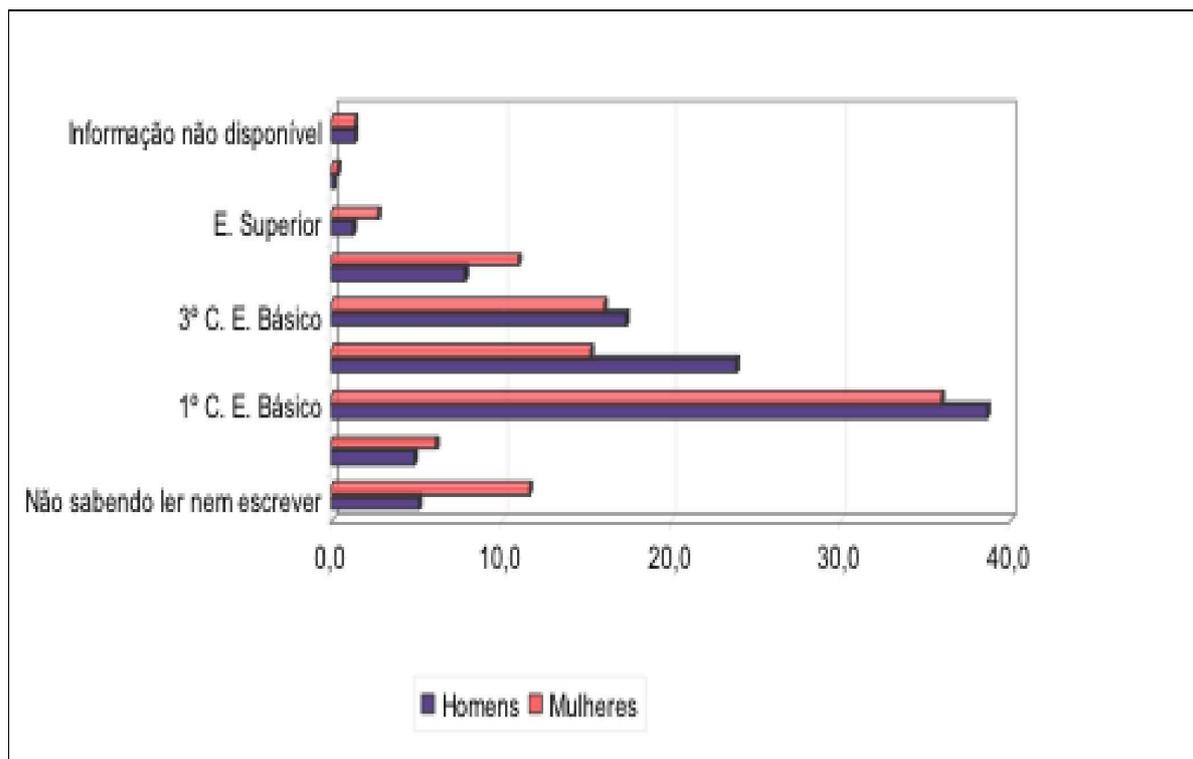
Por último, têm sido concretizadas várias acções, um pouco por todos os estabelecimentos prisionais, ao nível cultural, havendo um intercâmbio entre o interior e o exterior da prisão: teatro, desporto, encontros temáticos, jornais das próprias cadeias, conferências, visitas de estudo, encontros com escritores, concursos literários, clubes de leitura... Relativamente à população prisional das prisões portuguesas, ela caracteriza-se por possuir baixos níveis de escolaridade. Dos dados constantes do Quadro nº 31, fornecidos pela DGSP, verificamos que uma base relativamente alargada (10,5%) de indivíduos não passaram pelos bancos da escola. Para isso contribuíram 5,6% de analfabetos (mais 0,7% que em 2003) e 4,9% dos que aprenderam a ler e a escrever, sem que tivessem obtido qualquer certificado académico.

Sexo	Homens						Mulheres						Total	
	Portugueses		Estrangeiros		Total		Portuguesas		Estrangeiras		Total		Nº	%
Hab. Literárias	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	nº	%		
Não sabe ler nem escrever	560	5,5	65	3,2	625	5,1	93	13,1	16	7,0	109	11,6	734	5,6
Sabendo ler e escrever	475	4,7	107	5,2	582	4,8	34	4,8	23	10,0	57	6,1	639	4,9
Possuindo ensino:	9027	88,8	1819	88,9	10846	8,9	577	81,4	184	80,0	761	81,0	11607	88,3
1º CEB	4119	40,5	591	28,9	4710	38,6	282	39,8	55	23,9	337	35,9	5047	38,4
2º CEB	2556	25,1	340	17,1	2905	23,8	110	15,5	33	14,3	143	15,2	3048	23,2
3º CEB	1731	17,0	384	18,8	2115	17,3	111	15,7	39	17,0	150	16,0	2265	17,2
Secundário	505	5,0	313	15,3	818	6,7	59	8,3	30	13,0	89	9,5	907	6,9
Frequência Universitária	55	0,5	82	4,0	137	1,1	6	0,8	8	3,5	14	1,5	151	1,1
Superior	54	0,5	92	4,5	146	1,2	7	1,0	18	7,8	25	2,7	171	1,3
Outros Cursos	7	0,1	8	0,4	15	0,1	2	0,3	1	0,4	3	0,3	18	0,1
Informação não disponível	106	1,0	54	2,6	160	1,3	5	0,7	7	3,0	12	1,3	172	1,3
Total	10168	100	2045	100	12213	100	709	100	230	100	939	100	13152	100

Quadro nº 31 - Habilitações literárias dos reclusos, por género e nacionalidade (Moreira, 2004, p. 63).

Depois de um aumento de quase dez por cento, entre 2000 e 2001, a taxa dos que frequentaram ou concluíram os três níveis do Ensino Básico estabilizou, situando-se, em 2002 nos 79,3%, em 2003, nos 80,2% e, agora, em 2004, nos 78,8%. Esta evolução faz-se à custa de uma ligeira quebra daqueles que têm o 1º Ciclo deste nível de ensino (38,4% e 23,2%, ou seja, respectivamente, menos 0,8% e 0,7% do que em 2003) e, subsequentemente, de uma subida do peso percentual dos reclusos que entraram no sistema prisional com o 3º Ciclo do Ensino Básico e que são, em 2004, 17,2% dos internados.

Enquanto o peso do Ensino Secundário caiu dos 7,8%, de 2003, para os actuais 6,9% (2004), os que frequentaram ou concluíram o Ensino Superior mantiveram a proporção que haviam já registado o ano anterior. No gráfico aqui transposto no Quadro nº 32, distinguem-se as habilitações entre reclusos e reclusas.



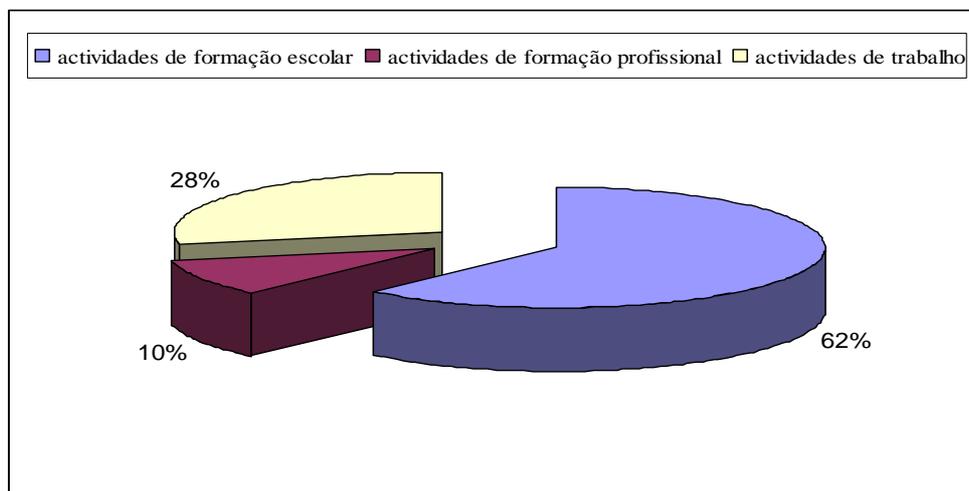
Quadro nº 32 - Habilitações literárias dos reclusos, por género (Moreira, 2004, p. 64).

A marca mais relevante é-nos dada pelos 17,7% de mulheres que chegaram à prisão sem antes terem entrado numa escola. Este valor, excedendo em 7,2% o global e em 7,8% o masculino, é tanto mais preocupante quando para ele contribuem 11,6% de reclusas analfabetas. O contributo feminino para a dimensão do analfabetismo entre a população reclusa reflecte-se na diminuição do espaço ocupado entre os que passaram pela escola. O Ensino Básico foi frequentado por 67,1 % das mulheres, quando os homens registam 79,7% com passagem por este nível de ensino. Aliás, o peso relativo da vertente feminina não se sobrepõe à masculina em nenhum dos níveis de Ensino Básico.

No entanto, uma das particularidades distintivas das mulheres é o de ultrapassarem os homens pelos extremos. Por um lado, a ausência de escolaridade, e, pelo lado oposto, começa a desenhar-se uma nova situação no Ensino Secundário, onde os 9,5% de mulheres superam, em quase três por cento os homens, e prossegue no ensino universitário, concluído ou simplesmente frequentado, em que aos 2,3% de reclusos se contrapõem 4,2% de reclusas.

Quanto ao tipo de ocupação dos reclusos no interior do sistema prisional (Quadro nº 33), a maioria (61,8%) está em actividades de trabalho e mais de um quarto (28,2%)

anda a frequentar a escola, remanescendo 10% para a formação profissional, de acordo com as estatísticas da DGSP. Registam-se mais de dois pontos percentuais de reclusos em actividades de trabalho.



Quadro nº 33 - Repartição dos reclusos, com ocupação, por tipo de actividade (Moreira, 2004, p. 66).

A previsibilidade desta distribuição tem, aqui, muito a ver com a capacidade de oferta, no caso de trabalho, e, face ao panorama académico, com a necessidade de escolarizar. Esta necessidade de transmissão do conhecimento é importante para a devolução dos reclusos à sociedade e imprescindível para o desempenho de algumas das actividades de trabalho existentes nas prisões e, sobretudo, para que possam vir a frequentar, com algum êxito, alguns dos cursos de formação profissional disponibilizados pela instituição.

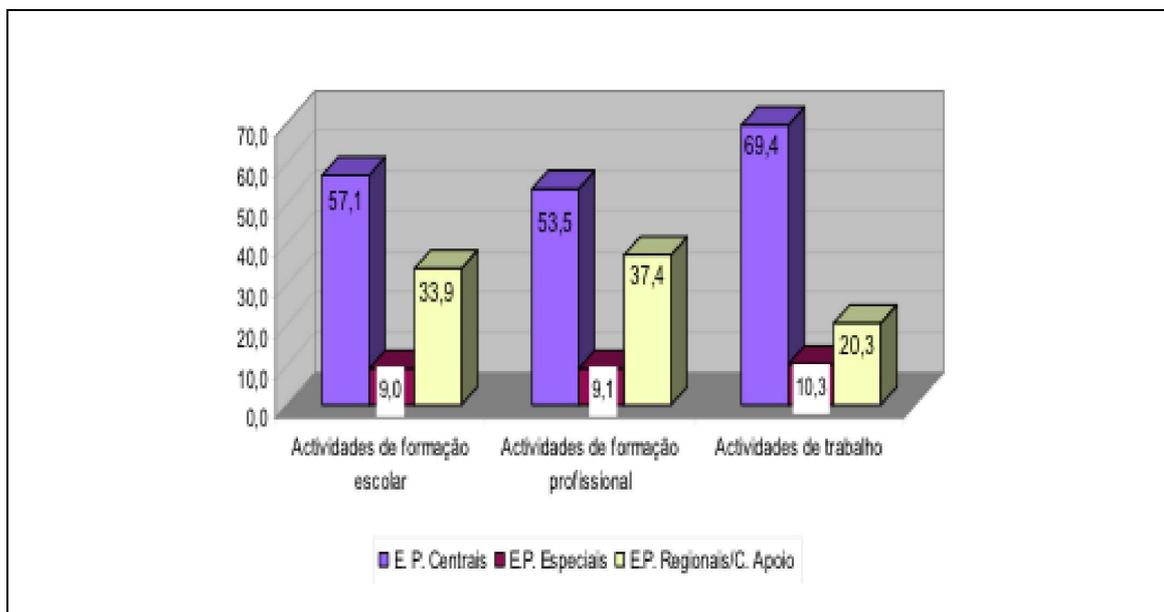
Reparando atentamente no Quadro nº 34, apresentado pela DGSP, percebemos que os 2800 reclusos que frequentam actividades escolares representam 21,3% da população prisional e 27,5% da que está condenada. Por outro lado, os 995 casos de participação em acções de formação profissional correspondem a 7,5% dos reclusos e a 9,8% dos que têm a pena definida e transitada em julgado. Por fim, a encabeçar a ocupação dos reclusos surgem as 6 144 referências a actividades de trabalho, o que equivale a 46,7% dos reclusos.

Actividades	número	%
Em actividade de formação escolar	2800	28,2
Em actividade de formação profissional	995	10,0
Em actividade de trabalho	6144	61,8
TOTAL	9939	100

* Não inclui inimputáveis em estabelecimentos psiquiátricos não prisionais

Quadro nº 34 - Ocupação dos reclusos por tipo de actividade (Moreira, 2004, p. 68).

No que se refere à distribuição, por tipo de estabelecimento prisional, deve ter-se em conta que nem todos os estabelecimentos prisionais possuem condições para o exercício das diferentes actividades, procedendo-se, com alguma frequência, à transferência de reclusos a fim de frequentarem acções de formação, como nos documenta o Quadro nº 35, segundo o estudo da DGSP.



Quadro nº 35 - Distribuição das actividades por tipo de Estabelecimento Prisional (Moreira, 2004, p. 71).

A maior parte dos três tipos de actividades concentra-se nos estabelecimentos prisionais centrais, visto neles se concentrar 65,4% da população prisional. Quanto aos

estabelecimentos prisionais regionais, a população reclusa (26,7%) foi objecto de formação escolar e profissional numa taxa superior ao valor da sua representatividade. A diferença por defeito diz respeito à actividade laboral, devido às limitações arquitectónicas, que estes estabelecimentos têm de oferta de trabalho.

Fazendo uma análise de dados fornecidos pela Direcção-Geral dos Serviços Prisionais a propósito da dinamização cultural levada a cabo nas prisões nacionais (2004), passamos à seguinte consideração, de forma resumida, essencialmente ligada ao âmbito do nosso trabalho.

Desde 1998, o Instituto Português do Livro e das Bibliotecas estabeleceu um Protocolo com o Ministério da Justiça, através da Direcção-Geral dos Serviços Prisionais, com o objectivo de alargar o Programa Nacional de Promoção da Leitura aos Estabelecimentos Prisionais. No âmbito deste acordo, têm vindo a ser desenvolvidas várias iniciativas:

- compra e oferta de livros para equipar as bibliotecas dos estabelecimentos prisionais;
- realização de iniciativas pontuais de sensibilização ao livro e à leitura;
- promoção de acções continuadas de contacto com textos e com os seus autores (sessões semanais ou quinzenais por períodos de três ou quatro meses);
- concursos de leitura e escrita.

Para a promoção da leitura, foram realizadas sessões de leitura, de prosa e poesia, sobre quatro escritores: Fernando Pessoa, Almada Negreiros, Manuel da Fonseca e Jorge de Sena. Essas sessões, apelidadas de "Quatro Poetas Prosadores", foram acompanhadas de uma breve panorâmica bio-bibliográfica e seguidas de debate em estabelecimentos da zona centro do país.

Realizaram-se recitais de poesia e prosa, intitulados "A Viagem", pois o tema reportava-se a viagens, com textos de escritores contemporâneos, nacionais e estrangeiros, com interpretação por um declamador, acompanhado de música. Estas iniciativas foram realizadas essencialmente em estabelecimentos prisionais do Norte, principalmente Centrais.

Além das duas actividades anteriores, também se verificaram "Encontros de Literatura". Tratou-se de encontros semanais, participados por grupos de 15 a 20 pessoas, durante três meses, onde se descobriram livros, se debateram ideias e se confrontaram vários tipos de linguagens: literária, plástica, científica e dramática. Para conduzir esses

encontros, foram convidados autores, artistas, músicos que partilham as suas experiências e as suas vivências.

Nestes encontros participaram vários escritores relacionados com o meio literário e a imprensa, bem como actores e músicos. Os mesmos tiveram lugar nos estabelecimentos prisionais da região de Lisboa, principalmente durante os meses de Verão.

Outra actividade interessante, e a que mais se verifica nas prisões, ou antes, em algumas delas, porque geralmente são privilegiadas as que estão mais junto dos grandes centros populacionais e das zonas onde existem mais possibilidades de convite a intelectuais e pessoas ligadas ao mundo do espectáculo e artes, é a designada por "A Vida Pode Ser Lida". O seu objectivo é a criação de um "Clube de Leitura", no qual se pretende desenvolver, através da leitura e da escrita criativa, as competências de leitura e as atitudes que favorecem a comunicação, o trabalho de grupo e o sentido de responsabilidade. São apresentados textos de poesia de autores contemporâneos, nacionais e estrangeiros, e é feita a leitura de textos em prosa. As sessões são semanais, com a duração de três horas, dinamizadas por um grupo de animadores culturais, durante quatro meses.

Esta actividade apenas se realizou em dois estabelecimentos da zona de Lisboa.

Por último, através da partilha de leituras e debates sobre textos apresentados, procura-se sensibilizar os participantes para a linguagem poética, desenvolver a imaginação e reflectir sobre os valores da cidadania, com sessões globalmente designadas por "A Poesia Não Tem Grades". Os textos são seleccionados de forma a captarem a atenção e o interesse dos participantes, tentando provocar a sua criatividade, convidando-os a escrever poemas e a partilhar a experiência da leitura e da escrita. Estas sessões são conduzidas por um grupo, "O Contador de Histórias", que se desloca à prisão durante três meses. Esta actividade foi apenas dirigida para os reclusos de alguns estabelecimentos prisionais da zona de Lisboa.

A prática da leitura pelos reclusos é um meio fundamental de promoção da sua educação e ressocialização. Para tal, existem nos estabelecimentos prisionais bibliotecas que permitem o acesso à leitura por parte de todos os reclusos. Existem, ainda, bibliotecas itinerantes que visitam os estabelecimentos prisionais regularmente.

Uma das formas de incentivar a prática da leitura e da escrita é através da organização de concursos literários nacionais abertos à participação dos reclusos. Têm sido levados a cabo dois concursos sob os seguintes temas: "A Prisão que Temos, A Prisão que Queremos" e "Preso ao Livro".

Para a reeducação do recluso contribui também a leitura de jornais do exterior, que os estabelecimentos recebem, e a própria elaboração de um jornal da cadeia e a participação nele. Pela sua importância formativa e informativa, a edição de jornais na prisão, em cuja elaboração participam os reclusos, tem vindo a ser incrementada, e hoje grande número de estabelecimentos prisionais tem o seu próprio jornal. No sentido de se proceder a uma reflexão sobre os objectivos e finalidade de um jornal, enquanto meio de comunicação dentro e fora do estabelecimento, têm-se promovido reuniões regionais abrangendo todas as prisões.

A formação profissional nos diferentes estabelecimentos prisionais é coordenada pela Direcção-Geral dos Serviços Prisionais e é levada à prática em colaboração com as diversas entidades públicas e privadas, especialmente orientadas para a promoção de actividades de formação profissional com vista à preparação para a vida activa dos reclusos, quer no meio prisional, quer, sobretudo, na comunidade.

Participam no desenvolvimento destas actividades:

. O Centro Protocolar de formação Profissional para o Sector da Justiça, entidade pública em cuja constituição participa o Instituto do Emprego e formação Profissional, a Direcção-Geral dos Serviços Prisionais e o Instituto de Reinserção Social, como principal promotor da formação profissional levada a cabo nas prisões.

. O Instituto do Emprego e formação Profissional que participa neste programa através de diversos cursos de formação que desenvolve em todo o país.

. Instituições Privadas de Segurança Social que proporcionam a frequência de cursos a reclusos em Regime Aberto Voltado para o Exterior [RAVE].

. O Ministério da Educação, que promove cursos profissionais ou profissionalizantes.

. As Câmaras Municipais e algumas empresas, que colocam reclusos em acções de formação.

O teatro ocupa um lugar importante na vida dos reclusos, sendo um espaço de criatividade, de libertação da carga emocional, e veículo de valores que promovem o espírito de grupo, o saber-estar e o saber-ser. Na actividade dos grupos de teatro dos estabelecimentos prisionais, realça-se a representação de peças de autores clássicos e de outras épocas literárias, pelos reclusos, assim como a representação realizada por companhias de teatro vindas do meio em que se insere a prisão.

A música, e sobretudo a sua prática, quando devidamente enquadrada, pode ser utilizada com objectivos sócio-educativos e é uma boa fonte de ocupação e entretenimento da população prisional. Tem sido apoiada e promovida a actividade musical nos estabelecimentos prisionais, o que permitiu a realização de vários festivais de música na prisão.

Além da vertente de ocupação de tempos livres e da criação de espaços de descompressão nas prisões, a actividade desportiva pode desempenhar um papel fulcral na promoção de estilos de vida que influenciam directamente a saúde e o bem-estar dos reclusos. A componente pedagógica do desporto permite ainda uma aprendizagem social e comportamental, contribuindo para a reinserção dos indivíduos na sociedade. Têm sido organizados Campeonatos Nacionais de Atletismo, de Futebol e de Remo Indoors.

3.2.3. Critérios para a selecção das prisões objecto de estudo

Perante o panorama apresentado anteriormente sobre o tipo de estabelecimentos prisionais e a sua distribuição no território nacional, tivemos de seleccionar aqueles que iriam ser objecto do nosso estudo. Para além do Estabelecimento Prisional [EP] de Lamego, onde temos leccionado, e que é para nós uma referência essencial, mais nenhum é do nosso conhecimento directo. Foi com a ajuda da Técnica de Reeducação e respectiva Directora do EP de Lamego que trabalhámos na selecção que iremos optar, de acordo com os normativos legais para trabalhos académicos em prisões.

Para isso, assumimos os seguintes critérios:

- selecção de prisões e reclusos que garanta representatividade a nível nacional;
- consideração de estabelecimentos prisionais regionais e centrais;
- participação de reclusos e reclusas (apesar de se registar um número muito inferior de reclusas, a nível nacional);
- aceitação em aderir ao estudo por parte das cadeias a contactar (poderão ser mais regionais ou mais centrais), face ao desafio;
- aceitação em aderir ao estudo por parte dos reclusos, com requisitos mínimos de leitura e escrita;
- a proximidade e facilidade de contacto e acessos (amostra de conveniência);
- contactos mais favoráveis com referência aos responsáveis pelo EP de Lamego.

No topo dos nossos critérios e intenções esteve, desde início, o intuito de conseguirmos a participação máxima de cadeias e de reclusos, dentro do número e das autorizações dos Serviços Prisionais Centrais. A população reclusa, devido à sua diversidade em termos de idade, sexo, tipo de crime e duração da pena dentro do estabelecimento prisional, torna difícil a selecção, não se podendo esquecer a formação e as habilitações literárias que possui.

Em face dos nossos contactos, por escrito, para alguns dos estabelecimentos prisionais, e as respectivas respostas a esses pedidos de participação no estudo, de acordo com a autorização prévia da Direcção-Geral dos Serviços Prisionais, a escolha recaiu nos estabelecimentos prisionais de Braga, Lamego, Vila Real, Felgueiras, Paços de Ferreira e Coimbra. Além disso, foram estes os estabelecimentos prisionais que nos responderam afirmativamente ao nosso convite escrito, após autorização dos serviços centrais, dentro da data limite que tínhamos para a realização da investigação.

Como gostaríamos de abranger prisões centrais e regionais, de modo a obtermos uma maior representatividade, e de fácil contacto geográfico, aceitámos estas, que na nossa opinião já proporcionariam um número diversificado de reclusos, sempre condicionados pela autorização superior, mas cuja decisão caberia sempre ao próprio estabelecimento cocontactado, pois poderia aceitar a autorização, ou não, dos serviços centrais.

Os estabelecimentos prisionais das Ilhas são em número reduzido, com uma população prisional diminuta, formada exclusivamente por residentes, e eram, para nós, de difícil contacto. Por outro lado, o Sul do país tem um menor número de estabelecimentos prisionais do que o Norte e, conseqüentemente, de detidos, não se encontrando estes reclusos em situações substancialmente diferentes das do resto da população prisional portuguesa no que se refere ao género, formação e idade.

3.2.4. Caracterização dos estabelecimentos seleccionados

Para melhor situarmos e visualizarmos a população reclusa que seleccionámos, daremos a conhecer, de forma global, os aspectos mais relevantes que caracterizam cada Estabelecimento Prisional participante.

3.2.4.1. Estabelecimento Prisional Regional de Braga

Instalado no edifício da antiga cadeia comarcã, este Estabelecimento Prisional foi criado em 1972, sendo constituído por quatro alas e camaratas. Está dotado de um pátio de recreio onde são praticadas várias modalidades desportivas. Em cada ala existe um refeitório, simultaneamente aproveitado como área de convívio. Possui duas salas de aula utilizadas para o Ensino Básico (1º e 2º Ciclos) e para a biblioteca.

Esta cadeia destina-se, essencialmente, a reclusos preventivos à ordem das Comarcas de Amares, Braga, Póvoa do Lanhoso, Vieira do Minho e Vila Verde.

A equipa de saúde é constituída por um médico, um enfermeiro e um auxiliar de acção médica. Os doentes têm consulta de clínica geral. É feito o acompanhamento e tratamento de casos da toxicoddependência em colaboração com o Centro de Atendimento a Toxicoddependentes (CAT) de Braga, o Hospital de S. Marcos, o Centro de Saúde Mental e a Administração Regional de Saúde (ARS) de Braga. É realizado um rastreio anual da tuberculose e, periodicamente, é efectuada a vacinação contra a Hepatite B (de reclusos e funcionários).

Para melhor apoio à formação, está a ser construída uma Sala de Trabalho/formação e a reestruturar-se a rede informática com a instalação de um Servidor no EP. Têm sido organizados Cursos de formação (Operadores de Informática, Curso de Pedreiro e Cestaria), pela DGSP/Estabelecimento Prisional Regional de Braga e Centro Protocolar para o Sector da Justiça.

O próprio Ministério da Educação tem promovido a realização de actividades como forma de proporcionar aos reclusos o acesso à cultura, ao desenvolvimento das competências estético-musicais, às tecnologias e à prática do desporto: cursos e ateliês de pintura e cerâmica, formação musical básica, iniciação/prática instrumental, iniciação/aperfeiçoamento nas Tecnologias de Informação e Comunicação, língua e cultura portuguesas, educação física e desporto. Como ocupação laboral, os reclusos fazem a manutenção e a limpeza dos espaços interiores e envolventes.

O ensino é assegurado por dez professores do Ministério da Educação. Encontram-se em funcionamento os 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico. As aulas abrangem 22% da população prisional, sendo complementadas com visitas de estudo.

Em média, 60% dos alunos obtêm aproveitamento escolar. Para além das actividades escolares, também existe a componente sócio-cultural e desportiva, constituída

por actividades da biblioteca (com cerca de 950 obras), realizando-se, com alguma frequência, acções de animação da leitura e participação em concursos literários e de expressão plástica.

Mensalmente, a prisão recebe a visita da Biblioteca Itinerante Municipal. É elaborado um jornal de parede e promovido o desporto (futebol de 5, andebol, voleibol e ténis de mesa), com competição interna de torneios destas modalidades, e ainda, de Xadrez e Damas. São realizadas competições externas, como é o caso do Campeonato Nacional Prisional de Futebol de 5.

Para que algumas destas actividades possam acontecer, o estabelecimento prisional conta com o apoio da Câmara Municipal de Braga (transporte de reclusos), Escola André Soares, Escola Carlos Amarante, Sporting Clube de Braga, Juntas de Freguesia e Centro Cultural de Santo Adrião (cedência de espaços desportivos, apoio a material e transportes), Centro de Área Educativa de Braga (disponibilização de professores) e Escola Associada.

Este estabelecimento prisional localiza-se no Concelho de Braga, não muito longe do centro da cidade. Possui uma lotação de cerca de 72 reclusos, com 2 técnicos de reeducação e 52 guardas prisionais. Os reclusos têm visitas dos familiares (dois tempos de uma hora, por semana), com alternância semanal e rotatividade em todos os períodos de visita (quatro, actualmente). Os reclusos podem receber três visitantes por período.

3.2.4.2. Estabelecimento Prisional de Coimbra

Localiza-se no concelho de Coimbra, em pleno centro da cidade, com uma lotação de cerca de 420 reclusos, 7 técnicos de reeducação e 165 guardas prisionais. Em 1889, foi construída junto ao Convento de Santa Ana, então fora do perímetro urbano da cidade (Cadeia Penitenciária de Coimbra). Destinava-se a reclusos condenados a penas superiores a 2 anos e delinquentes de "Difícil Correção".

É um estabelecimento fechado, de construção celular, obedecendo a disposições arquitectónicas que o inserem nos chamados estabelecimentos "em estrela", ou, de forma mais precisa, no sistema de Filadélfia, que permite uma maior facilidade de vigilância, graças à sua configuração (Sistema Panóptico de Bentham). A sua estrutura estende-se por oito alas destinadas ao alojamento dos reclusos e a serviços diversos.

Os espaços existentes estão vocacionados para a aprendizagem de vários ofícios, recentemente reapetrechados para responderem às solicitações nas áreas da formação e

produção, designadamente, de marcenaria, carpintaria, serração, serralharia, estofaria e encadernação. O estabelecimento prisional está, ainda, dotado de um ginásio de musculação e de uma vasta área com campo polidesportivo. Possui cinco salas de aula e uma sala de professores, situadas fora da zona prisional. A população prisional é maioritariamente constituída por reclusos em cumprimento de penas de longa duração. Por Despacho nº 26590/2001, de 31 de Dezembro, a zona prisional da Directoria de Coimbra da Polícia Judiciária foi reafectada à Direcção-Geral dos Serviços Prisionais, tendo ficado dependente do Estabelecimento Prisional Central de Coimbra.

Os principais investimentos têm-se verificado na remodelação e beneficiação de espaços numa das alas, adaptação de espaços para a secção de segurança e parlatório e instalação de cabines telefónicas.

A unidade de saúde está equipada com enfermaria, com quatro camas e gabinetes, nomeadamente de fisioterapia e estomatologia, sendo constituída por três médicos, cinco enfermeiros e um fisioterapeuta. Os doentes têm consultas de clínica geral, psiquiatria, medicina dentária e fisioterapia. É realizado um rastreio anual da tuberculose e, periodicamente, vacinação contra a Hepatite B (reclusos e funcionários).

Também a formação Profissional é aqui desenvolvida, através de cursos de informática (pelo Centro Protocolar para o Sector da Justiça), tapeçaria e operadores gráficos de encadernação (desenvolvidos pela Prosalis – empresa de formação). Como ocupação laboral, existem oficinas de carpintaria/marcenaria, alfaiataria, sapataria, reparação-auto, cestaria, serração, serralharia, estofaria e encadernação. Para além destas ocupações, é realizada a manutenção e a limpeza dos espaços da cadeia.

O ensino é assegurado por cerca de 15 professores que leccionam os 1º, 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico Recorrente e o Ensino Secundário Recorrente. As aulas abrangem 24% da população do estabelecimento. Em média, 49% dos alunos obtêm aproveitamento escolar. Para além das aulas, existem actividades sócio-culturais e desportivas: escola de música e agrupamentos musicais, que ensaiam regularmente, com actuações em vários encontros e festivais inter-prisões; prática de várias modalidades desportivas – torneios e campeonatos de futebol de 5, musculação, ténis de mesa, malha, basquetebol, campeonato nacional prisional de atletismo, de futebol de 5 e remo-*indoor* inter-prisões; teatro para promoção do desenvolvimento das capacidades pessoais, recorrendo, de uma forma adaptada, à dramoterapia e ao funcionamento de ateliês de criação teatral, iniciação ao trabalho de actor e aperfeiçoamento da voz e sua colocação.

A biblioteca dispõe de cerca de dez mil obras e o género literário mais lido é o policial. Os reclusos têm participado em concursos literários e de expressão plástica.

Devido a todas estas actividades que, além de se realizarem no interior da prisão, também são realizadas no exterior, os responsáveis contam com o apoio de determinados organismos: Centro de Área Educativa de Coimbra, EB2, 3 Eugénio de Castro, Escola Secundária de Coimbra, Associação de Futebol de Coimbra (colaboração técnica), Associação Distrital de Xadrez, Centro de Atendimento a Toxicodependentes de Coimbra (CAT), Câmara Municipal de Coimbra, Hospitais da Universidade, Universidade de Coimbra e Câmara Municipal da Lousã.

As visitas verificam-se em três dias por semana e aos feriados, de manhã ou de tarde, durando cada sessão cerca de duas horas.

O Estabelecimento Prisional Regional de Coimbra, localizado no centro da cidade, também participou, apenas com a população feminina. Possui cerca de 243 reclusos, como lotação, com 4 técnicos de reeducação e 50 guardas prisionais. Foi criado em 1972 e, em 1997, procedeu-se à instalação de três pavilhões dentro do perímetro do Estabelecimento Central. Um deles foi destinado ao alojamento de reclusos preventivos, outro a condenados e um terceiro a serviços administrativos. Dispõe de um campo polidesportivo.

O sector feminino do estabelecimento situa-se no antigo anexo psiquiátrico de camaratas e celas individuais e de um espaço para o acolhimento de crianças (filhos e filhas de reclusas). Este estabelecimento destina-se, essencialmente, a reclusos preventivos à ordem dos Tribunais das Comarcas de Arganil, Cantanhede, Coimbra, Condeixa-a-Nova, Figueira da Foz, Figueiró dos Vinhos, Lousã, Montemor-o-Velho, Oliveira do Hospital, Penacova, Penela, Soure e Tábua.

A unidade do EP está equipada com dois gabinetes de primeiros socorros e dispõe de um médico e três enfermeiros. Têm consultas de clínica geral e psiquiatria. O acompanhamento e tratamento de toxicodependentes é garantido pelo Centro de Atendimento a Toxicodependentes (CAT) de Coimbra, estando disponíveis, entre outros, programas de antagonistas e de substituição com metadona. É realizado um rastreio anual da tuberculose e, periodicamente, a vacinação contra a Hepatite B (reclusos e funcionários).

Existe, também, a componente de formação Profissional com cursos de Iniciação Artística (Tapeçaria, Pintura e Azulejaria) em articulação com o Instituto Português da

Juventude. Como ocupação laboral, a manutenção e limpeza constituem as duas principais actividades.

Quanto ao ensino, são assegurados os 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico Recorrente, com aulas ministradas por professores do Ministério da Educação, abrangendo 22% da população prisional. Em média, 35% dos alunos obtêm aproveitamento escolar. Como actividades sócio-culturais, têm-se desenvolvido vários concursos literários e de expressão plástica, no âmbito da dinamização da biblioteca, que possui cerca de 1400 obras, e ainda actividades desportivas, como basquetebol, futebol de 5, atletismo e badmington.

O estabelecimento tem parcerias e protocolos com o Centro de Área Educativa de Coimbra, Instituto Português da Juventude, Associação de Futebol de Coimbra e Delegação do Instituto Nacional do Desporto.

O horário de visitas é dividido entre a terça-feira e quinta-feira (presos preventivos), em períodos de cerca de duas horas. Às quartas-feiras, para os presos condenados, o período é de cerca de uma hora e meia.

3.2.4.3. Estabelecimento Prisional Regional de Felgueiras

Situa-se no concelho de Felgueiras, distrito do Porto, mais precisamente em Margaride, com capacidade para 33 reclusas, 2 técnicos de reeducação e 28 guardas prisionais. Durante anos, serviu como cadeia de apoio ao Estabelecimento Prisional Regional de Braga e, mais tarde, ao Estabelecimento Prisional do Porto. Em 1991, após obras de remodelação, reabriu como Estabelecimento Feminino e como Cadeia de Apoio ao Estabelecimento Prisional Regional de Guimarães. Em 1996, foi criado como Estabelecimento Prisional Regional.

A estrutura desta cadeia é constituída por um único edifício com três pisos, com celas individuais e camaratas. As mulheres grávidas ou com filhos até três anos são alojadas, prioritariamente, no rés-do-chão. Dispõe de gabinete médico, cozinha e lavandaria. Dada a sua reduzida dimensão, o estabelecimento não dispõe de creche, pelo que as crianças filhas das reclusas frequentam um infantário exterior. Como o pátio existente é pequeno, as reclusas utilizam o pavilhão gimnodesportivo de escolas da comunidade envolvente. A população prisional é constituída por reclusas condenadas oriundas da região Norte do país.

A equipa de saúde do Estabelecimento Prisional é constituída por um médico e um enfermeiro. As reclusas doentes têm consulta de clínica geral, sendo as consultas da especialidade asseguradas pelo Hospital de Guimarães ou pelo Hospital de Felgueiras. É realizado um rastreio anual da tuberculose e, periodicamente, a vacinação contra a Hepatite B (reclusas e funcionários).

Nesta cadeia, não têm sido realizadas acções de formação, dada a inexistência de espaços adequados para o efeito, na instituição. No entanto, são desenvolvidas actividades de ocupação laboral: manutenção e limpeza do EP, cozinha, lavandaria, jardim, execução de trabalhos para empresas locais (calçado, acabamentos têxteis, etiquetas), sendo a taxa de ocupação das reclusas de 85%.

Quanto ao ensino, é só assegurada a leccionação do 1º Ciclo do Ensino Básico Recorrente. As aulas são ministradas por um professor destacado pelo Ministério da Educação e têm abrangido 35% da população prisional. Na cadeia, funcionam ainda actividades extra-curriculares asseguradas por professores colocados pelo Ministério da Educação, através da escola associada do EPR (Escola Básica [EB] 2,3 de Lagares) – Educação Física, Educação Visual e Informática.

Para além destas actividades, a biblioteca promove Clubes de Leitura, Poesia e Concursos Literários, em colaboração com a Biblioteca Municipal de Felgueiras e o Instituto Português do Livro e das Bibliotecas. O Instituto Português do Livro e das Bibliotecas [IPLB] assegura ao EP a assinatura anual do Jornal de Notícias. Existem cerca de 1440 obras na biblioteca. É elaborado um jornal, "O Sentir", tendo-se iniciado a sua edição em 2002. As reclusas praticam andebol, voleibol, basquetebol, ginástica e futebol de 5, em pavilhões gimnodesportivos e no pátio do EP.

As entidades que colaboram com este EP são as relacionadas com o ensino, a saúde, o desporto e o trabalho: EB23 de Lagares, Centro de Área Educativa do Tâmega, Biblioteca Municipal e Câmara Municipal de Felgueiras, empresas de calçado, têxteis e de etiquetas, Centro de Saúde de Felgueiras e Hospital de Guimarães. As visitas registam-se todos os dias, excepto à segunda-feira.

3.2.4.4. Estabelecimento Prisional Regional de Lamego

Instalado no edifício da antiga Cadeia Comarcã, construída na década de 50, este estabelecimento passou a Estabelecimento Prisional Regional em 1973. Situa-se no

concelho de Lamego, nos arredores da cidade. Possui uma lotação de 67 reclusos, 1 Técnica de Reeducação e 29 guardas prisionais. É constituído por uma ala com três pisos e um sector de regime aberto, ambos com celas e camaratas. Nos últimos anos, com mão-de-obra prisional, realizaram-se obras de remodelação que permitiram aumentar a lotação e criar espaços destinados ao ensino, formação profissional, trabalho, cozinha e salas de convívio.

A prática do desporto é efectuada, quer no pátio do estabelecimento, quer em locais próprios da comunidade. A população prisional é essencialmente constituída por reclusos preventivos à ordem dos Tribunais das Comarcas de Armamar, Castro Daire, Cinfães, Lamego, Mesão Frio, Moimenta da Beira, Peso da Régua, Resende, São João da Pesqueira e Tabuaço.

A Equipa de saúde do EP é constituída por dois médicos e um enfermeiro. Os reclusos doentes têm consulta de clínica geral e de medicina dentária (esta no exterior). O acompanhamento e tratamento de toxicodependentes é garantido pelo Centro de Atendimento a Toxicodependentes [CAT] de Viseu e pelo Centro de Saúde de Lamego. É realizado rastreio anual da tuberculose pelo Centro de Diagnóstico Pneumológico de Coimbra e, periodicamente, a vacinação contra a Hepatite B (reclusos e funcionários) e contra o tétano.

A formação profissional não é esquecida. A Prosalis – empresa de formação – ministrou o curso de serralharia civil/alumínios, e o Ministério da Educação proporciona bolsas de actividade de encadernação e tapetes de arraiolos. Para além destes cursos, também a ocupação dos reclusos é feita através da manutenção e limpeza do espaço prisional e a execução orientada de tapetes de arraiolos, serralharia, electricidade e canalização. Através da Escola Secundária/3 da Sé, a Escola Associada, está assegurado o funcionamento dos 1º, 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico Recorrente. As aulas são ministradas por 13 professores do Ministério da Educação e abrangem 60% da população prisional. Em média, 72,5% dos alunos obtêm aproveitamento escolar. Existe uma biblioteca que dispõe de 1 301 obras. É elaborado um jornal do EP, "Voz da Liberdade". Os reclusos têm educação Musical, leccionada por um professor da Academia de Música de Lamego, participam em debates e colóquios, certames, exposições de artesanato e actividades desportivas (as mesmas dos outros estabelecimentos).

Os organismos que detêm uma ligação ao EP estão relacionados com o ensino, o desporto, o trabalho e a saúde: Centro de Área Educativa Douro Sul, Escola Secundária da

Sé de Lamego, o Instituto Nacional do Desporto [IND], Associação de Futebol de Viseu, Câmara Municipal de Lamego, CAT de Viseu, Administração Regional de Saúde do Centro, Junta de Freguesia de Almacave e Câmara Municipal de Tarouca. Os reclusos podem receber visitas todos os dias, excepto à segunda-feira.

3.2.4.5. Estabelecimento Prisional de Paços de Ferreira

Em 1957, foi inaugurada a Cadeia Central do Norte, recebendo os seus primeiros reclusos em Dezembro desse ano. Inicialmente destinada a reclusos condenados a penas de prisão superiores a 6 meses, as suas instalações permitiam que se alojassem, em separado, outras categorias de população prisional, como era o caso dos menores a aguardarem entrada na Prisão-Escola e delinquentes de difícil correcção.

Ocupando uma área de 80 hectares, a prisão dispõe ainda de cerca de 200 hectares de terreno à sua volta. Tem uma disposição arquitectónica igual à do Estabelecimento Prisional do Linhó, que se assemelha a um "H", sendo a designação correcta a de "ferradura". Neste caso, duas "ferraduras" encostadas, ou seja, o estabelecimento é constituído por duas alas laterais ligadas por uma ala transversal, englobando celas individuais e camaratas.

O estabelecimento prisional desenvolve uma intensa actividade laboral intra-muros, com especial incidência em trabalhos de marcenaria, factor a que não é alheia a sua localização geográfica – Seroa, concelho de Paços de Ferreira. Realce-se, aliás, a colocação de um número significativo de reclusos em empresas da região que se dedicam àquela actividade económica.

Em 1998, entrou em funcionamento a Unidade de Saúde devidamente equipada e capaz de fazer face às solicitações dos reclusos do próprio EP e de outros da Região Norte. Está em fase de conclusão a construção, num terreno contíguo ao estabelecimento, de um novo espaço prisional com capacidade para cerca de 300 reclusos.

A lotação deste estabelecimento é de cerca de 460 reclusos, com 7 técnicos de reeducação e 167 guardas prisionais. Os reclusos são, na maioria, condenados e oriundos do Norte e "Grande Porto".

A Unidade de Saúde do EP está equipada com gabinete de estomatologia (que recebe os reclusos dos estabelecimentos prisionais de Guimarães, Felgueiras e Monção) e enfermaria, com dezanove camas, e é constituída por um médico dentista, um médico

psiquiatra, um médico infecciosologista, dois clínicos gerais, dois psicólogos clínicos, quinze enfermeiros e três auxiliares de acção médica. É realizado um rastreio anual da tuberculose e, sistematicamente, a vacinação contra a Hepatite B (reclusos e funcionários).

Na formação profissional, têm sido ministrados os seguintes cursos: marcenaria; informática pelo Centro Protocolar para o Sector da Justiça; serralharia civil, serralharia mecânica, cerâmica artesanal e jardinagem, pelo Instituto do Emprego e formação Profissional; iniciação à fotografia, arte dramática e desenvolvimento de competências musicais e desporto, pelo Projecto Vida/Programa Reinsere e curso de canalizadores pela Prosalis. Também os reclusos desempenham tarefas laborais dentro do EP: criação de ovelhas e culturas arvenses, marcenaria, serralharia civil, sapataria, cantaria, artesanato, manutenção e limpeza dos espaços do EP.

O estabelecimento prisional possui um núcleo escolar, com instalações próprias, que assegura o funcionamento dos 1º, 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico Recorrente, o Ensino Secundário Recorrente e o apoio ao Ensino Superior Universitário (alunos auto-propostos e ensino à distância). As aulas são ministradas por 22 professores do Ministério da Educação e abrangem 32% da população prisional. Em média, 45% dos alunos obtêm aproveitamento escolar.

A biblioteca dispõe de cerca de 5 240 obras, realizando com bastante frequência Encontros de Literatura, acções de animação da leitura, concursos literários, passagem de filmes e documentários. São realizadas actividades relacionadas com a actualidade social (por exemplo: Dias Mundiais de..., calendário religioso, etc.). O jornal "O Acto" é elaborado com regularidade (bimestral). Um grupo de reclusos tem estudado e dramatizado alguns textos. Existe um agrupamento musical "Contratempo" que ensaia regularmente e tem actuado em vários Encontros e Festivais de Música. São praticados vários desportos, com competições internas e externas: atletismo, voleibol, xadrez, damas, futsal e remo-indoor.

Vários organismos se articulam com a dinâmica do EP, de acordo com as actividades de ensino, formação, trabalho e desporto: Câmara Municipal, Futebol Clube do Porto, Boavista Futebol Clube, Clube de Paços de Ferreira e Futebol Clube de Freamunde, Centro da Área Educativa do Tâmega, EB 2,3 e Escola Secundária [ES] de Paços de Ferreira, a empresa EFACEC, Universidade do Minho, Instituto Superior da Maia, Faculdade de Psicologia da Universidade do Porto, Junta de Freguesia de Lamelas, Centro

de formação Profissional do Porto e Quinta do Pinheiro. As visitas para os reclusos efectuam-se aos sábados, domingos e feriados, de manhã e de tarde.

3.2.4.6. Estabelecimento Prisional Regional de Vila Real

Fica situado no concelho de Vila Real, num bairro local, mesmo no limite da cidade. Construído em finais da década de 40, a partir do edifício da antiga Cadeia Comarcã, esta cadeia passou a Estabelecimento Prisional Regional em 1973. É constituída por dois pisos, com três alas masculinas e um sector feminino, com celas individuais, camaratas e sector disciplinar.

Recentemente, foram realizadas obras e construídas instalações para o alojamento do pessoal de vigilância, sala de convívio e bar, bem como para gabinetes de actividades diversas. O estabelecimento dispõe de gabinete médico, salas de aula, capela, parlatório e sala para formação profissional.

O sector feminino foi totalmente remodelado, durante o ano de 1999, dispondo agora de equipamento próprio para receber os filhos das reclusas. Para a prática desportiva, dispõe de dois pátios descobertos, um em cada sector. A população prisional deste estabelecimento é de cerca de 68 reclusos, com 2 técnicos de reeducação e 33 guardas prisionais. É essencialmente constituído por reclusos preventivos à ordem dos Tribunais das Comarcas de Alijó, Amarante, Celorico de Basto, Marco de Canavezes, Mondim de Basto, Murça, Sabrosa e Vila Real.

A equipa de saúde é constituída por dois médicos, um psicólogo clínico e dois enfermeiros. Os reclusos doentes têm consulta de clínica geral e psicologia clínica. O acompanhamento e tratamento da toxicodependência é garantido pelo Centro de Atendimento a Toxicodependentes de Vila Real, estando disponíveis, entre outros, programas de substituição com metadona. É realizado rastreio anual da tuberculose, rastreio sistemático das doenças infecto-contagiosas a todos os entrados e, periodicamente, a vacinação contra a Hepatite B (reclusos e funcionários).

Como acções de formação profissional, o EP tem proporcionado aos reclusos cursos de trolha/ladrilhador, pintura de construção civil e canalizações (promovidos pelo Centro Protocolar para o Sector da Justiça), ateliê de pintura, no âmbito do Programa "Motivar para Reinsserir" (pelo Ministério da Educação). Na ocupação do dia-a-dia, as

tarefas repartem-se por várias actividades: tapetes de arraiolos, cozinha, manutenção, limpeza e emissão a partir do EP, da rádio local.

No que se refere ao ensino, é assegurado o funcionamento dos 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico Recorrente. As aulas são ministradas por 8 professores do Ministério da Educação e abrangem 43% da população prisional. Em média, 48% dos alunos obtêm aproveitamento escolar. Para além da formação profissional e do ensino, também se desenvolvem outras actividades sócio-culturais. A biblioteca, que dispõe de cerca de 1100 obras, tem realizado concursos literários, várias acções de dinamização da leitura e escrita. O jornal "Fronteira" é elaborado com regularidade. Na área das expressões, é facultado o ensaio do grupo musical "ÉDEN", com reclusos, para actuar em Encontros e Festivais de Música. É apoiado por um professor do Ministério da Educação. Também a educação Visual é ministrada por um professor especializado e o desporto conta com a prática de várias modalidades: ginástica, voleibol, futebol de 5, andebol e basquetebol. Os reclusos têm participado em competições externas com escolas e no campeonato nacional prisional de futebol de 5, sempre orientados por um professor de educação Física. Realizam-se, periodicamente, colóquios, nomeadamente sobre ambiente, saúde, comunicação social e protecção civil.

A articulação com o exterior, a exemplo de outras prisões, faz-se com entidades ligadas ao desporto, ensino, saúde e trabalho: Centro de área Educativa de Vila Real, EB 2,3 Diogo Cão, empresas (garagem/oficina), Associação de Futebol de Bragança, Administração Regional de Saúde do Norte – Subregião de Vila Real e Centro de Atendimento a Toxicodependentes (CAT) de Vila Real, Direcção-Geral das Florestas e Junta de Freguesia de Nossa Senhora da Conceição. O horário de visitas aos reclusos/as é às quartas-feiras e domingos.

3.3. Apreciação final sobre os estabelecimentos prisionais seleccionados

Em suma, todos os estabelecimentos objecto de estudo possuem uma estrutura de funcionamento semelhante. Os cuidados de saúde são os essenciais para o tipo de meio. Mesmo assim, as cadeias centrais estão mais bem apetrechadas, com pessoal médico e material. As acções de formação profissional são diversificadas, o que é mais notório nos estabelecimentos centrais. Também é nestes que a oferta de ensino é maior por ciclos de escolaridade. A biblioteca está sempre presente, com o mesmo tipo de dinamização, o que

nem sempre é conseguido (sabemos isto pela prática e pelos contactos com responsáveis) por desinteresse dos reclusos, por as actividades serem muito repetitivas ou por os reclusos preferirem as actividades laborais.

A ligação com o exterior concretiza-se sempre ao nível das mesmas áreas: ensino, desporto, saúde, trabalho. Realça-se o facto de o EP de Vila Real, apesar de Regional, apresentar um programa de Rádio com Acções de formação mais abrangentes.

3.4. Caracterização dos reclusos no meio seleccionado

Os seis estabelecimentos prisionais que participaram no estudo repartem-se pelas zonas Norte e Centro do país, e, como já foi atrás referido, são representativos da maioria da população prisional em termos de tipos de crime, de faixa etária, formação e níveis de escolarização, para além do facto de se terem disponibilizado para colaborar no presente trabalho, que envolve, para eles, atenções especiais, como segurança e acompanhamento por parte dos técnicos de reeducação.

Dois deles são Centrais: Coimbra e Paços de Ferreira. Os restantes são Regionais. Um deles recebe apenas população feminina, Felgueiras; Coimbra e Vila Real encerram reclusos e reclusas. Os de Lamego, Braga e Paços de Ferreira funcionam apenas com reclusos.

Quanto à idade dos reclusos, apesar de alguns deles, no nosso estudo, não terem preenchido o espaço reservado no questionário para esse efeito, ela oscila entre os 20 e os 65 anos, predominando a faixa entre os 24 e os 49 anos de idade. Os homens são mais novos, de forma global, em relação às mulheres, de acordo com aquilo que preencheram e a ideia com que ficámos aquando do contacto pessoal na aplicação dos textos, confirmado pelos técnicos de reeducação que nos acompanharam.

A sua situação penal não está muito longe da média nacional. Os dados que conseguimos foram através do diálogo com os reclusos, sobretudo aqueles que, ao longo do período de aplicação do questionário, mais nos falaram de si, e foram confirmados pelos respectivos técnicos de reeducação. Estes não nos forneceram esses dados por escrito, pois não tinham permissão para o fazer. No entanto, concluíram que os homens, na sua maioria, estão presos devido a crimes de furto, roubo e tráfico de estupefacientes. Alguns cumprem penas por homicídio devido a motivos passionais ou a situações de conflito ocasional, mas

em número inferior. Nas mulheres, predomina essencialmente o crime de furto, roubo e tráfico de droga.

3.4.1. Nível de alfabetização e literacia dos reclusos seleccionados

Os reclusos participantes no nosso estudo possuíam a escolaridade mínima obrigatória. Alguns frequentavam ainda o ensino (2º ou 3º Ciclo). Uma grande parte já tinha concluído o 3º Ciclo, mas uma pequena percentagem era detentora apenas do 1º Ciclo. Isso aconteceu mais com as reclusas, em que havia pessoas mais idosas. Todas estas informações foram recolhidas, ora dialogando com os reclusos, ora com os técnicos de reeducação. As informações escritas e formais não nos puderam ser facultadas, caso a caso, uma vez que faz parte do sigilo a que estão obrigados os responsáveis dos estabelecimentos prisionais.

De acordo com a capacidade de leitura dos participantes e da sua capacidade de compreensão, as informações que nos prestaram ativeram-se com as reacções aos textos. Os reclusos não gostam de ler, e quando lêem não mostram compreender facilmente o que lêem, apesar de nos informarem de que a adesão à leitura de jornais, revistas, policiais e romances tem vindo a crescer, talvez devido à necessidade de entretenimento, às actividades de dinamização da leitura e expressão dramática desenvolvidas nos EP.

As leituras preferidas são relativas à sua condição (ideias, acção, sucesso, luta, ambição, modelos...), recorrendo os reclusos a elas ou como catarse ou como justificação e solidariedade. As expectativas de futuro são muito pouco animadoras para esta população prisional, que só tem interesse em ler quando quer fazer reconhecer o seu mérito, a sua competência em público. A poesia ou a escrita livre e criativa são sempre aceites, desde que reconhecidas, apesar de serem notadas dificuldades ortográficas.

Todas estas informações foram conseguidas através dos nossos contactos com reclusos e com técnicos e professores.

3.5. Caracterização do meio prisional português

A primeira leitura dos dados a que tivemos acesso (da Direcção-Geral dos Serviços Prisionais), referentes a 2004, permitem concluir que houve um decréscimo da população reclusa em relação a 2003. Registou-se mais mobilidade e mais quotidianos vividos sob

pressão de um número mais elevado de reclusos, com as consequências que daí advêm em termos de despesas e de capacidade de resposta para os problemas mais imediatos.

Em termos genéricos, pode afirmar-se que os reclusos se caracterizam, a exemplo de anos anteriores, por serem predominantemente do sexo masculino, adultos, com baixos níveis de escolaridade, maioritariamente de nacionalidade portuguesa e condenados a penas entre os três e os seis anos, por crimes patrimoniais.

Os perfis masculino e feminino da reclusão estabelecem-se relativamente à idade, sendo a média etária integrada na segunda metade da casa dos trinta anos. Verifica-se o envelhecimento da parte feminina e maior juventude da parte masculina.

A média de escolarização é o Ensino Básico, notando-se predominante nos homens. No nível da formação académica das reclusas, não é despiciendo referir a composição extremada existente, que se encontra entre o analfabetismo e a frequência universitária. Atendo-nos à situação jurídico-penal, a média geral da prisão preventiva avulta mais no feminino que no masculino.

Entre os condenados, apesar de ambos os sexos estarem maioritariamente confrontados com penas entre os três e os seis anos de privação da liberdade, são os homens que mais ajudam a preencher o espaço ocupado pelos escalões penais acima dos nove anos de confinamento. As reclusas quase duplicam o papel dos homens no que diz respeito aos estupefacientes, deixando para eles a maior fatia de condenação por crimes patrimoniais e contra as pessoas.

Os dados apresentados em gráficos e quadros, no nosso trabalho, foram-nos disponibilizados pelos Serviços Prisionais e referem-se a uma parte do ano de 2004. Queremos ressaltar que nem sempre os dados coincidiram exactamente uns com os outros, por mais que tivéssemos procurado que assim fosse. Foi-nos explicado que o número de reclusos está a sofrer constantes alterações devido às penas e à sua duração, o que implica uma constante alteração no total de reclusos e nos dados obtidos.

3.6. Descrição do Estudo

3.6.1. Razões da escolha do tema do trabalho

No meio prisional, deparamos com pessoas que, ou perderam, ou não podem aceder a um lugar, a um espaço na sociedade, e se vêem, então, postas de lado, excluídas em

consequência de uma série de experiências e vivências negativas que levam ao isolamento e ao vazio relacional.

Sendo a leitura, as bibliotecas, os clubes de leitura, as comunidades leitoras e outras manifestações culturais com elas relacionadas uma importante via a ter em conta na educação de qualquer cidadão, e portanto na formação e reinserção dos reclusos, partimos desta constatação e, deste modo, desejamos ultrapassar dificuldades ao nível da leitura e da própria valorização destes cidadãos e cidadãs, tentando minorar a inadaptação/tensão individual e colectiva relativamente a quem foi parar à prisão, ficando privado da sua liberdade.

Há que fazer algo por essas pessoas, fazê-las reflectir, pensar em valorizarem-se para integrarem o mundo cada vez mais globalizado, complexo e hostil em que vivemos, recorrendo a uma formação e a apoios que lhes permitam realizar-se, cooperar e, sobretudo, não voltar a delinquir.

No meio penitenciário, importa promover uma educação para as competências e os valores, o que pressupõe um empenhamento lúcido de toda a estrutura institucional com marcas altamente humanizantes. O homem é sempre um projecto irrealizável, alguém que quer ir mais longe, em busca de si e dos outros (Heidegger, 1992).

A concepção de que partimos é a de que o cárcere tem adquirido, nos últimos tempos, considerável visibilidade e importância, não só ao nível da opinião pública, do tratamento informativo e científico, como também da preocupação política, em busca de soluções ou alternativas a esta forma de privação da liberdade. Factores como o crescimento quantitativo do número de detidos, a mudança na estrutura social do delito em situações como droga, crimes contra o património, contra pessoas, contra a vida em sociedade, etc., são elos de uma teia que explicam e justificam a importância e o eco do penitenciário no nosso momento social e político.

O presente projecto vem na sequência de um outro por nós realizado no âmbito do curso de Mestrado em Supervisão Pedagógica em ensino do Português – A leitura na Prisão, que constituiu para nós uma primeira abordagem ao tema da leitura na prisão, procedendo ao conhecimento de hábitos de leitura dos reclusos (Afonso, 2000). Partimos de um questionário aplicado em vários estabelecimentos prisionais do Continente e Ilhas. Além disso, a motivação foi crescendo, já que notamos, ao nível dos cursos de formação de reclusos, que há um vazio de valores, de reflexão, do conhecimento e entendimento do mundo por parte destes formandos/cidadãos. Este facto impeliu-nos a encetar o presente

trabalho, na linha da leitura de textos, sua compreensão, reflexão e discussão, sempre que possível, como meio para os reclusos atingirem a autonomia, o gosto pela vida, a auto-estima, o acesso à cultura e aos valores humanos e humanitários que lhes permitam enfrentarem a vida em liberdade, na sociedade globalizadora, multicultural, competitiva e egoísta que é a nossa.

Em suma: pretendemos aprofundar o nosso conhecimento acerca dos reclusos, numa área determinante para a formação de qualquer ser humano, que é a leitura e a compreensão de textos, numa perspectiva de desenvolvimento da literacia, e desenvolver processos, com propostas concretas, de modo a podermos ajudá-los nessas matérias.

Para conhecermos a realidade e decidirmos como intervir, propusemo-nos colocar o recluso perante uma tipologia variada de textos, exprimindo-se perante situações problemáticas, e obrigando-os a pensar, reflectir, interiorizar, procurar argumentos, assumir uma atitude activa e cooperante, num trabalho não só individual como grupal, predispondo-se a tornar-se cidadão reflexivo e participativo.

Quisemos observar e detectar dificuldades ao nível da compreensão da leitura, para desse modo conhecermos melhor os valores e as formas de pensar e agir perspectivados pelos reclusos/as e, ao mesmo tempo, podermos facultar-lhes ajuda na aquisição, expressão de competências e no alargamento da visão do mundo que os envolve.

Deste modo, e com o contributo que pretendemos, a prisão poderá deixar de ser somente um lugar de isolamento, repressão e expiação de culpa.

Como nota deveremos referir que o trabalho que desenvolvemos não deixou de ser afectado por algumas dificuldades inerentes à área de intervenção social a que se reporta, que ninguém ignora estar envolta em grandes especificidades. Trata-se de um campo muito difícil, este, sobre o qual pretendemos intervir e fazer intervir quem nele trabalha, e isso não podia ter deixado de exigir de nós acrescido empenhamento perante as também acrescidas dificuldades.

3.6.2 O problema e as suas consequências

Aproveitando a experiência por nós colhida na leccionação, formação e observação de reclusos em meio prisional e na investigação anteriormente desenvolvida (Afonso, 2000), o nosso problema será, de uma forma mais resumida, constatar, detectar e intervir, ao nível da leitura, no meio prisional.

Partimos dos seguintes pressupostos:

- os reclusos são seres humanos com direitos, apesar de, por circunstâncias diversas, terem transgredido normas;
- a transgressão em que se envolveram corresponde, em considerável medida, a carências e debilidades profundas de formação;
- uma via para se combaterem essas carências e debilidades será a intervenção sobre a sua capacidade de leitura e compreensão de textos, reconhecendo-se a relevância educativa inerente a esses meios de formação.

Perante tais constatações, encetámos algumas estratégias:

- os reclusos foram colocados perante textos de tipologias diferentes, que seleccionámos;
- formulámos, sobre esses textos, questões de tipo fechado e apenas uma de tipo aberto, que foram lidas e respondidas individualmente pelos reclusos, desafiando-se, desse modo, a sua formação e experiência pessoal;
- ao mesmo tempo, quisemos pôr em evidência o valor formativo da leitura, para o que havia que procurar, em cada texto, aspectos relevantes que dessem resposta a esse factor;
- nesse sentido, propomo-nos apreciar, no trabalho dos textos com os reclusos, aspectos como: apropriação de sentidos, reflexão, desenvolvimento de espírito crítico e consciência reflexiva, alteração de valores de referência e normas de conduta;
- perante a realidade detectada, formulámos uma proposta de intervenção que, aplicada e generalizada, deverá ser capaz de contribuir para a formação dos reclusos e possibilitar a sua realização pessoal e a integração na sociedade;
- acreditamos e esperamos que, através dos textos, os reclusos poderão desenvolver, a par da competência de leitura e da competência de literacia, maior captação de valores, espírito crítico e capacidade para a solução de dilemas e situações problemáticas colocados pelo quotidiano, que os façam realizarem-se como seres humanos, integrarem-se activamente na sociedade e não voltarem a delinquir.

Será em torno destas referências que desenvolveremos o nosso trabalho.

Ao mesmo tempo, achámos que esta seria uma boa oportunidade para sabermos se as práticas pedagógicas e de formação previstas na lei para os reclusos/as são, ou não,

consideradas as mais adequadas, questionando os professores, os técnicos de reeducação, os directores dos estabelecimentos e os próprios reclusos.

Além disso, tendo leccionado directamente, com este tipo de alunos, os currículos existentes, encarámos o nosso trabalho como um verdadeiro e real testemunho do quanto pensamos que há a fazer neste sistema de ensino e formação, que já exigiria, hoje, outras competências e outra dinâmica a imprimir quer nos currículos a leccionar quer no género de actividades e formas de aprendizagem a implementar.

Pretendemos contribuir para uma mudança de mentalidades sobre o recluso e do recluso, enquanto alguém que por algum motivo se perdeu, colocando-o na situação de ser humano respeitado, cujas ideias deverão ser valorizadas e apoiadas. Pretenderíamos fazer dele alguém em constante reflexão, recuperando o seu bom senso, valorizando-se a si e valorizando a sociedade.

3.6.3 Formulação de Hipóteses

A elaboração das hipóteses num trabalho de investigação constitui um dos momentos essenciais conducentes à própria importância e alcance científico do mesmo. Vários são os meios através dos quais podemos fazer surgir hipóteses (Pinto, 1990). O mais comum é a própria observação. Estabelecemos relações, procurámos explicações, teorizámos acerca do que a nossa experiência nos proporcionou e trocámos opiniões com outras pessoas que participam na realidade observada.

As nossas hipóteses surgiram, não só da observação dos indivíduos em contexto de aula, e até de conversas fortuitas e encontros realizados em Estabelecimentos Prisionais, a propósito de temas, comemorações ou palestras, mas também da troca de impressões com outros colegas e profissionais técnicos de educação, tomando por base a experiência que anteriormente colhemos. Para além destes elementos, contribuíram, também, leituras feitas e conhecimento de acontecimentos no país, ao nível da criminalidade (que cada vez se vai tornando mais grupal, nas grandes cidades) e de escritos internacionais a propósito dessa criminalidade relacionada com a pobreza, a educação familiar, a delinquência juvenil, etc..

Deste modo, formulamos as seguintes hipóteses principais.

Será que os reclusos:

1. Reconhecem a importância da leitura (como uma via de informação, formação, desenvolvimento cultural e ocupação dos tempos livres)?

2. Praticam a leitura, em geral, e praticando-a, aderem a uma variada tipologia de textos?

3. Compreendem e tiram proveito do que lêem?

4. Reflectem sobre temas e assuntos veiculados pelos textos e dialogam sobre eles, relevando, nomeadamente, os valores humanos no mundo de hoje, essenciais à recuperação dos indivíduos presos?

5. Interiorizam, valores, racionalizam e humanizam posições, combatendo amorfismos ou atitudes unilaterais e extremadas?

O nosso estudo não abrangeu apenas os reclusos que frequentam o ensino. Ele foi extensivo a muitos outros, seleccionados pelos técnicos superiores de reeducação, possuindo, sempre que possível, a escolaridade básica, já que os textos tinham de ser lidos, compreendidos e sobre eles expressadas opiniões por escrito, exigindo, portanto, conhecimentos envolvendo técnicas de leitura, fluente e com sentido, assim como técnicas de escrita compositiva.

Fundamentamos as nossas hipóteses no facto de a população reclusa não dever estar alheada do contacto com a educação para os valores, podendo ser a leitura e a escrita as vias ou elos de ligação com o mundo exterior, o mundo de liberdade, conseguindo ser o espaço de confronto de ideias, valores, atitudes e outras perspectivas de vida.

3.6.4. Objectivos

Através dos instrumentos de trabalho validados (os textos), que iremos aplicar e tratar, por contacto directo e socorrendo-nos de auxílios externos e da nossa própria experiência, visamos, em linhas gerais, constatar a realidade do mundo prisional sobre o prisma que nos interessa, apreciá-la e reflectir sobre ela, elaborar respostas para ela, fornecer sugestões para superar as lacunas e as dificuldades detectadas e apresentá-las de modo que possam ser generalizáveis.

São alguns os receios que se nos colocam à partida para o nosso trabalho:

. Qual será a reacção dos reclusos a um trabalho deste tipo?

. Aderirão ou recusar-se-ão a responder?

. Considerarão difíceis as questões colocadas, atendendo à sua formação?

- . Interessar-se-ão pelas mesmas questões que nos preocupam a nós?
- . Terão opinião formada acerca desses assuntos?
- . Em caso afirmativo, conseguirão transmiti-la por escrito?
- . Irão revelar o seu lado racional ou o mais emotivo?

Trata-se de uma população difícil, não só pelas circunstâncias do espaço onde vive, mas também pelo facto de se sentirem desintegrados, e, na sua maioria, revoltados por estarem a cumprir uma pena de privação da liberdade.

Sabemos que é muito difícil instituir e desenvolver processos de formação que tenham a ver com projectos de vida dos reclusos, mas interessa-nos implementá-los, porque acreditamos neles e os julgamos fundamentais no ambiente em causa. Por isso, iremos dialogar com os reclusos, mostrar-lhes que estamos preocupados com a sua educação e a sua formação, o seu conhecimento do mundo, a sua capacidade de comunicar, a sua preparação para enfrentarem os desafios futuros.

Como objectivos para o nosso trabalho, definimos:

- Diagnosticar a situação dos reclusos ao nível da compreensão leitora, essencialmente os que possuem a escolaridade básica.
- Avaliar a capacidade de selecção/extracção de informação, interpretação e reflexão acerca do conteúdo de textos informativos, narrativos, poéticos e gráficos.
- Avaliar as dificuldades na produção escrita, nos aspectos de conteúdo, ideias e sua sistematização e conhecimento do mundo.
- Elaborar uma proposta a aplicar aos reclusos dos estabelecimentos prisionais, em contexto de escolaridade, ou com ocupação de outros tempos de reclusão, através de clubes, oficinas, fóruns de leitura e escrita informativa, formativa, criativa, recreativa.

Aquilo que a seguir se apresenta é o que nos leva a propor estes objectivos para um ambiente tão fechado, como é o das prisões. Todo o tempo de reclusão deve ser aproveitado para actividades que forneçam ao recluso ferramentas necessárias para enfrentar a privação da liberdade, contribuindo, ao mesmo tempo, para uma oportunidade de o recluso reflectir e procurar modificar atitudes e condutas sociais em que transgrediu e se formar pela dimensão intelectual e pelo trabalho.

Há que separar a vertente punitiva das restantes dimensões. Caberá à prisão ressocializar, reeducar aqueles que cometeram crimes, e encarar as limitações de direitos a que eles estão sujeitos como passageira. Neste sentido, a acção dos trabalhadores sociais nas prisões (bem como a dos médicos e professores, técnicos sociais especializados...) parece ser a solução capaz de enriquecer a relação "pedagógica" dentro das prisões.

A dimensão educativa é importante para a vida das pessoas e para a modernização do país, das famílias, das instituições, das empresas, do mundo. O maior valor que existe no mundo, para que dele possamos desfrutar e enchermo-nos com isso, não é o dinheiro e as mercadorias que ele possa comprar, mas o conhecimento, que não dispensa pessoas bem formadas para o transportarem. E também não é um conhecimento acumulado que interessa, mas um conhecimento bem usado.

Segundo Platão, "o criminoso é um doente social e deve ser tratado como tal" (Passos & Beat, 2003, pp.137-158). Isso leva-nos a concluir que, para além do trabalho na prisão, o desporto e outras actividades que são proporcionadas aos reclusos, o ensino, em geral, e a leitura, em especial, devem ser dirigidos à sua cura, através do contributo social e cultural.

O recluso deve contactar com o mundo exterior e a sua complexidade humana, social, económica, política, etc., através da leitura sob todas as formas e suportes, aprendendo a ler o mundo e a compreendê-lo, a retirar ilações, a opinar e a pesquisar para descobrir o que ainda não sabe. Só assim o sistema penitenciário estará a preparar os seus reclusos, como é preciso que faça, para a reinserção na vida em comunidade e a ressocializá-los. Os reclusos terão de sentir necessidade de informação, de ler, escrever, ver cinema e teatro, participar em colóquios, conferências, etc., para enraizarem esses interesses e aproveitarem-se deles, transmitindo-os ao seu mundo, à família, aos amigos, aos colegas, etc., e não voltarem a prevaricar, até mesmo ajudarem os que lhes são mais próximos a não entrar no mundo do crime, do roubo, da violência, da mentira.

Sintetizando: a nossa preocupação será conhecer a capacidade de leitura e compreensão de textos por parte dos reclusos, as suas dificuldades e a natureza das mesmas, os temas e assuntos pelos quais mais e menos se interessam, as dificuldades que sentem na escrita, os valores que demonstram ao tratarem os temas propostos, e, após uma análise do *corpus* conseguido, delinear propostas de melhoria/aperfeiçoamento das capacidades de leitura nas prisões portuguesas.

3.6.5. Procedimentos metodológicos

Definiram-se as hipóteses passíveis de serem sujeitas à prova, pois "somente as hipóteses claramente definidas permitem ao investigador a formulação de questões claras que correspondem aos objectivos enunciados" (Javeau, 1992, p. 54).

Colocadas as hipóteses, importa referir o modo de as operacionalizar e a metodologia a seguir para chegar ao conhecimento da realidade.

Relativamente aos textos sobre que fazer incidir os questionários, houve a preocupação de que eles fossem não muito longos, acompanhados de poucas questões, tudo colocado numa página, de forma a não desencadear dispersão, predominando as questões de pergunta fechada, sendo uma apenas aberta.

A selecção dos textos foi difícil, pois queríamos que eles abrangessem assuntos de interesse, fossem actuais, e respeitassem a tipologias textuais diferentes, com o objectivo de apurar em qual dessas tipologias os reclusos teriam mais dificuldades ao nível da compreensão e interpretação. Também quisemos colocar uma questão aberta que obrigasse à expressão escrita, relacionada com a temática do texto, com o propósito de conhecer as capacidades no domínio da escrita: vocabulário, coerência, coesão do discurso e desenvolvimento dos temas.

Depois de várias pesquisas, e de termos auscultado as opiniões de especialistas, de professores e de técnicos de prisões, que contactámos, estabelecemos um conjunto de cinco textos que considerámos estarem ao alcance dos conhecimentos e competências dos reclusos, tendo sido realizados pré-testes, dos quais falaremos mais adiante.

Norteadada pela experiência que fomos colhendo ao longo destes anos, no contacto directo com reclusos, a nossa preocupação na selecção dos textos foi que não fossem demasiado longos, pois sabemos que, quando se fornecia aos reclusos suportes escritos com mais de uma página, ou os rejeitavam de imediato ou se limitavam a ler deles apenas algumas partes.

Através do questionário apresentado sobre os textos, pretendemos conhecer as capacidades de compreensão, extracção de informação, interpretação e competência escrita, não só através do que os reclusos escrevem, mas também como escrevem. Pretendemos, igualmente, conhecer os aspectos em que o ensino deverá contribuir, com renovação de estratégias pedagógico-didácticas, para que o recluso receba informação e formação e conheça e compreenda melhor o mundo em mudança constante e, ainda, os

aspectos em que se deverá intervir, no plano dos princípios e valores, recorrendo, para estes fins, à ajuda de psicólogos, educadores sociais, assistentes sociais e demais interventores na vida das prisões.

3.6.6. Constituição e caracterização da amostra

Para a concretização do nosso trabalho, considerámos todos os cidadãos reclusos em estabelecimentos prisionais portugueses, com 16 ou mais anos de idade, sabendo ler e escrever. A amostra foi extraída dessa população, tendo nós em conta alguns condicionalismos próprios da instituição prisional, nomeadamente quanto às autorizações concedidas por parte dos responsáveis dos serviços centrais e dos responsáveis dos estabelecimentos prisionais.

Sendo um trabalho que envolvia o acompanhamento por técnicos superiores de reeducação, espaço adequado e tempo que permitissem uma resposta séria e consciente por parte dos reclusos (e ainda silêncio, atenção e concentração necessários...), estas autorizações condicionaram a integração no estudo dos estabelecimentos prisionais que seleccionámos. O mesmo aconteceu com a adesão que fomos obtendo ao nosso propósito. Houve estabelecimentos que nos responderam afirmativamente, de imediato. Outros responderam-nos dando-nos conta do seu interesse em participar no estudo, mas, devido à falta de técnicos superiores de reeducação que o pudessem acompanhar, não puderam participar.

Contactámos estabelecimentos prisionais (Anexo 2), quer centrais, quer regionais, mas, de uma forma geral, os regionais revelaram-se mais receptivos, pois neles era mais fácil conjugar os espaços, os tempos disponíveis dos reclusos/as e a participação dos técnicos responsáveis. Perante todas estas dificuldades, a juntar à morosidade na obtenção das respostas, decidimo-nos pela colaboração dos seis estabelecimentos prisionais referidos. Por força das circunstâncias, as possíveis, a maioria era constituída por homens, conseguindo-se a participação de reclusas em apenas três desses estabelecimentos.

O desejável seria ter podido contar com um maior número de reclusos e, conseqüentemente, com a colaboração de mais prisões, tornando o estudo mais abrangente. Contudo, como se trata de um meio onde há muitos limites a vencer, desde as formalidades institucionais à própria vontade do recluso (queremos aqui relevar o grande esforço empreendido pelos técnicos de reeducação, junto dos reclusos, para que nenhum deles

participasse de forma contrariada), tivemos de nos limitar a este número, que será um indicador das capacidades em leitura e em escrita dos nossos reclusos.

Da parte das direcções dos referidos estabelecimentos prisionais, apenas nos foram pedidos alguns esclarecimentos quanto ao número de reclusos/as que desejaríamos que participassem, mas referindo sempre que não poderiam ser muitos, pois a aplicação dos cinco textos ocuparia muito tempo, retirando o recluso de outros trabalhos que desempenham dentro ou fora da prisão. Assim, pedimos que fossem seleccionados entre dez e doze, no máximo, por prisão, proposta que foi aceite por todos os responsáveis.

Depois da selecção de reclusos aderentes, realizada por prisão, marcámos o dia para a aplicação dos instrumentos de investigação, decorrendo este trabalho entre Novembro/2004 e Janeiro/2005. Contámos com um total de 87 reclusos – 53 homens e 34 mulheres (Quadro nº. 36).

	Participantes no estudo
Homens	53
Mulheres	34
Total	87

Quadro nº 36 - Reclusos que participaram no estudo
(quadro de elaboração própria).

As idades dos reclusos/as oscilaram entre os 20 e os 65 anos. Alguns deles/delas não colocaram a idade no documento de resposta, o que respeitámos, admitindo que, da parte dos reclusos, há sempre receios de identificação, por mais que garantíssemos o anonimato das respostas. No entanto, a faixa etária predominante dos que preencheram o espaço destinado à idade situa-se entre os 24 e os 49 anos, apesar de terem participado alguns reclusos/as com 20 e 65 anos, mas sendo muito reduzido o seu número nestas faixas etárias. Em cada prisão considerada (Lamego, Vila Real, Braga, Felgueiras, Paços de Ferreira e Coimbra), após a explicação, aos reclusos, dos objectivos, do material que lhes seria fornecido e de quem iria analisar esse material, o estudo foi, então, realizado. Estas foram algumas das contingências por que foi afectado o trabalho de campo que realizámos.

3.6.6.1. Natureza do estudo

Considerando as situações educativas como humanas e sociais, elas possuem a característica de ocorrerem apenas uma única vez, sendo únicas e, por vezes, originais. As metodologias de investigação interpretativa dispõem dos meios que permitem apreender, com rigor, realidades como a sua natureza, que se caracteriza por ser incerta, fugidia, feita de acções, pensamentos e conteúdos. No contexto do presente estudo, a necessidade de aprofundamento de determinados aspectos da investigação conduziu-nos, também, à opção metodológica pelo estudo de caso, estratégia investigativa que, segundo Cohen (1980), nos permite um “amplo e compreensivo registo de todos os detalhes relacionados com o assunto em estudo” (p. 11). Esta estratégia de pesquisa é, aliás, considerada, por diversos autores, como a possibilidade de aprofundamento, uma vez que o seu objectivo é compreender (Stake, 1994).

Para essa finalidade, contribuem as descrições dos acontecimentos, enriquecidas pela informação, referente aos contextos e o recurso às formas de pensar e de sentir (Shulman, 1986). Daí que, Lessard-Herbert, Goyette & Boutin (1994), considerem este modo de investigação como o mais real, o mais aberto e o menos controlado. No entanto, normalmente, um “estudo de caso” tem um espectro de pesquisa para que se definiu, mais ou menos vagamente com um limite físico, temporal ou social (Huberman & Miles, 1998). Isto é, apesar de o investigador ter em consideração a relação com o todo, existe a necessidade de delimitar a matéria de estudo (Bogden & Birken, 1994), num processo que se vai precisando ao longo da própria investigação. Tal facto, acentua o que Patton (1990) considera ser um modo específico de reunir, organizar e analisar os dados em profundidade, tentando ter a certeza que a informação para cada caso é tão completa quanto possível.

Ao longo da pesquisa, o investigador pode, na opinião de Lessard-Herbert et al. (1994), abordar o “campo da investigação a partir do interior”, sendo criativo na adopção de instrumentos, na exploração de elementos imprevistos e na utilização de detalhes que conduzam não só à compreensão do caso como um todo, mas também à construção de conhecimento no campo da investigação. Em suma, um estudo de caso é igualmente o processo de aprendizagem sobre o “caso” e o produto da nossa aprendizagem (Stake, 1994).

Cada estudo de caso permite-nos perceber que o caso é único e considerado uma entidade holística, entendida como uma manifestação idiossincrática do “fenómeno” de interesse (Patton, 1990). Também considera este investigador que as conclusões da investigação de um estudo de caso “valem de início para o caso considerado” (p.156), nada assegurando que as mesmas possam aplicar-se a outros casos.

Todavia, acrescenta os investigadores que essa poderá não ser uma regra absoluta, na medida em que “um caso” pode ajudar a melhorar a compreensão da complexidade de um fenómeno ou situação, designadamente, quando estamos perante os estudos de multicasos ou casos múltiplos.

3.7. Recolha de Dados

3.7.1. Procedimentos para o trabalho de campo

Qualquer trabalho que pretendamos encetar, seja qual for o seu âmbito, tem de ser norteado por objectivos ou metas que nos permitam pensar nas melhores estratégias e nas situações adequadas à sua consecução.

Partindo destas intencionalidades globais, e tomando como alicerce a leitura e a sua função transformadora do indivíduo, propomo-nos:

- Diagnosticar a situação dos reclusos ao nível da compreensão leitora.
- Avaliar a capacidade de selecção/extracção de informação contida em textos.
- Conhecer as dificuldades na interpretação e valoração do conteúdo dos textos.
- Identificar formas de pensar na produção escrita e tipos de dificuldades sentidas na transmissão das ideias para o plano escrito.
- Elaborar uma proposta, a aplicar aos reclusos dos nossos estabelecimentos prisionais, de modo que desenvolvam a competência de leitura – incluindo esta delineação de estratégias que permitam adquirir e desenvolver compreensão leitora e espírito crítico.
- Aplicar inferências obtidas a situações de vida, na esfera dos conhecimentos, dos saberes, dos valores e das atitudes.

3.7. 2. Primeira fase: a selecção dos textos

Sendo já do nosso conhecimento as preferências dos reclusos, no domínio da leitura (Afonso, 2000), decidimos dar sequência aos resultados obtidos nessa pesquisa.

Inicialmente, previmos que os textos ocupariam uma página e as questões a página seguinte. Mas perante a reacção dos responsáveis pela reinserção e reeducação do recluso, repensámos essa estratégia e reformulámos essa apresentação, para que o exercício não se tornasse cansativo ou fastidioso para este tipo especial de leitores.

Os cinco textos seleccionados foram por nós adaptados à página, de forma a que as perguntas aparecessem imediatamente a seguir, fazendo transparecer ao recluso que o que era para resolver não seria complexo, nem cansativo ou fastidioso. Esta operação foi muito difícil, pois as nossas intenções iniciais de querermos abranger muitas competências e obter mais dados sobre o modo como lê, compreende, escreve... e aquilo que escreve, o que pensa, etc., o recluso, passaram a ser mais reduzidas. No entanto, tentámos fazer o nosso melhor, quando fomos interpelar os reclusos, explicando-lhes quais as nossas intenções com a actividade, que expectativas tínhamos em relação ao estudo, servindo isso, desde logo, de motivação para a sua participação e empenhamento e a eficácia do nosso trabalho. O contacto directo foi feito por mim com todos os grupos de respondentes, sempre acompanhada de um técnico de reeducação do estabelecimento prisional.

Consideremos, de seguida, o que esperamos obter com a aplicação de cada um dos textos seleccionados.

1º Texto: "O Sapateiro pobre"

Texto narrativo, e ao mesmo tempo conto tradicional (Anexo 3), a partir do qual se pode esperar conhecer o que o leitor conseguiu compreender sobre a acção e as personagens e se ele infere o papel da união familiar como base do bom viver e bem-estar de cada um.

2º Texto: "A Terra é Sagrada"

Este texto é um excerto de um texto-carta, com características diferentes do anterior, mas por nós escolhido devido à sua actualidade, intervenção e alerta do mundo

para os problemas ambientais (Anexo 4). Daí o seu interesse, para verificarmos até que ponto o recluso identifica o assunto, dá a sua opinião e estabelece relações entre o que leu e os conhecimentos que já possuía antes.

3º Texto: "Sonho"

A partir da mensagem deste poema de Fernando Pessoa (Anexo 5), o recluso deverá, também, saber identificar o seu assunto, relacioná-lo com o que considera ser o valor da leitura (ou não), o desejo de aprender, mas também exprimir a sua opinião sobre o que é ler, dando-se-lhe oportunidade de o fazer em prosa ou verso. Escolhemos este tipo de texto, pois sabemos que os reclusos gostam de ler e de escrever poemas, desde que sejam motivados para isso, servindo até, a poesia, de veículo de evasão nos momentos mais difíceis ou solitários.

4º Texto: " Estrada Viva"

Trata-se de um texto/notícia, acompanhado de gráfico (Anexo 6). Resolvemos aplicá-lo aos reclusos devido ao seu assunto – a sinistralidade rodoviária – que cada vez mais é causa de morte na nossa sociedade. É um assunto que diz respeito a qualquer cidadão, quer possua um veículo motorizado ou seja apenas peão.

É uma questão que se relaciona com a cidadania e a sua prática no dia-a-dia. Nos tempos que correm, chega-se à conclusão de que há que se intentar políticas de consciencialização das pessoas e mudança de mentalidades sobre os problemas ambientais. Consideramos que é um aspecto a considerar na escola e nestes meios onde se procura a reeducação e a reinserção de quem prevaricou.

5º Texto: "Barreira insensível à pobreza"

O assunto do texto relaciona-se com um problema actual (Anexo 7). Perante esta constatação, achámos que se deveria inserir no conjunto seleccionado, preparando o recluso para um problema do mundo exterior, mas que ele vai ter de enfrentar, quando sair. Importa que o recluso reflecta sobre ele e formule a sua opinião, relacionando a informação que lê com as informações veiculadas pelo texto.

A imigração é um tema que diz respeito a todos e é já uma realidade importante no nosso país, pelo que não pode ser ignorada. Queremos verificar até que ponto o recluso se mostra receptivo a exprimir-se por escrito sobre o assunto, que atitudes revela perante o problema e que ideias do texto é capaz de identificar.

3.7. 3. Questionários propostos sobre os textos e critérios para sua avaliação

Para uma avaliação das respostas aos questionários propostos aos reclusos, decidimo-nos pela seguinte metodologia:

A) Questões de tipo fechado

Nas três primeiras questões de escolha múltipla, atendemos à opção totalmente certa, totalmente errada, menos certa com aproximação, melhor das erradas e não respondeu.

E isto porque o recluso terá de revelar que:

- Compreendeu a mensagem do texto
- Reteve informação
- Chegou a conclusões
- Detectou pormenores e fez inferências sobre valores, vivências, etc.

Deste modo, a resposta é considerada como:

a) *totalmente certa* – quando o seu conteúdo corresponde, de forma inequívoca, àquilo que foi questionado, sem qualquer dúvida;

b) *certa com aproximação* – se o que foi respondido revela quase o que se esperava, tendo uma abordagem muito próxima da resposta correcta;

c) *melhor das erradas* – apesar de não ter o conteúdo da resposta certo, considerámos aquela que mais pareceu razoável e aceitável, dentro das respostas erradas, embora reveladora de alguma confusão na compreensão das ideias do texto;

d) *totalmente errada* – se a resposta se afastou completamente da esperada, não revelando qualquer tipo de relação com as ideias, acção e personagens do texto;

e) *não respondeu* – se o respondente deixou a resposta em branco, não tendo preenchido nada do que era proposto.

Apresentaremos, em seguida, as perguntas elaboradas e a correcção que considerámos mais adequada para cada uma delas.

TEXTO 1: "O Sapateiro Pobre"

Questão 1- *Que provérbio escolheria para ilustrar a verdadeira mensagem deste conto?*

Nível 2 – resposta totalmente certa – alínea c)

Nível 1 – resposta menos certa com aproximação – alínea b)

Nível -1 – resposta melhor das erradas – alínea a)

Nível -2 – resposta totalmente errada – alínea d)

Nível 0 – não respondeu

Questão 2- *Que personagens entram na acção do conto?*

Nível 2 – Sapateiro, mulher, filhos e riqueza (totalmente certa)

Nível 1 – Sapateiro, filhos e mulher (menos certa com aproximação)

Nível -1 – Sapateiro e mulher (melhor das erradas)

Nível -2 – O criado, o sapateiro e filhos (totalmente errada)

Nível 0 – Não respondeu

Questão 3- *O que decidiram fazer com esse dinheiro?*

Nível 2 – totalmente certa – alínea c)

Nível 1 – menos certa com aproximação – alínea d)

Nível -1 – melhor das erradas – alínea a)

Nível -2 – totalmente errada – alínea b)

Nível 0 – não respondeu

TEXTO 2: " A Terra é Sagrada"

Questão 1- *Qual o assunto da carta do Chefe Seattle ao Chefe Branco?*

- Nível 2 – venda de terras (totalmente certa)
- Nível 1 – a defesa da Natureza (menos certa com aproximação)
- Nível -1 – compra de terras (melhor das erradas)
- Nível -2 – o desagrado pela Natureza (totalmente errada)
- Nível 0 – não respondeu

Questão 2 – *No texto estão em contraste:*

- Nível 2 – duas civilizações (totalmente certa)
- Nível 1 – duas personalidades (menos certa com aproximação)
- Nível -1 – o industrializado/ o agrícola (melhor das erradas)
- Nível -2 – o urbano/o rural (totalmente errada)
- Nível 0 – não respondeu

Questão 3 – *Na sua opinião, a posição do Chefe Seattle é:*

- Nível 2 – de defesa da Natureza (totalmente certa)
- Nível 1 – de defesa directa dos animais (menos certa com aproximação)
- Nível -1 – de conservadorismo (melhor das erradas)
- Nível -2 – de teimosia (totalmente errada)
- Nível 0 – não respondeu

TEXTO 3: " Sonho"

Questão 1 – *Após a leitura do poema, diga qual o assunto ali desenvolvido.*

- Nível 2 – o prazer (totalmente certa)
- Nível 1 – os livros (menos certa com aproximação)
- Nível -1 – o estudo (melhor das erradas)
- Nível -2 – o trabalho (totalmente errada)
- Nível 0 – não respondeu

Questão 2 – *A que compara o narrador os livros?*

Nível 2 – a papéis pintados (totalmente certa)

Nível 1 – a um monte de papel (menos certa com aproximação)

Nível -1 – a estudar (melhor das erradas)

Nível -2 – ao sol (totalmente errada)

Nível 0 – não respondeu

Questão 3 – *Este poema é um hino:*

Nível 2 – (totalmente certa) – alínea d)

Nível 1 – (menos certa com aproximação) – alínea a)

Nível -1 – (melhor das erradas) – alínea b)

Nível -2 – (totalmente errada) – alínea c)

Nível 0 – não respondeu

TEXTO 4: " Estrada Viva"

Questão 1 – *O tema da notícia é:*

Nível 2 – os acidentes e as infracções (totalmente certa)

Nível 1 – o trânsito (menos certa com aproximação)

Nível -1 – os acidentes de viação (melhor das erradas)

Nível -2 – os acidentes aéreos (totalmente errada)

Nível 0 – não respondeu

Questão 2 – *Os dois tipos de infracção mais verificados são:*

Nível 2 – manobras perigosas e excesso de velocidade (totalmente certa)

Nível 1 – excesso de velocidade e alcoolemia (menos certa com aproximação)

Nível -1 – viajar sem cinto e excesso de carga (melhor das erradas)

Nível -2 – viajar sem carta de condução e excesso de carga (totalmente errada)

Nível 0 – não respondeu

Questão 3 – *A infracção por excesso de velocidade (observar gráfico):*

Nível 2 – diminuiu após um aumento acentuado (totalmente certa)

Nível 1 – diminuiu (menos certa com aproximação)

Nível -1 – aumentou (melhor das erradas)

Nível -2 – manteve-se constante (totalmente errada)

Nível 0 – não respondeu

TEXTO 5 – " Barreira insensível à pobreza"

Questão 1 – *A notícia fala-nos de problemas como:*

Nível 2 – imigração (totalmente certa)

Nível 1 – fronteiras entre países (menos certa com aproximação)

Nível -1 – xenofobia (melhor das erradas)

Nível -2 – emigração (totalmente errada)

Nível 0 – não respondeu

Questão 2 – *A sigla SIVE significa:*

Nível 2 – Sistema Integral de Vigilância Exterior (totalmente certa)

Nível 1 – Sistema Tecnológico de Limite à Imigração (menos certa com aproximação)

Nível -1 – Sistema de Segurança Interna (melhor das erradas)

Nível -2 – Sistema de Integração de Imigrantes (totalmente errada)

Nível 0 – não respondeu

Questão 3 – *Esta barreira situa-se entre:*

Nível 2 – Marrocos e Espanha (totalmente certa)

Nível 1 – A Europa e a África (menos certa com aproximação)

Nível -1 – Países desenvolvidos e sub-desenvolvidos (melhor das erradas)

Nível -2 – A Europa e a América (totalmente errada)

Nível 0 – não respondeu

B) Questão de tipo aberto

Na última questão sobre cada texto, de tipo aberto, os nossos critérios contemplaram, essencialmente, a avaliação da capacidade de captação de informação e a avaliação do conhecimento do mundo, bem como a avaliação do modo como o recluso comunica tudo isso.

Dá que achássemos pertinentes, na avaliação, os seguintes itens:

- a) Criatividade e abordagem do tema.
- b) Sistematização das ideias.
- c) Tipo de vocabulário utilizado.
- d) Tipologia de erros (ortografia, pontuação).
- e) Legibilidade da escrita (caligrafia).

Na captação adequada do tema/assunto proposto, importa conhecer a ligação do recluso às situações de comunicação do meio que o rodeia. Devem verificar-se os critérios de coerência, de coesão, de adequação ao referido.

A par da captação da informação contida no texto, a criatividade é relevante no processo de escrita, mediante o que se poderá avaliar a capacidade de comunicar de modo criativo e original um assunto ou um tema proposto

A criatividade (Sternberg & Lubart, 1993, p.3), enquanto "the ability to produce work that is both novel (i. e., original, unexpected) and appropriate (i. e., used, adaptive concerning task constrains)", é considerada numa dupla vertente, a originalidade e a adequação.

Reconhecemos que o recluso, ao escrever, enfrenta dificuldades e problemas e que, para os resolver, mobiliza os seus conhecimentos, segundo as suas capacidades cognitiva, metacognitiva e afectiva, que o conduzirão a conjecturas, hipóteses alternativas, transformações e mesmo avaliação dos seus juízos de valor. Este processo pressupõe, já por si, uma planificação: a procura e selecção de elementos e a sua organização no sentido da resolução da tarefa proposta.

A expressão escrita permite ao recluso fazer uso da sua experiência e torná-la significativa para si próprio, constituindo um acto de comunicação.

Ao escrever não basta atender à criatividade/originalidade que se revelou e ao tipo de vocabulário que se usou e como se usou. Interessa-nos verificar a sistematização das ideias, reflexo de um mundo interior estruturado, organizado, equilibrado, oposto a um mundo caótico, sem rumo, disperso ou até perdido. Ora, ao elaborar o seu próprio texto, o seu discurso escrito, como resultado de uma actividade comunicativa, realizada por meio de processos, operações e estratégias que têm lugar na sua mente e colocados em acção – daí ser a construção do texto uma actividade verbal (com fins sociais), uma actividade consciente, criativa (dá a entender os seus propósitos) e uma actividade interaccional (orientada para alguém) – o processamento textual será o produto de um conhecimento linguístico, enciclopédico e comunicacional, constituindo-se como algo coeso e coerente.

Na organização do texto do recluso, preocupámo-nos com a sua coesão, conceito semântico que se refere às relações de sentido existentes no interior do texto e que o constituem como algo definido e uno. É, portanto, uma relação semântica entre um elemento do texto e algum outro elemento crucial para a sua interpretação. Para Halliday e Hasan (1976), os principais factores de coesão são: a referência, a substituição, a conjunção e a coesão lexical, ou seja, o modo como os componentes da superfície textual se encontram ligados entre si numa sequência linear, por meio de dependências de ordem gramatical. Os elementos de referência são os pronomes pessoais, possessivos, demonstrativos, advérbios; os elementos de substituição são os que colocam um item em lugar de outro, para eliminar a repetição; a conjunção estabelece relações significativas específicas entre elementos ou orações do texto e, finalmente, a coesão lexical é obtida por meio da repetição do mesmo item lexical ou de sinónimos, hiperónimos, nomes genéricos; a colocação ou contiguidade através do uso de termos pertencentes a um mesmo campo significativo (Vilela & Koch, 2001, pp.464-553).

Foi também nossa preocupação verificar a coesão frásica – se os elementos estão logicamente ligados entre si, em concordância, regência de preposições e ordem das palavras – bem como a interfrásica, através do emprego de conectores entre as frases e a coesão temporal que nos permite ver a lógica sequencial dos factos ou, pelo contrário, a sua fragmentação no tempo. Ao contemplarmos todos estes critérios na análise da coesão textual, partimos da concepção de texto de Robert Beaugrande (1997, p.9), quando conclui sobre a definição de texto "um evento comunicativo no qual convergem acções linguísticas, cognitivas e sociais". A adopção da ideia de texto como unidade básica de estudo da língua é, hoje, e no nosso trabalho também, a forma basilar de análise, visto que

comunicamos, não por meio de palavras ou frases isoladas do contexto, mas por intermédio de textos. A coesão textual é um fenómeno *co-textual* ou *intratextual*, mas é também um fenómeno *contextual*, visto que a "enciclopédia" do emissor e do receptor, isto é, o seu conhecimento do mundo, representa o factor primordial da génese da base semântica do texto (Silva, 1990, p.637).

Quanto à sistematização das ideias, visível na própria organização do texto, atendemos a que ela pressupõe os sub-processos de geração dessas ideias, organização do plano de escrita e estabelecimento de finalidades (Alamargot & Chanquoy, 2001). Tem particular interesse e importância a consideração de determinados aspectos: as intenções e os objectivos de quem escreve, as suas experiências prévias de escrita, o seu conhecimento do assunto sobre o qual vai escrever, a representação do destinatário, da tarefa a realizar e das suas dificuldades, factores que vão influenciar o processo de organização das ideias e determinar as escolhas ao nível do vocabulário, estrutura frásica, coesão, etc. Planificar o texto implica considerar as estruturas próprias do género, gerar e organizar o seu conteúdo, adaptá-lo a uma finalidade e a um receptor. A geração e a organização do conteúdo está extremamente dependente da familiaridade do tema.

As maiores dificuldades parecem prender-se com o conseguir conteúdo suficiente, quer porque os sujeitos sabem pouco sobre o assunto acerca do qual escrevem, quer porque, não possuindo mecanismos de selecção e busca de informação na memória, têm dificuldade em ter acesso a conhecimentos que, possivelmente, possuem. Esta fase, ao exigir mecanismos abstractos e mentais, constitui uma dificuldade a enfrentar pelo escrevente, principalmente se não possui determinados mecanismos linguísticos (pronomes e determinantes com valor anafórico ou deíctico, tempos verbais, conectores, pontuação, etc.) que assegurem a coesão do texto. A realização dessas tarefas passa pela capacidade de detectar num plano mental, elementos comuns a duas ou mais proposições e pela posse de mecanismos linguísticos que tornem possível a sua expressão de forma linear. Assim, preocupar-nos-emos em ver até que ponto os reclusos delinearam o seu texto num plano lógico, com sequência lógica (ou com confusão) e se há uma clara distinção entre o essencial e o acessório.

O parâmetro "sistematização das ideias" relaciona-se com a coesão e a coerência, que já antes abordámos, mas onde iremos realçar se há um seguimento do plano mentalmente elaborado, clareza e conexões de pensamento e o recurso aos modos de expressão da narrativa (descrição, narração e diálogo).

Preocupámo-nos com o tipo de linguagem (adequada, ou não, às ideias e estrutura), o desrespeito/respeito pela ordem directa das palavras, monotonia vocabular, sua riqueza e variedade, inadaptação vocabular e de estrutura frásica, originalidade e criatividade no vocabulário utilizado, que se constitui na verdadeira coesão e coerência do texto produzido – a correcção morfossintáctica.

Na tipologia de vocabulário, preocupámo-nos em apreciá-lo numa perspectiva "predominante", de forma global, após leitura atenta dos textos, para se poder fazer inferências credíveis e conhecer melhor o vocabulário que os reclusos(as) possuem, podendo, desta forma, intervir na sua actualização e aquisição em função dos temas. Os critérios para essa apreciação reportaram-se aos seguintes níveis:

- i) cuidado – utilização de vocábulos bem seleccionados e complexos, com expressões de sentido conotativo, utilizando recursos expressivos;
- ii) corrente – emprego de palavras, expressões e construção de fases gramaticais simples e ausência de figuras de estilo e conotação,;
- iii) popular – escrita em linguagem simples, ao nível do vocabulário e sintaxe, com o recurso a expressões pitorescas (regionalismos).

No que se refere à pontuação, e ainda baseado no mesmo investigador, optámos por ver e registar falhas e erros na pontuação utilizada, inadequação de sinais de pontuação e mesmo as distrações nesse emprego, levando à incorrecção de frases e ruídos na comunicação.

A ortografia é um parâmetro importante na decifração e compreensão dos textos. Foi, por isso, motivo de atenção, porque é indispensável a uma mensagem, seja ela de que género for. Tivemos em consideração a qualificação ortográfica, a acentuação, a translineação (distinguindo os que eram por falta de conhecimento das regras dos accidentais), a troca de fonemas e grupos consonânticos, os casos especiais da língua, a confusão na grafia de formas verbais, não esquecendo determinados vocábulos empregues em frases com grafemas difíceis de decifrar.

A tipologia de erros centrou-se, sobretudo, nos erros de ortografia, de pontuação e construção frásica. O critério seguido foi o de contabilizar um a um, no que se refere à ortografia, à pontuação e à construção de frases. A ausência de acentos nas palavras ou a

sua desadequada colocação também foram tidos em consideração: dois acentos mal colocados contavam como um erro ortográfico e na ausência de acento contava também como um erro ortográfico.

A caligrafia mereceu, da nossa parte, uma certa atenção com o objectivo de avaliar o aspecto gráfico indicador do desenvolvimento de habilidades que visam garantir a correcção dos enunciados/textos e o desenvolvimento intelectual, ou mesmo cultural.

Na nossa opinião, e concordando com Houaiss (2002), quanto à sua definição de caligrafia, como sendo a "escrita produzida com estilo ou maneira própria, peculiar, de escrever à mão" (p. 745), observámos a forma e o registo das palavras e letras que os participantes utilizaram nas suas produções escritas. Primeiro, fizemos uma apreciação global de cada texto, depois fomos analisando por parágrafos e frases o desenho das letras, tendo em conta um dos estudos de Ferreiro e Palácio (1987) e os objectivos preconizados para a caligrafia por estas investigadoras.

De acordo com este estudo, tivemos em conta, no aspecto gráfico da escrita: a correcção (ou não) do desenho e a respectiva capacidade e desenvoltura do mesmo, a qualidade do grafismo (controlo do traço, distribuição espacial, orientação dos caracteres e traçado da letra), a regularidade do traço e a sua rectitude, a formação das letras e o bom espaçamento de letras e palavras.

Ao considerarmos todos estes aspectos, de uma forma muito global, decidimos optar pelas seguintes classificações:

a) facilmente perceptível – sempre que o aspecto e desenho do traço, distribuição espacial, a regularidade e rectitude do traço tornavam o enunciado perfeitamente fácil de ler e compreender, sem qualquer esforço da nossa parte. Revela:

- correcção no desenho gráfico da escrita;
- um grafismo de fácil percepção, com controlo correcto do traço, orientação dos caracteres e traçado de letra, assim como uma correcta distribuição no espaço;
- um traço de fácil percepção e correcção;
- facilidade na formação das letras;
- um espaçamento adequado entre letras e palavras que permite a fácil decifração do discurso.

b) razoavelmente perceptível – quando o desenho/traço das letras, a sua regularidade e rectitude, bem como a distribuição espacial estavam realizadas de uma forma irregular, requerendo da nossa parte algum esforço para ler e compreender as letras nas palavras e, por conseguinte, o enunciado. Apresenta:

- irregular correcção no desenho gráfico da escrita;
- um grafismo de razoável percepção, com controlo regular do traço, orientação de caracteres e traçado de letra, assim como uma aceitável distribuição no espaço;
- um traço de razoável percepção e correcção;
- uma formação das letras aceitável;
- um aceitável espaçamento entre letras e palavras que, nem sempre, torna o discurso perceptível.

c) perceptível com dificuldade – nos textos em que o traço/desenho das letras, a sua regularidade, rectitude e distribuição espacial apareciam de forma que tornavam impossível decifrar a letra que deveria ser empregue pelo(a) respondente, impedindo qualquer tipo de leitura e consequente compreensão do enunciado. Assim, o recluso mostra:

- muita dificuldade no desenho gráfico da escrita;
- um grafismo de difícil decifração, sem controlo do traço, sem orientação de caracteres e traçado de letra, assim como na distribuição no espaço;
- um traço de difícil percepção e com incorrecções;
- uma grande dificuldade na formação adequada das letras;
- muita confusão no espaçamento entre letras e palavras, situação que torna o discurso imperceptível.

Este aspecto que considerámos, a caligrafia, também consegue ser um indicador do desenvolvimento intelectual/cultural, pois sabemos que quando alguém teve pouco contacto com a leitura e a escrita, tudo se reflecte no desenho da letra. Adquiriu os

mecanismos, a técnica da escrita, mas estagnou. Não desenvolveu o grafismo primário, nem o tornou pessoal.

Ao observarmos determinados textos dos reclusos, damos conta de traçados da letra, orientação de caracteres e controle do traço que nos permitem concluir que o escrevente em causa praticou ou não a escrita e a leitura, desenvolvendo ou não o seu próprio estilo de escrita. Teve ou não contacto permanente, ou durante algum tempo, com estes domínios da cultura.

Além destes aspectos, a própria expressão da organização interior, o desejo de comunicar, que são espelho da personalidade, podem, também, ser dados a retirar através do desenho da caligrafia. É a própria psicologia da escrita que conclui, após investigações, que a caligrafia permite diagnosticar tendências, predisposições e posturas em todos nós, especialmente no âmbito da criminologia e na reeducação da escrita. Gostaríamos de o ter podido fazer, e seria algo muito interessante e revelador em reclusos, mas isso não foi previsto para o nosso estudo, até porque teria de ser alvo de solicitação de uma autorização especial que, quase de certeza, teria resposta negativa, por interferir com aspectos íntimos dos reclusos.

Não podemos esquecer que a escrita manual ainda é, nos nossos dias, condição necessária e meio de selecção de pessoas, constituindo um testemunho da formação académica e espelho da personalidade de quem está a ser alvo de uma avaliação com finalidades profissionais. Daí o nosso interesse em fazer uma apreciação/avaliação das produções escritas dos reclusos, para conhecermos dificuldades e as colmatarmos, enquanto se encontram na prisão, através do ensino/formação.

Para maior objectividade, atribuímos as seguintes percentagens a cada um destes itens para a produção escrita, o que perfaz 50% do teste. Os outros 50% serão para as restantes questões fechadas.

- Criatividade e abordagem do tema	15%
- Sistematização das ideias	12%
- Tipo de vocabulário	10%
- Tipologia de erros.....	8%
- Caligrafia.....	5%
Total.....	50%

Decidimo-nos pela avaliação dos textos elaborados pelos reclusos, estabelecendo o critério:

0% a 12,4% – Insuficiente

12,5% a 25% – Suficiente

26% a 50% – Bom

Ao longo da correcção das respostas individuais, fomos registando as percentagens contempladas em cada item, chegando a uma percentuação final. Os reclusos que não escreveram nada, ou seja, os que não preencheram o espaço reservado a esta questão, terão zero na pontuação.

Não optámos por mais parâmetros de avaliação, nesta questão, porque o nosso objectivo era, essencialmente, constatar até que ponto os reclusos conseguem emitir opinião (se a têm), revelando o seu mundo interior, o seu empenhamento nas questões do mundo exterior, estejam elas relacionadas consigo próprios ou não, e, por último, a forma como escrevem, para se detectar o tipo de lacunas na sua formação escolar.

Demos mais valorização aos aspectos "lógico-criativos", pois, na nossa opinião, são esses os mais relevantes para a nossa investigação, o que não quer dizer que o domínio "técnico-formal" (Silva, 1983) não o seja. Este último servirá como indicador para aspectos a melhorar no ensino da escrita.

Nesta questão 4, questão aberta, o recluso poderá revelar toda a sua "enciclopédia" de leitor (Eco, 1983b), o conhecimento que possui acerca de determinados assuntos/temas e o modo como os sabe exprimir.

3.7. 3. 1. Validação externa do questionário elaborado

Para que o nosso trabalho usufruísse de questionários válidos e reconhecidos, propusemo-nos avaliá-los externamente. Apresentámo-los ao nosso orientador que, por sua vez, o partilhou com colegas do Ensino Superior, a professores da nossa Escola Básica 2/3, a outros professores do Ensino Secundário e a técnicos e especialistas do mundo da reclusão. Alguns acertos foram feitos, com vista a precisar-se a intenção das perguntas dos questionários.

3.7.3.2. Testagem (pré-aplicação a reclusos)

Logo que validados os questionários, preparámo-nos para os aplicar a um pequeno grupo (aleatório) de reclusos, pois seria este tipo de população (dentro do ambiente prisional) que iria ser objecto de estudo (validação interna).

Contactámos o estabelecimento prisional de Lamego, através da sua directora e da técnica superior de reeducação que, em conjunto, seleccionaram alguns reclusos para a realização deste pré-teste.

Os textos foram objecto de análise, por parte dos responsáveis, e, passados dois dias, fomos informada de que poderíamos marcar a data da sua aplicação, sempre de acordo com os horários dos reclusos e das suas actividades (alguns deles já prestavam serviço fora do estabelecimento prisional – Regime Aberto Virado para o Exterior, RAVE), uma vez que a directora e a técnica de reeducação achavam conveniente existir heterogeneidade no grupo, com o que concordámos.

No dia 16 de Abril de 2004, pelas 10.00 horas, um grupo de quatro reclusos, todos eles com alguns anos de escolarização e dois com o 9º ano, apresentaram-se, tal como tinha ficado acordado. Fomos informada de que se mostraram disponíveis, logo que contactados pela técnica de reeducação e directora, e, até, curiosos pela nova actividade, pois nunca tinham participado em estudos desenvolvidos por alguém exterior ao espaço prisional que necessitasse da participação dos reclusos.

Além deste grupo, participou na pré-testagem outro, de quatro reclusos, mas este fê-lo no dia seguinte, sábado, dia 17 de Abril de 2004, pois o dia escolhido para o desempenho dos primeiros reclusos era dia de trabalho no exterior e havia responsabilidades a cumprir.

Apesar de o sábado ser um dia de descanso para estes reclusos, eles não faltaram e, às 10.00 horas desse dia, apresentaram-se prontos a colaborar connosco e a participar o melhor que podiam na actividade que nós tínhamos para lhes propor.

Começámos com uma motivação, fazendo-lhes ver que aquilo que iam ler e escrever era anónimo, nada tinha a ver com a avaliação do seu comportamento, mas ficá-lhes-íamos muito grata se eles se esforçassem por dar o seu melhor, visto tratar-se de um passo importante para um trabalho de nível universitário, que nós teríamos de apresentar, e que só resultaria se eles se interessassem, realmente, reflectindo, colocando-nos dúvidas e perguntas.

Para além destas considerações, ainda dialogámos acerca do trabalho de cada um, dentro e fora da prisão, do nível de escolaridade que possuíam e que expectativas tinham para quando saíssem daquele espaço de reclusão.

Quando se inicia o diálogo com reclusos, ele prolonga-se e torna-se difícil de acabar. Eles sentem que têm pela frente alguém que está ali para os ouvir, para os ensinar ou, melhor ainda, que mostra que precisa deles, que partilha das suas vivências, das suas dificuldades e expectativas. Foi o que aconteceu ao longo da nossa docência neste meio e da nossa investigação anterior sobre de leitura.

Com este primeiro contacto, o ambiente tornou-se mais propício ao trabalho.

Iniciámos a distribuição dos textos. O 1º texto foi propositadamente o conto tradicional, visto ser um tipo de texto muito apreciado pela população prisional, ligando-o às raízes, à família, à localidade, à profissão. Ao mesmo tempo que os reclusos respondiam, íamos perguntando se sentiam alguma dificuldade. Todos foram unânimes em afirmar que o texto e as perguntas eram muito fáceis.

Seguiu-se o texto " Terra Sagrada". Um dos reclusos perguntou-nos: "*Ainda há Índios?*". Os outros riram. Mas esta observação é reveladora de algo subjacente à formação deste recluso e ao seu conhecimento do mundo.

Quando foi terminada a resolução do questionário relativo a este texto, passámos ao 3º texto, o poema " Sonho". Também não se verificou qualquer dificuldade. Ainda tentámos motivar os presentes para que, em complemento da pergunta 4, escrevessem um poema, utilizando o verso da folha, mas nenhum o fez. Disseram-nos que só quando estão sozinhos e amargurados é que o fazem. Não insistimos.

Fizemos um curto intervalo, para a actividade não se tornar tão pesada.

Um dos reclusos achou a poesia "porreira". Um outro afirmou que gostava muito de poesia, mas não a podia fazer porque, "à medida que o tempo ia passando, naquele estabelecimento, ia-se sentindo cada vez mais com menos concentração; a prisão tinha-o transformado, achando-se mais "duro", por ser um regime repressivo e depressivo. Disse, ainda, que pensava constantemente na família (filhos e mulher).

Apesar das saídas precárias a que tinha direito, pois já estava na parte final da pena, dava-se conta de que, mesmo em casa, se sentia sem paciência para a família e sem capacidade de concentração nas coisas e nas situações importantes que envolvam o ambiente familiar".

Após este breve diálogo e curto intervalo, continuámos o nosso trabalho com os dois textos que, na minha opinião, seriam os mais difíceis, apesar de se relacionarem com assuntos que dizem respeito a todos nós: "Estrada Viva" e " Barreira insensível à pobreza".

Continuei a abordar esses textos com o grupo, para conhecer se havia alguma dificuldade, pois num dos textos envolvia um gráfico que era necessário utilizar. Houve necessidade de os reclusos consultarem o original, que era a cores, e que nós levávamos connosco como precaução, para o caso de não conseguirmos ver bem a preto e branco.

Registada esta dificuldade, decidi que, quando aplicasse este texto, teria o cuidado de apresentar o gráfico a cores, ampliado numa página só.

Quanto ao último texto, o grupo também não revelou qualquer dificuldade em resolvê-lo, apesar de um dos reclusos nos perguntar se "emigração" e "imigração" eram a mesma coisa. Um dos colegas dele respondeu por nós, afirmando apenas que não. Não deixámos de registar esta dificuldade, a nível de vocabulário.

A propósito deste último texto, todos os reclusos se mostraram muito sensibilizados para o tema, transmitindo a ideia de que era algo polémico, de muito interesse para todos nós e que trazia desvantagens mas também muitas vantagens. Como ainda tínhamos algum tempo, trocámos impressões acerca do tema.

O mais curioso foi que o primeiro grupo mostrou-se contra a imigração, chegando mesmo um recluso a afirmar: *"Os imigrantes chegam, trabalham um mês; depois, ficam sem trabalho e logo de seguida dedicam-se apenas ao roubo, à droga, ao tráfico, à mendicidade e à bebida. O nosso governo é que tem a culpa em os deixar vir. Já chega de criminalidade no país com os de cá..."*.

Não podemos ficar indiferentes perante uma afirmação destas, vinda de um recluso, que em princípio também cometeu um crime, não importa de que tipo. Aqui só se vê crime naquilo que os outros fazem de mal. Em si próprios não vêem qualquer tipo de crime no mal que fizeram.

Em contrapartida, o outro grupo de reclusos era a favor da imigração. São de opinião de que *"ela deve existir, porque também eles tinham sido emigrantes e não gostavam de determinadas atitudes de exploração que sentiram. Os imigrantes precisam de trabalhar, tal como quando nós emigrámos pelo mesmo motivo. É difícil, mas quem governa tem de saber controlá-la [a imigração] e dar todas as condições aos imigrantes e suas famílias"*. Para este grupo, o tema tocava-lhes, pois eles também já tinham emigrado e, realmente, a visão do problema passou a ser outra.

Tudo isto é de registar, pois é desta troca de ideias que se pode ir construindo a verdadeira cidadania, partindo da consciencialização dos problemas e atitudes a tomar.

Finalmente, trocámos as últimas impressões com os reclusos sobre a actividade que tinham acabado de realizar.

As conclusões foram as seguintes:

- De fácil resolução.

- A actividade de escrita foi considerada a mais difícil, apesar de todos eles terem escrito alguma coisa. Atribuíram a dificuldade à falta de concentração em ambiente prisional (a qual vai diminuindo à medida que o tempo passa), que se reflectirá não só na escrita, mas também em outras actividades que envolvam a leitura. No entanto, todos reconhecem que tentaram fazer o seu melhor.

- O texto de que mais gostaram foi sobre a imigração.

- No texto sobre acidentes/infracções rodoviárias, os reclusos de um grupo achavam que faltava ser mencionada uma outra causa: a idade dos condutores, principalmente os de idade avançada. Aceitei a sugestão oralmente, mas o que estava a ser avaliado eram as causas mencionadas na notícia (nível de compreensão). No entanto, o facto revela que os reclusos estavam na posse de conhecimentos sobre a sinistralidade nas nossas estradas.

- Não souberam dizer qual dos textos lhes agradou menos.

Não podemos deixar de registar que todos os reclusos participantes nesta fase do trabalho (ao todo oito) realizaram todas as perguntas dos cinco textos propostos. Empenharam-se em fazer o seu melhor e disseram ter gostado de participar neste tipo de estudo, por saberem que, com a sua participação, estavam a contribuir para o aperfeiçoamento da actividade relacionada com o ensino/educação nas prisões. Disponibilizaram-se para outras actividades que eu quisesse desenvolver com eles, mesmo relacionadas com a leitura e a escrita.

As idades destes participantes situavam-se entre os 26 e os 50 anos. Foram escolhidos pelos responsáveis do estabelecimento prisional, entre outros, devido à sua escolaridade e disponibilidade imediata que mostraram para a participação neste tipo de trabalho. Para além de a maioria ainda estudar, um dos reclusos já tinha feito o 9º ano e todos eles tinham actividades extra, dentro e fora do estabelecimento prisional.

3.7.3.3. Resultados do pré-teste

Analisando com mais atenção o trabalho realizado com vista à reformulação ou não das questões em apreço, verificámos que, de uma forma geral, os reclusos:

- Compreenderam as mensagens transmitidas pelos textos.
- Identificaram, com alguma dificuldade, pormenores ao nível das personagens.
- A nível da escrita, o vocabulário foi escasso, as ideias eram as que costumavam ouvir, transmitidas pela televisão e pelo quotidiano, pouca criatividade/originalidade, falta de organização das ideias e muitas lacunas a nível morfosintáctico.
- O conhecimento literal predomina, em detrimento do inferencial.

Mesmo assim, ao nível da concepção das perguntas, não houve qualquer reformulação a fazer, já que os reclusos não tiveram dificuldade em perceber o que era questionado, nem revelaram qualquer problema no vocabulário dos textos, pois também não colocaram perguntas sobre o significado de algumas palavras.

3.8. Análise e discussão dos dados

Antes de iniciarmos o tratamento dos dados obtidos (Anexo 8), devemos esclarecer que nos preocupámos em analisar, o mais profundamente possível, as respostas obtidas em cada texto, utilizando a análise de conteúdo como metodologia para compreender as comunicações para lá da sua primeira significação, ou seja, atendendo a que as opiniões emitidas são expressas sobre uma dada realidade. Tendo em consideração as características do trabalho, concordamos com a opinião de Quivy e Campenhoudt (1993, p.224) ao afirmarem que " a análise do conteúdo, em ciências sociais, contrariamente à linguística não tem por objectivo compreender o funcionamento da linguagem enquanto tal". De facto, ela permite inferências sobre a origem da comunicação, intenção dos respondentes e reflexão sobre o que foi produzido.

De acordo com os mesmos autores (1993), " a análise de conteúdo não é outra coisa senão uma técnica para ler e interpretar o conteúdo de toda a classe de documentos e, mais concretamente, dos documentos escritos" (p. 182), satisfazendo exigências de rigor, de leitura analítica investigativa que permite retirar inferências do material em estudo.

Desejamos fazer inferências válidas das mensagens escritas pelos diversos participantes, relativas às temáticas e comunicações que fazem parte destes textos em estudo. Interessamos identificar a unidade de análise, o texto, que corresponde à identificação dos elementos que o compõem e que possuem um sentido completo. Na opinião de Bardin (1979), são essenciais para fazer o estudo de opiniões, atitudes, valores, crenças, etc. de quem produziu a mensagem. No nosso caso, a unidade de análise que melhor permite a apreensão do sentido da mensagem é o conjunto dos elementos do texto que, no seu conjunto, transmitam uma ideia e lhe dêem um significado. Reconhecemos, pois, que, neste tipo de trabalho, é importante compreender as intenções e efeitos gerados pelos textos e seus temas e concluir acerca da pertinência dos critérios de análise de forma precisa, consistente e válida dos resultados, através de grelhas onde se registem valores texto a texto. É de notar que, ao pormos em prática este trabalho, é necessário que haja "um bom contacto entre quem investiga e as pessoas-chave, assim como uma compreensão clara e uma adesão destas últimas aos objectivos da pesquisa" (Laperrière, 1992, p.259).

Para o tratamento dos dados obtidos, decidimo-nos por critérios flexíveis na consideração das questões. Não nos preocupámos apenas com respostas totalmente certas ou totalmente erradas, pois sabemos que este público iria responder de uma forma superficial, despreocupada e com pouco tempo disponibilizado para uma concentração adequada nos assuntos dos textos e suas mensagens.

3.8.1. Texto 1 – "O SAPATEIRO POBRE"

Optámos por apresentar este texto em primeiro lugar por ser um conto tradicional, em princípio mais motivador para a leitura do que outros, que não estariam tão ao alcance da compreensão e motivação do recluso.

Reconhecemos o desequilíbrio presente na amostra (53 reclusos e 34 reclusas), mas assim aconteceu fruto das contingências e circunstâncias, sem que fosse da nossa vontade.

Objectivos:

- compreender a mensagem do texto;
- identificar as personagens e sua forma de agir perante uma situação nova;
- detectar o papel da família e sua união, relacionando o seu bem-estar com a posse (ou não) de dinheiro.

Questão 1 – Que provérbio escolheria para ilustrar a verdadeira mensagem deste conto?

Pretendia-se que, através do provérbio, tão ao gosto de crianças e adultos, se chegasse à verdadeira mensagem do texto: a importância da família em contraste com a abundância de dinheiro. É um conto popular que se relaciona com vivências de todos nós e, neste caso, com determinadas situações de reclusos motivadas por furtos, roubos e a ganância de obter dinheiro, de modos menos honestos, tendo como base determinada importância que lhe conferem.

Resultados obtidos:

Observando o Quadro nº 37, elaborado por nós, partindo dos dados obtidos, verifica-se que dos 53 homens, 18 deles indicaram a resposta "certa com aproximação", seguida da resposta "melhor das erradas" (28.3%). Nas mulheres, a resposta à questão foi que 11 reclusas (32.3%) não responderam, logo seguida da "melhor das erradas".

	HOMENS		MULHERES		TOTAL	
total/certa	12	22.6%	8	23.5%	20	23.0%
certa/aproxim.	18	34.0%	6	17.7%	24	27.6%
melhor/errada	15	28.3%	9	26.5%	24	27.6%
total/errada	8	15.1%	0	0%	8	9.2%
não responde	0	0%	11	32.3%	11	12.6%
Total	53	100%	34	100%	87	100%

Quadro nº 37 – Respostas que exprimem o provérbio que ilustra a mensagem do conto, por género e total (quadro de elaboração própria).

Conclusão:

Nem os homens nem as mulheres conseguiram escolher a resposta "totalmente certa", verificando-se, no conjunto, que os homens se aproximaram mais da resposta certa.

Num total de 53 homens, só um recluso não respondeu.

As mulheres revelaram mais dificuldades, ao constatar que 11 reclusas não responderam, num total de 34. Dos reclusos respondentes (76 no total) verificamos que as

respostas ficaram muito próximas da totalmente certa. Por conseguinte, a identificação da mensagem não foi realmente apreendida por ambos os sexos, apresentando mais dificuldades as mulheres.

Questão 2 – Que personagens entram na acção do conto?

Através desta pergunta (Quadro nº 38), os reclusos/as teriam de identificar as personagens que entraram na acção e, por isso, de revelar a sua capacidade de concentração na leitura e compreensão do texto.

Resultados:

Quer nos homens, quer nas mulheres, 30 homens (56.6%) e 21 mulheres (61.8%), a resposta foi totalmente correcta; ou seja, as personagens eram: o sapateiro, mulher, filhos, e ricaço. As mulheres mostraram melhor desempenho na identificação das personagens.

	HOMENS		MULHERES		TOTAL	
total/certa	30	56.6%	21	61.8%	51	58.6%
certa/aproxim.	8	15,1%	7	20.6%	15	17.2%
melhor/errada	9	17.0%	5	14.7%	14	16.0%
total/errada	5	9.4%	0	0%	5	5.7%
não responde	1	1.9%	1	2.9%	2	2.3%
Total	53	100%	34	100%	87	100%

Quadro nº 38 – Respostas que correspondem às personagens participantes da acção do conto, por género e total (quadro de elaboração própria).

Conclusão:

A resposta a esta questão revela a capacidade de 51 participantes, em 87, no que respeita à identificação das personagens, o que nem sempre é fácil, pois é usual confundirem-se os seus papéis.

Questão 3 – O que decidiram fazer com esse dinheiro?

A resposta a esta questão vem no seguimento da anterior, de forma a dar-nos informações sobre a atenção/concentração dos participantes, bem como sobre a capacidade de retenção de informação veiculada pelo texto.

Resultados:

Vinte reclusos e 15 reclusas responderam adequadamente, ou seja, escolheram a resposta "totalmente certa", revelando que conseguiram identificar uma parte significativa da acção do texto, tal como nos revelam os resultados do Quadro nº 39. No entanto, foram as reclusas que, dentro do seu género, conseguiram essa identificação em maior percentagem.

	HOMENS		MULHERES		TOTAL	
total/certa	20	37.7%	15	44.1%	35	40.2%
certa/aproxim.	9	17.0%	2	5.9%	11	12.6%
melhor/errada	11	20.8%	7	20.6%	18	20.6%
total/errada	12	22.6%	9	26.5%	21	24.1%
não responde	1	1.9%	1	2.9%	2	2.3%
Total	53	100%	34	100%	87	100%

Quadro nº 39 – Respostas que exprimem o que as personagens decidiram fazer com o dinheiro, por género e total (quadro de elaboração própria).

Conclusão:

Apesar de 35 terem escolhido a resposta correcta, ainda se registaram muitas hesitações entre a "melhor das erradas" e a "totalmente errada", em ambos os sexos. Podemos concluir que não foi uma questão fácil de responder, colocando algumas dúvidas, ou seja, a não identificação exacta da resposta.

Questão 4 – O bem-estar e a união familiar estão aqui bem presentes. Acha que estes laços devem estar acima do interesse monetário? Exprima a sua opinião.

Nesta questão, de tipo aberto, pretendíamos avaliar algumas competências dos reclusos/as, ao nível da escrita, mas também conhecer um pouco a opinião, o interesse e a

valoração desta população sobre temas actuais ou que se relacionassem com as suas vivências, cultura e preparação para enfrentar uma sociedade em transformação.

Valorizámos, como previmos, os factores criatividade e abordagem do tema, planificação da resposta, sistematização/organização das ideias, tipo de vocabulário, erros (ortográficos, de pontuação, construção frásica, etc.) e a caligrafia, tal como definimos nos critérios para a correcção dos questionários.

a) Criatividade e abordagem do tema

Quanto à criatividade/originalidade, como se pode ver no Quadro nº 40, quer os reclusos quer as reclusas posicionaram-se entre o razoável e a pouca criatividade. Limitaram-se a responder com duas ou três frases sobre o assunto "dinheiro" e "união familiar", considerando que primeiro está a família, mas é sempre necessário algum dinheiro. Alguns não responderam mesmo à pergunta, mas ainda houve quem tivesse respostas fora do comum, elaborando textos extensos, principalmente as reclusas.

	HOMENS		MULHERES		TOTAL	
Muita	3	5.7%	6	17.7%	9	10.3%
Razoável	22	41.5%	10	29.4%	32	36.8%
Pouca	22	41.5%	17	50.0%	39	44.8%
Não responde	6	11.3%	1	2.9%	7	8.0%
Total	53	100%	34	100%	87	100%

Quadro nº 40 – Criatividade/originalidade do tema/assunto, por género e total (quadro de elaboração própria).

Na abordagem do tema/assunto, Quadro nº 41, verificou-se uma diferença considerável. Os homens conseguiram melhor essa abordagem (41.5%), enquanto as mulheres se ficaram, em maior percentagem, pela abordagem aproximada. Registaram-se 6 reclusos e 1 reclusa que nem sequer tentaram responder ou escrever o que quer que fosse (aparecendo no quadro o item "não respondeu").

	HOMENS		MULHERES		TOTAL	
Conseguida	22	41.5%	9	26.5%	31	35.6%
Aproximada	17	32.1%	13	38.2%	30	34.5%
Não conseguida	8	15.1%	11	32.4%	19	21.8%
Não responde	6	11.3%	1	2.9%	7	8.0%
Total	53	100%	34	100%	87	100%

Quadro nº 41 – Abordagem do tema/assunto, por género e total (quadro de elaboração própria).

Conclui-se dos resultados apresentados, quanto à abordagem do tema/assunto, que os homens superaram as mulheres. O assunto, aqui perspectivado, não foi tratado por sete reclusos, no total, nem conseguido por dezanove. Regista-se uma boa percentagem de respondentes que se ficou entre a abordagem aproximada e a não conseguida.

b) Sistematização das ideias

A sistematização das ideias (pautada pelo acordo com um plano de trabalho, por uma linha de pensamento e por um enunciado/discurso determinado) foi conseguida pelos reclusos, ao nível da coesão lexical e frásica, mas não tanto ao nível da coesão entre frases. Nas reclusas verificou-se uma maior sistematização. Isso vê-se pela coesão lexical e interfrásica.

Verifica-se (Quadro nº 42) que a coesão dentro da frase foi mais bem conseguida pelos reclusos (28.3%) e a coesão lexical, pelas reclusas (32,4%).

	HOMENS		MULHERES		TOTAL	
coesão lexical	13	24.5%	11	32.4%	24	27.6%
coesão frásica	15	28.3%	9	26.5%	24	27.6%
coesão interfrásica	8	15.1%	8	23.5%	16	18.4%
coesão temporal	11	20.8%	5	14.7%	16	18.4%
não responde	6	11.3%	1	2.9%	7	8.0%

Quadro nº 42 – Sistematização das ideias, por género e total (quadro de elaboração própria).

De uma forma global, o discurso revelou-se pobre ao nível do vocabulário, com fases simples e com pouca utilização de conectores adequados (na coesão interfrásica) e a utilização desajustada do tempo na estrutura do discurso. Atrevemo-nos a sugerir que tudo é fruto da baixa formação, de poucos conhecimentos do funcionamento da língua em estreita ligação com o contexto e um deficiente raciocínio lógico e estruturado.

c) Tipo de vocabulário

Na sequência do que referimos no ponto anterior, a nossa preocupação com o tipo de vocabulário utilizado pelos reclusos e reclusas levou-nos a uma maior preocupação e observação. Após uma leitura atenta das produções escritas, constantes do Quadro nº 43, concluímos que a maioria dos participantes utilizou o vocabulário corrente (homens – 58.5% e mulheres – 70.6%), com um léxico do quotidiano, muitas vezes com repetições constantes, mas adequado ao tema/assunto proposto.

	HOMENS		MULHERES		TOTAL	
Cuidado	10	18.9%	6	17.7%	16	18.4%
Corrente	31	58.5%	24	70.6%	55	63.2%
Popular	6	11.3%	3	8.8%	9	10.3%
Não responde	6	11.3%	1	2.9%	7	8.1%
Total	53	100%	34	100%	87	100%

Quadro nº 43 – Tipologia da linguagem predominante, nas respostas, por género e total (quadro de elaboração própria).

Do que considerámos e reflectimos, podemos dizer que mais uma vez se denota a ausência de uma fluência de vocabulário corrente, bem adequado à frase e colocado no texto com conhecimento do assunto, pouco variado e, por vezes, incorrecto. Na nossa opinião, devido ao contacto directo com reclusos, poderemos dizer que isto acontece porque a leitura e a escrita são duas competências que não são praticadas, seja em reclusão, seja no mundo exterior aos muros da prisão.

d) Tipologia de erros

Na construção do texto, reclusos e reclusas cometeram erros de ortografia, pontuação, construção frásica (essencialmente). Eles aparecem indicados em termos percentuais no Quadro nº 44, assim como o número de reclusos que não resolveram esta questão (6 homens e 1 mulher). Foram as reclusas quem revelou mais dificuldades, já que com elas se verifica, ao mesmo tempo, uma grande percentagem com erros de pontuação, de construção frásica e de ortografia. Os homens revelaram os mesmos tipos de erros com valores muito aproximados aos das mulheres, excepto ao nível da pontuação onde se verifica uma maior diferença.

	HOMENS		MULHERES		TOTAL	
Ortográficos	26	49.1%	18	52.9%	44	50.6%
Pontuação	29	54.7%	26	76.5%	55	63.2%
Construção frásica	27	50.9%	19	55.9%	46	52.9%
Não responde	6	11.3%	1	2.9%	7	8.1%

Quadro nº 44 – Tipologia dos erros detectados com mais frequência, por género e total (quadro de elaboração própria).

A tipologia dos erros indicados mostra que, para além da falta de vocabulário, atrás abordado, há uma forte relação entre a correcção na escrita de palavras e a sua colocação na frase, para que o discurso se torne coeso e coerente. Sem dúvida que é um domínio a desenvolver e a aperfeiçoar, aproveitando leituras e actividades de escrita compositiva e criativa que permitam ultrapassar estas dificuldades, fornecendo ao recluso ferramentas cruciais ao entendimento do mundo e de si próprio.

e) Legibilidade da escrita (caligrafia)

No Quadro nº 45, pretende-se mostrar até que ponto os reclusos e reclusas se fazem entender aos outros, permitindo-lhes comunicar, intervir na sociedade quando for necessário escrever e mesmo transmitir o que sentem de forma legível e perceptível.

É verdade que o computador pode, por vezes, substituir a escrita manual, mas em certas ocasiões torna-se necessário utilizá-la, nomeadamente no trabalho, na composição

de uma carta, em situações do quotidiano. Daí a nossa preocupação em conhecermos como escrevem os reclusos. Segundo este quadro, a escrita é facilmente perceptível para 37.8% dos reclusos, assim como para metade das reclusas (50.0%). Todavia, ainda se regista um número considerável de reclusos e reclusas cuja caligrafia é razoavelmente perceptível. Nesta questão não foram considerados 6 homens e 1 mulher que não responderam à questão.

Tipo de escrita	HOMENS		MULHERES		TOTAL	
Facilmente perceptível	20	37.8%	17	50.0%	37	42.5%
Razoavelmente perceptível	14	26.4%	14	41.2%	28	32.2%
Perceptível c/ dificuldade	13	24.5%	2	5.9%	15	17.2%
Não responde	6	11.3%	1	2,9%	7	8.1%
Total	53	100%	34	100%	87	100%

Quadro nº 45 – Tipo de escrita (caligrafia), por género e total (quadro de elaboração própria).

Podemos concluir que o tipo de escrita usado pelos(as) reclusos(as), apesar de facilmente perceptível para 37 respondentes, acaba por mostrar algumas fragilidades, visto que 43 participantes se situam entre a razoavelmente perceptível e perceptível com dificuldade. Nos homens, ela apresenta-se ainda menos perceptível.

3.8.2. Conclusões gerais acerca do questionário relativo ao texto

"O Sapateiro Pobre"

Os reclusos(as) revelaram interesse em exprimir o que pensavam/sentiam acerca do tema; apenas 6 homens e 1 mulher não responderam à pergunta nº 4.

Em suma, e de um modo geral, os participantes compreenderam o texto, na globalidade, apesar das poucas questões colocadas. Pode-se constatar essa compreensão através do que escreveram na 4ª questão, relacionando-a com o dilema dinheiro/união familiar. Ainda revelaram alguma dificuldade na identificação do tema/assunto do texto, falta de conhecimento do mundo para o desenvolvimento das suas ideias, vocabulário

adequado mas muito pobre e uma sistematização das ideias um pouco desconexa ao nível da coesão frásica. Tudo isto, na nossa perspectiva, pode ser revelador da falta de leitura que possa ajudar na estruturação do pensamento e fluência das ideias.

3.8.3. Texto 2 – "A TERRA É SAGRADA"

Objectivos:

- compreender o assunto do texto;
- mostrar sensibilidade sobre questões ambientais;
- relacionar o texto e os conhecimentos possuídos com os problemas ambientais;
- revelar a sua capacidade criativa e de sistematização das ideias;
- avaliar o discurso escrito.

Este texto foi aqui inserido devido à sua pertinência e actualidade. Desejávamos verificar até que ponto este público adulto compreende não só aquilo que as personagens transmitem, mas também apreciar o seu sentido crítico quando estão perante questões que envolvem os riscos ambientais e que conhecimentos possuem acerca disso.

Questão 1 – *Qual o assunto da carta do Chefe Seattle ao Chefe Branco?*

Neste primeiro momento do questionário, gostaríamos de confirmar se o recluso/a compreendeu realmente o assunto do texto, dando-lhe algumas opções de escolha.

Resultados obtidos:

Como mostra o Quadro nº 46, os participantes revelaram bastantes dificuldades nesta questão. Nenhuma reclusa acertou na resposta correcta (venda de terras). Apenas 10 reclusos o conseguiram (18.9%). A resposta mais escolhida foi a "melhor das erradas" para ambos os géneros, ou seja, o assunto da carta do Chefe Seattle seria para "compra de terras". A esta pergunta todos os reclusos responderam, o que não aconteceu com as reclusas (6 num total de 34 mulheres).

	HOMENS		MULHERES		TOTAL	
total/certa	10	18.9%	0	0%	10	11.5%
certa/aproxim.	17	32.1%	9	26.5%	26	29.9%
melhor/errada	23	43.4%	14	41.2%	37	42.5%
total/errada	3	5.6%	5	14.7%	8	9.2%
não responde	0	0%	6	17.6%	6	6.9%
Total	53	100%	34	100%	87	100%

Quadro nº 46 – Respostas que exprimem o assunto da carta, por género e total (quadro de elaboração própria).

Conclusão:

A leitura do texto, ou seja, a capacidade dos reclusos na compreensão e apreensão da verdadeira mensagem veiculada por ele, não foi concretizada, dando-se conta que os respondentes confundiram compra com venda de terras. Contudo, em segundo lugar, como mais cotada, ficou a resposta "certa com aproximação" (defesa da Natureza): 17 homens, correspondendo a 32,1% e 9 mulheres a 26,5%. Temos de reconhecer que, de uma forma global, todo o texto se relaciona com a defesa da Natureza, por parte do Chefe Índio, o que confundiu a compreensão dos reclusos/as.

Questão 2 – *No texto, estão em contraste:*

Com esta pergunta, o objectivo seria o de identificar o contraste (confrontar conceitos sobre a realidade) existente no texto e, com opções ligeiramente semelhantes, verificar até que ponto o recluso/a iria um pouco mais além do texto, ou seja, saía da sua compreensão literal e passaria à interpretação.

Resultados:

Observando o Quadro nº 47, verificamos que 21 reclusos e 19 reclusas (num total de 87: 53 homens e 34 mulheres), acertaram na opção (contraste entre duas civilizações), logo seguida da opção "certa com aproximação" (duas personalidades). Regista-se, ainda, uma percentagem significativa de mulheres que conseguiram resolver a questão (55,9%), o

que não aconteceu com os homens, em que não chegou a metade o número de reclusos que acertou na resposta (39,6%).

	HOMENS		MULHERES		TOTAL	
total/certa	21	39.6%	19	55.9%	40	46.0%
certa/aproxim.	14	26.4%	9	26.4%	23	26.4%
melhor/errada	7	13.2%	2	5,9%	9	10.3%
total/errada	11	20.8%	2	5.9%	13	14.9%
não responde	0	0%	2	5.9%	2	2.3%
total	53	100%	34	100%	87	100%

Quadro nº 47 – Respostas sobre a identificação dos contrastes no texto, por género e total (quadro de elaboração própria).

Conclusão:

Esta questão exigia atenção à pergunta e leitura atenta do texto. Perante tais resultados, podemos inferir que grande parte dos respondentes se preocupou com a leitura do texto e acabou por reter o assunto, os comportamentos e conceitos ali descritos. O próprio vocabulário e contexto relacionado com a Natureza terá ajudado à compreensão.

Questão 3 – *Na sua opinião, a posição do Chefe Seattle é:*

Ao responder a esta questão fechada, o recluso/a deveria mostrar a sua opinião (no fundo, uma crítica) em relação à tomada de posição da personagem. Apenas uma reclusa não respondeu.

Resultados:

Obtiveram-se respostas de quase todos os participantes (Quadro nº 48), excepto de uma reclusa. No total de 87 reclusos, participaram 86 (53 homens e 33 mulheres).

Obteve-se a mesma pontuação em duas opções: na "totalmente certa" (a defesa da Natureza) e na "melhor das erradas" (conservadorismo). Nas reclusas, a opção mais escolhida obteve 15 respostas (44,1 %) na "melhor das erradas" (conservadorismo), logo seguida da "totalmente errada" (teimosia).

	HOMENS		MULHERES		TOTAL	
total/certa	22	41.5%	5	14.7%	27	31.0%
certa/aproxim.	4	7.5%	5	14.7%	9	10.3%
melhor/errada	22	41.5%	15	44.1%	37	42.5%
total/errada	5	9.5%	8	23.6%	13	14.9%
não responde	0	0%	1	2.9%	1	1.2%
Total	53	100%	34	100%	87	100%

Quadro nº 48 – Respostas que exprimem a posição do chefe Seattle, por género e total (quadro de elaboração própria).

Conclusão:

Os homens acabaram por revelar uma opinião mais próxima do que era esperado, apesar da igualdade entre a resposta "totalmente certa" e a "melhor das erradas", o que não deixa de ter alguma aceitação, se analisarmos bem a posição do Chefe índio. Se ele defende a Natureza, há algo que ele quer preservar, o que para os respondentes terá significado "conservar". Nas reclusas, isso verificou-se em maior percentagem, logo seguida da teimosia atribuída à personagem, revelando um lado mais emotivo da mulher em oposição ao lado mais pragmático dos Homens.

De acordo com o que subjaz no texto, a posição do Chefe índio era mesmo a defesa da Natureza, não só para o seu tempo, mas também para os tempos vindouros.

Questão 4 – Já há mais de cem anos, o velho índio pareceu prever os problemas que atingem a humanidade. Diga, na sua opinião, alguns deles, de acordo com os conhecimentos e informações que possui.

Ao revelarem, por escrito, a sua própria opinião, de acordo com os conhecimentos e informações que possuíam no que diz respeito aos problemas ambientais que atingem a humanidade. Ficaríamos a conhecer até que ponto os reclusos possuem informação sobre esse tema e, ao mesmo tempo, a sua capacidade na relação do texto com a informação da sua própria “enciclopédia”, num discurso correcto e coeso.

a) Criatividade e abordagem do tema

Com os dados inscritos no Quadro nº 49, damos conta de que se obtiveram 78 respostas (50 homens e 28 mulheres), apesar de serem no total 87 reclusos. Foram 3 homens e 6 mulheres que não abordaram a questão. Os homens revelaram uma razoável criatividade, enquanto as reclusas mostraram mesmo pouca criatividade/originalidade. Estas construíram textos curtos ou mesmo só frases, praticamente baseados nas informações do texto.

	HOMENS		MULHERES		TOTAL	
Muita	13	24.6%	5	14.7%	18	20.7%
Razoável	19	35.8%	8	23.5%	27	31.0%
Pouca	18	34.0%	15	44.2%	33	37.9%
Não responde	3	5.6%	6	17.6%	9	10.3%
Total	53	100%	34	100%	87	100%

Quadro nº 49 – Criatividade/originalidade do tema/assunto, por género e total (quadro de elaboração própria).

Relacionada com o item anterior, a abordagem do tema (Quadro nº 50) foi conseguida em cerca de metade dos reclusos, ficando as reclusas pelos 29,4% (abordagem aproximada), logo seguida de um empate entre a "conseguida" e a "não conseguida", revelando que está muito repartida a abordagem do tema entre as respondentes, o que não acontece com os Homens, em que há um claro sucesso na "conseguida".

	HOMENS		MULHERES		TOTAL	
Conseguida	27	50.9%	9	26.5%	36	41.4%
Aproximada	13	24.5%	10	29.4%	23	26.4%
Não conseguida	10	18.9%	9	26.5%	19	21.8%
Não responde	3	5.7%	6	17.6%	9	10.3%
Total	53	100%	34	100%	87	100%

Quadro nº 50 – Abordagem do tema/assunto, por género e total (quadro de elaboração própria).

b) Sistematização das ideias

Ao sistematizar as ideias, os reclusos evidenciaram coesão interfrásica, assim como ao nível lexical, mas sempre com textos pequenos (Quadro nº 51). Nas reclusas, de acordo com o pouco que escreveram apenas se preocuparam com a coesão lexical, talvez por se apoiarem muito no texto. Cerca de 6 em 34 não responderam à questão.

	HOMENS		MULHERES		TOTAL	
coesão lexical	12	22.6%	12	35.3%	24	27.6%
coesão frásica	15	28.3%	6	17.6%	21	24.1%
coesão interfrásica	14	26.4%	7	20.6%	21	24.1%
coesão temporal	9	17%	3	8.9%	12	13.8%
não responde	3	5.7%	6	17.6%	9	10.3%

Quadro nº 51 – Sistematização das ideias num total de 53 homens e 34 mulheres (quadro de elaboração própria).

c) Tipo de vocabulário

O tipo de vocabulário utilizado está intimamente relacionado com os conhecimentos dos reclusos em relação ao assunto (básicos) e o que ouvem na imprensa ou a outras pessoas. Verifica-se, claramente, (Quadro nº 52), um vocabulário de nível corrente, não empregando termos do vocabulário específico do "ambiente", mas aquele que todos os dias nos aparece na imprensa, de uma forma superficial, geral, sem pormenores que levem à escrita de expressões adequadas, como "buraco do ozono", "efeito de estufa", "biodiversidade", etc.

	HOMENS		MULHERES		TOTAL	
Cuidado	18	34%	9	26.5%	27	31.0%
Corrente	32	60.4%	17	50%	49	56.3%
Popular	0	0%	2	5.9%	2	2.3%
Não responde	3	5.6%	6	17.6%	9	10.3%
Total	53	100%	34	100%	87	100%

Quadro nº 52 – Tipo de vocabulário predominante, nas respostas, por género e total (quadro de elaboração própria).

d) Tipologia de erros

Ao nível de erros na escrita (Quadro nº 53), registam-se erros ortográficos em 23 reclusos (43,4%), de construção frásica e de pontuação em 20 reclusos (37,7%). Como escreveram um pouco mais do que as reclusas, apesar do pouco que escreveram, os erros que mais cometeram foram de construção frásica, logo seguidos de pontuação.

Denota-se muita dificuldade na expressão do que sentem, ou do que sabem que existe, mas não querem deixar de mostrar, por poucas frases, essa realidade, da qual possuem pouco conhecimento.

	HOMENS		MULHERES		TOTAL	
Ortográficos	23	43.4%	16	47.1%	39	44.8%
Pontuação	20	37.7%	17	50.0%	37	42.5%
Construção frásica	20	37.7%	19	55.9%	39	44.8%
Não responde	3	5.7%	6	17.6%	9	10.3%

Quadro nº 53 – Tipologia de erros detectados com mais frequência, por género e total (quadro de elaboração própria).

f) Legibilidade da escrita (caligrafia)

Nesta questão de produção escrita, os participantes, 53 homens e 34 mulheres, revelaram uma escrita perceptível, com melhores resultados nas mulheres. Não abordaram a questão 3 homens e 6 mulheres (Quadro nº 54).

Tipo de escrita	HOMENS		MULHERES		TOTAL	
Facilmente perceptível	23	43.4%	17	50.0%	40	46.0%
Razoavelmente perceptível	14	26.4	10	29.4%	24	27.6%
Perceptível c/ dificuldade	13	24.5%	1	2.9%	14	16.1%
Não responde	3	5.7%	6	17.7%	9	10.3%
Total	53	100%	34	100%	87	100%

Quadro nº 54 – Tipo de escrita (caligrafia), por género e total (quadro de elaboração própria).

3.8.4. Conclusões gerais do questionário acerca do texto "A Terra é Sagrada"

De uma forma geral, perante este texto, os reclusos/as mostraram interesse pelo assunto. No entanto, há que registar algumas dificuldades na compreensão literal e na expressão escrita. Mesmo quando estavam a resolver o questionário sobre o texto, demos conta de que havia uma certa paragem no ritmo de resolução, por algumas perguntas que me colocavam e denotavam dúvidas na escolha da resposta adequada.

Na questão de resposta aberta, alguns perderam tempo a pensar, a reflectir. Isso fez-nos supor que era difícil colocar, por escrito, aquilo que conheciam sobre o assunto. Houve mesmo quem desistisse de responder à questão 4 (3 homens e 6 mulheres).

Em suma, foi um texto com um grau de dificuldade um pouco maior, já que saía do âmbito das conversas do quotidiano, principalmente ao nível do vocabulário e do próprio assunto. No entanto, todo o texto passa a mensagem de que há ali algo relacionado com a Natureza, o que poderá ter facilitado um pouco a tarefa da compreensão. Na produção escrita, as dificuldades revelaram-se, uma vez que era necessário possuir algum conhecimento sobre os problemas ambientais para poder escrever um texto coeso e coerente.

3.8.5. Texto 3 – "SONHO"

Objectivos:

- compreender textos poéticos;
- reconhecer a importância da leitura;
- revelar sentimentos sobre os livros.

Decidimos incluir este texto para ficarmos a conhecer as dificuldades dos reclusos a nível da compreensão. Além disto, queríamos apreciar o valor dado pelos reclusos/as à leitura, tema subjacente a todo o poema.

Questão 1 – *Após a leitura do poema, diga qual o tema ali desenvolvido*

Após a leitura do poema, os respondentes teriam de indicar qual o tema do texto poético, escolhendo uma das quatro opções, exigindo concentração e mesmo capacidade

em compreender o outro sentido das palavras do poeta, já que vários elementos vão sendo enumerados, podendo provocar alguma confusão na escolha da resposta adequada.

Resultados obtidos:

Os reclusos atingiram a sua pontuação máxima na "melhor das erradas" (o estudo) e as reclusas atingiram a pontuação máxima ao escolherem a "totalmente certa" (55,9%) – o prazer (Quadro nº 55). Todos os reclusos responderam à pergunta, o que não aconteceu com as reclusas (3 delas não a preencheram), verificando-se uma indecisão maior nos homens, repartindo-se as respostas de valor muito semelhante entre "certa com aproximação", "totalmente certa" e "totalmente errada".

	HOMENS		MULHERES		TOTAL	
total/certa	11	20.8%	19	55,9%	30	34.5%
certa/aproxim.	13	24.4%	9	26.5%	22	25.3%
melhor/errada	18	34.0%	3	8.8%	21	24.1%
total/errada	11	20.8%	0	0%	11	12.6%
não responde	0	0%	3	8.8%	3	3.5%
Total	53	100%	34	100%	87	100%

Quadro nº 55 – Respostas que exprimem qual o tema desenvolvido no texto, por género e total (quadro de elaboração própria).

Conclusão:

As reclusas revelaram maior capacidade na compreensão do poema, ou talvez mais sensibilidade para este tipo de texto. Os reclusos revelaram muita confusão na escolha, revelando alguma dificuldade ou, talvez, menos sensibilidade para este tipo de texto.

Questão 2 – *A que compara o narrador os livros?*

Com esta pergunta, apenas queríamos que se retirasse informação perfeitamente explícita no texto e grau de facilidade, ou dificuldade, em a encontrar.

Resultados obtidos:

Do total de respostas (87, sendo 53 homens e 34 mulheres) e como constata o Quadro nº 56, os reclusos obtiveram melhores resultados neste tipo de pergunta, já que 67,5% respondeu certo. As reclusas também acertaram (38,2%), mas se somarmos as percentagens da "melhor das erradas" (32,4%) com a "totalmente errada" (23,5%), acaba por se verificar uma maioria que não conseguiu retirar informação explícita no texto.

	HOMENS		MULHERES		TOTAL	
total/certa	36	67.9%	13	38.2%	49	56.3%
certa/aproxim.	4	7.5%	0	0%	4	4.6%
melhor/errada	8	15.1%	11	32.4%	19	21.8%
total/errada	3	5.7%	8	23.5%	11	12.6%
não responde	2	3.8%	2	5.9%	4	4.6%
Total	53	100%	34	100%	87	100%

Quadro nº 56 – Respostas que exprimem a realidade a que compara o narrador os livros, por género e total (quadro de elaboração própria).

Conclusão:

Os reclusos sentem menos dificuldades em extrair informação explícita que as reclusas, apesar de estas também terem escolhido acertadamente, mas com hesitações, o que, no seu somatório, revela mais dificuldade da parte delas. Não há uma grande discrepância entre a "totalmente certa" e as erradas.

Questão 3 – *Este poema é um hino*

Nesta questão, que para além de envolver a compreensão também apela à interpretação, um pouco para lá do texto, os resultados não estão muito longe dos anteriores.

Resultados obtidos:

Ao prestarmos atenção aos dados do Quadro nº 57 (num total de 87 respostas – 53 homens e 34 mulheres), vemos que os homens escolheram a "melhor das erradas" (45,2%) – hino à leitura -, mas observando as outras percentagens, a confusão de respostas acaba

por dar uma boa percentagem (28,3%) para ""totalmente certa" e "certa com aproximação" e "totalmente errada" (5,7%). Portanto, não há um sucesso bem evidente na resposta. As reclusas também escolheram a "melhor das erradas", tal como nos reclusos, mas reparando nas outras percentagens das outras alíneas, acabamos por ver que houve alguma dificuldade na escolha.

	HOMENS		MULHERES		TOTAL	
total/certa	15	28.3%	10	29.4%	25	28.7%
certa/aproximação	11	20,8%	5	14.7%	16	18.4%
melhor/errada	24	45.2%	12	35.3%	36	41.4%
total/errada	3	5.7%	7	20.6%	10	11.5%
não responde	0	0%	0	0%	0	0%
Total	53	100%	34	100%	87	100%

Quadro nº 57 – Respostas que exprimem a consideração do poema como um hino, por género e total (quadrode elaboração própria).

Conclusão:

Mediante estes resultados, podemos, talvez, sugerir que a palavra "hino" terá oferecido alguma dificuldade na escolha da opção e daí a repartição das percentagens e o não se verificar uma totalmente relevante. Para além da palavra "hino", temos de assinalar que as opções por nós propostas estavam contidas no texto, mas era necessário estar na posse da verdadeira mensagem do texto, para escolher a resposta adequada.

Questão 4 – *E para si, o que é ler? Emita a sua própria definição. Se quiser, pode fazê-lo como fez Fernando Pessoa neste poema, utilizando versos.*

Ao pedir-se a opinião dos participantes no estudo para que emitissem a sua própria definição de leitura ou escrevendo o que sentiam, tal como o fez Fernando Pessoa, em poema, queríamos conhecer não só a opinião que têm, sobre o acto de ler, o seu gostos e hábitos de leitura, como também a sua capacidade de expressão escrita, como forma de evasão e expressão da sua solidão.

a) Criatividade e abordagem do tema

Resultados obtidos:

Quanto à criatividade/originalidade (Quadro nº 58), é nítido o distanciamento entre reclusos e reclusas (do total de 87 respondentes, 7 homens e 2 mulheres não responderam a esta questão). Os homens apresentam muita criatividade (43,4%), enquanto as mulheres revelam uma criatividade razoável (44,2%), revelando os homens mais preocupação na forma como escrevem.

	HOMENS		MULHERES		TOTAL	
Muita	23	43.4%	7	20.5%	30	34.5%
Razoável	12	22.6%	15	44.2%	27	31.0%
Pouca	11	20.8%	10	29.4%	21	24.1%
Não responde	7	13.2%	2	5.9%	9	10.3%
Total	53	100%	34	100%	87	100%

Quadro nº 58 – Criatividade/originalidade do tema/assunto, por género e total (quadro de elaboração própria).

Ao nível da abordagem ao tema/assunto (Quadro nº 59), os reclusos conseguiram-na de forma bem evidente (67,9%), apesar de 7 dos 53 homens nem sequer tentarem escrever algo. As reclusas também conseguiram abordar o tema, mas não de uma forma tão evidente. Se observarmos a abordagem "aproximada" e "não conseguida", as duas juntas superam a conseguida (38,2%).

	HOMENS		MULHERES		TOTAL	
conseguida	36	67.9%	13	38.2%	49	56.3%
aproximada	3	5.7%	10	29.4%	13	14.9%
não conseguida	7	13.2%	9	26.5%	16	18.4%
não responde	7	13.2%	2	5.9%	9	10.3%
Total	53	100%	34	100%	87	100%

Quadro nº 59 – Abordagem do tema/assunto, por género e total (quadro de elaboração própria).

b) Sistematização das ideias

Dos participantes que responderam a esta questão (dos 87, responderam 46 homens e 32 mulheres), no que se refere à sistematização das ideias (Quadro nº 60), os homens revelaram mais coesão interfrásica. As mulheres revelaram coesão interfrásica e lexical. Escreveram menos, mas com organização e coesão no pouco que escreveram.

	HOMENS		MULHERES		TOTAL	
coesão lexical	9	17%	9	26.5%	18	20.7%
coesão frásica	17	32.1%	7	20.6%	24	27.6%
coesão interfrásica	13	24.5%	10	29.4%	23	26.4%
coesão temporal	7	13.2%	6	17.6%	13	14.9%
não responde	7	13.2%	2	5.9%	9	10.3%

Quadro nº 60 – Sistematização das ideias, por género e total (quadro de elaboração própria).

c) Tipo de vocabulário

O tipo de vocabulário (Quadro nº 61) continua a ser o corrente, mesmo naqueles reclusos/as (45,3% de homens e 64,7% de mulheres) que escreveram em forma de poema. No entanto, foram os homens que mais se preocuparam em escrever em forma de poema (como era sugerido), mas sem a preocupação de rima e com um léxico um pouco desfasado do tema que era pedido.

	HOMENS		MULHERES		TOTAL	
Cuidado	20	37.7%	8	23.5%	28	31.2%
Corrente	24	45.3%	22	64.7%	46	52.9%
Popular	2	3.8%	2	5.9%	4	4.6%
Não responde	7	13.2%	2	5.9%	9	10.3%
Total	53	100%	34	100%	87	100%

Quadro nº 61 – Tipo de vocabulário predominante, nas respostas (quadro de elaboração própria).

Podemos concluir que, apesar de ser um tipo de texto que os reclusos gostam de praticar, não aproveitaram esta oportunidade para o demonstrar. Isto pode significar que se

o tema é imposto a produção de poesia não surge. Quando o fazem, é um pouco semelhante a prosa poética.

d) Tipologia de erros

No que respeita aos erros (Quadro nº 62), neste tipo de texto escrito pelos reclusos/as, regista-se uma percentagem de 41,5% na pontuação, quanto aos homens, apesar de os erros ortográficos e de construção frásica juntos ultrapassarem os de pontuação. Nas reclusas também foram os erros de pontuação que mais se registaram, registando-se uma significativa diferença em relação aos outros dois tipos (64.7%).

	HOMENS		MULHERES		TOTAL	
ortográficos	17	32.1%	18	52.9%	35	40.2%
pontuação	22	41.5%	22	64.7%	44	50.6%
construção frásica	12	22.6%	20	58.8%	32	36.8%
não responde	7	13.2%	2	5.9%	9	10.3%

Quadro nº 62 – Tipologia de erros detectados com mais frequência, por género e total (quadro de elaboração própria).

e) Legibilidade da escrita (caligrafia)

De acordo com o que os participantes escreveram, a caligrafia dos homens e mulheres revela-se muito semelhante, a exemplo das questões anteriores (Quadro nº 63). Ela é de fácil percepção, mas ainda se regista um número considerável de respostas em que a escrita oscila entre razoável e perceptível com dificuldade. A expressão escrita pedida não foi realizada por 7 homens e 2 mulheres.

Tipo de escrita	HOMENS		MULHERES		TOTAL	
Facilmente perceptível	26	49.1%	16	47.1%	42	48.3%
Razoavelmente perceptível	12	22.6%	13	38.2%	25	28.7%
Perceptível c/ dificuldade	8	15.1%	3	8.8%	11	12.6%
Não responde	7	13.2%	2	5.9%	9	10.3%
Total	53	100%	34	100%	87	100%

Quadro nº 63 – Tipo de escrita (caligrafia), na questão 4 do 3º texto (quadro de elaboração própria).

3.8.6. Conclusões gerais do questionário acerca do texto "Sonho"

A compreensão do poema não foi fácil, tendo as mulheres revelado melhor desempenho ao interpretar e os homens em extrair apenas informação. Na expressão escrita, houve reclusos/as que disseram mesmo que não gostam de ler e por isso não responderam. Todos os que responderam à questão 4, escreveram textos pequenos, cingindo-se a uma definição ou ideia de leitura. Contudo, ainda se registaram reclusos/as que expuseram as suas ideias, através de poemas, não muito longos, sem métrica nem rima, mais parecidos com prosa poética. Finalmente, quase todos os reclusos, no final de tudo, nos declararam que este foi o texto mais difícil de compreender, o que levou muitos deles a necessitarem de mais tempo para responder.

3.8.7. Texto 4 – "ESTRADA VIVA"

Objectivos:

- mostrar sensibilidade às leis do código da estrada;
- reconhecer a importância do saber comportar-se em sociedade;
- valorizar a leitura de notícias;
- opinar sobre temas do quotidiano.

Escolhemos este tipo de texto em forma de notícia, acompanhado de gráfico, por abordar um dos assuntos que mais afectam a nossa sociedade e, ao mesmo tempo, ser causa de reclusão de alguns indivíduos, penalizados por não respeitarem as regras de código da estrada.

Foi propositadamente escolhido para verificarmos até que ponto a sua leitura os influencia ou os faz mesmo reflectir sobre determinados comportamentos na sociedade e que possam pôr em risco as vidas das pessoas. Ao mesmo tempo, queríamos constatar a facilidade, ou não, em consultar o gráfico para extrair informação.

Questão 1 – *O tema da notícia é*

A resposta a esta questão deveria ser procurada no texto e no próprio gráfico.

Resultados:

Perante os resultados obtidos (Quadro nº 64), quer nos reclusos, quer nas reclusas (preencheram 51 homens e 30 mulheres, de um total de 87 participantes), as respostas não foram correctas. Ficaram-se pela "certa com aproximação" por parte dos homens (37,7%) e as mulheres escolheram a "melhor das erradas" (38,3%). Registaram-se, ainda, 2 homens e 4 mulheres que não responderam.

	HOMENS		MULHERES		TOTAL	
total/certa	17	32.1%	8	23.5%	25	28.7%
certa/aproxim.	20	37.7%	1	2.9%	21	24.1%
melhor/errada	14	26.4%	13	38.3%	27	31.0%
total/errada	0	0%	8	23.5%	8	9.2%
não responde	2	3.8%	4	11.8%	6	6.9%
Total	53	100%	34	100%	87	100%

Quadro nº 64 – Respostas que exprimem o tema da notícia, por género e total (quadro de elaboração própria).

Conclusão:

Os homens ficaram mais próximos da totalmente correcta (o tema: os acidentes e infracções de viação), mas as mulheres apenas identificaram o tema como sendo só acidentes de viação. Alguns reclusos e reclusas comentaram, em voz alta, que *"este texto lhes dizia respeito, pois foi por infringirem a lei ou mesmo tendo cometido um crime devido ao efeito do álcool ou por não possuírem carta de condução que ali se encontravam."* Poderia ter havido rejeição, mas não foi isso que se registou.

Questão 2 – *As causas de infracções detectadas na estrada são*

Os objectivos a alcançar com esta questão era constatar até que ponto os dados do gráfico e do texto foram o suporte das respostas.

Resultados:

As respostas obtidas a esta questão, segundo o Quadro nº 65, direccionaram-se em ambos os sexos para a "certa com aproximação" (excesso de velocidade e álcool). E logo de seguida a mais escolhida foi a "totalmente errada", quer por reclusos, quer por reclusas (sem carta e excesso de carga). Além disso, registou-se um considerável número de não respondentes (13 homens e 11 mulheres, total de 87).

	HOMENS		MULHERES		TOTAL	
total/certa	5	9.4%	1	2.9%	6	6.9%
certa/aproxim.	20	37.8%	16	47.1%	36	41.3%
melhor/errada	3	5.7%	0	0%	3	3.5%
total/errada	12	22.6%	6	17.6%	18	20.7%
não responde	13	24.5%	11	32.4%	24	27.6%
Total	53	100%	34	100%	87	100%

Quadro nº 65 – Respostas que exprimem as causas de infracção mais verificadas, por género e total (quadro de elaboração própria).

Conclusão:

Os respondentes revelaram alguma dificuldade na escolha adequada da resposta, pois, para além de ficarem longe da resposta correcta, houve uma boa percentagem de participantes que não respondeu (28.45%), ou seja, 24 participantes. Perante estes resultados, admitimos que o próprio gráfico ou foi mal interpretado ou não foi bem consultado, gerando confusão ou levando a que respondessem de acordo com a sua experiência pessoal.

Questão 3 – *Quanto à taxa de alcoolemia (observar gráfico)*

Ainda na linha da questão anterior, apelando à consulta e leitura do texto, pretendia-se que avaliassem a infracção por excesso de velocidade, causado pela taxa de alcoolemia, e sua evolução naquele curto espaço de tempo. Isto pressupunha saber escolher no gráfico a parte que interessava à resposta e saber relacionar os gráficos.

Resultados:

As repostas obtidas (dos 87 participantes, responderam 81, pois 3 homens e 3 mulheres não preencheram o espaço), constantes do Quadro nº 66, dão-nos conta que os

homens acertaram correctamente, numa percentagem significativa (45,3%). Em contrapartida, as mulheres escolheram a resposta "melhor das erradas" (41,2%) – a infracção por excesso de velocidade aumentou.

	HOMENS		MULHERES		TOTAL	
total/certa	24	45.3%	12	35.3%	36	41.4%
certa/aproxim.	12	22.6%	5	14.7%	17	19.5%
melhor/errada	14	26.4%	14	41.2%	28	32.2%
total/errada	0	0%	0	0%	0	0%
não responde	3	5.7%	3	8.8%	6	6.9%
Total	53	100%	34	100%	87	100%

Quadro nº 66 – Respostas que exprimem o modo como evoluiu a infracção por excesso de velocidade, por género e total (quadro de elaboração própria).

Conclusão:

O gráfico era bem ilustrativo, no entanto, houve ainda muita hesitação e foi um texto que os ocupou mais tempo revelando isto, também, empenho e persistência na procura de informação. Na nossa opinião, é um tipo de texto ao qual não estão tão habituados.

Questão 4 – *De todas as causas mencionadas e que explicam os acidentes e infracções de viação, quais as duas que, na sua opinião, são as mais condenáveis? Justifique.*

Nesta questão, de tipo aberto, tínhamos como objectivo avaliar a capacidade de extracção de informação do texto por parte dos reclusos. Além disso, também queríamos saber até que ponto iam os seus conhecimentos sobre outras situações de infracção ao código da estrada, relacionando-as com o comportamento das pessoas no trânsito rodoviário, o seu cumprimento de regras, as causas possíveis dessas infracções e a própria opinião de cada um(a) quanto à forma de punição.

a) Criatividade e abordagem do tema

Quanto à criatividade/originalidade (Quadro nº 67), os homens ficaram-se pelo razoável, logo seguida da pouca criatividade/originalidade. As mulheres revelaram mesmo pouca criatividade, logo seguida da razoável. Num total de 87 participantes, responderam à questão 84, pois 2 homens e 1 mulher não realizaram esta actividade de produção escrita.

	HOMENS		MULHERES		TOTAL	
muita	5	9.4%	6	17.7%	11	12.6%
razoável	25	47.2 %	12	35.2%	37	42.5%
pouca	21	39.6%	15	44.2 %	36	41.4%
não responde	2	3.8%	1	2.9%	3	3.5%
Total	53	100%	34	100%	87	100%

Quadro nº 67 – Criatividade/originalidade do tema/assunto, por género e total (quadro de elaboração própria).

Ao exprimirem por escrito as suas opiniões sobre aquelas causas mais condenáveis por acidentes e infracções de viação, há uma nítida diferença na abordagem por parte dos respondentes (Quadro 68). Os homens conseguiram uma boa abordagem do tema (62.3%). Quanto às mulheres, também abordaram o tema, mas regista-se uma pequena diferença entre a abordagem conseguida e aproximada. No entanto, ainda foram 9 as reclusas que responderam ao que lhes era pedido. Aquilo que foi escrito foi apenas o trivial e basearam-se apenas no que havia no texto e no gráfico, sendo pouco críticos em relação às suas escolhas.

	HOMENS		MULHERES		TOTAL	
conseguida	33	62.3%	13	38.2%	46	52.9%
aproximada	16	30.1 %	11	32.4%	27	31.0%
não conseguida	2	3.8%	9	26.5 %	11	12.6%
não responde	2	3.8%	1	2.9%	3	3.5%
Total	53	100%	34	100%	87	100%

Quadro nº 68 – Abordagem do tema/assunto, por género e total (quadro de elaboração própria).

b) Sistematização das ideias

Na sistematização das ideias (Quadro nº 69), apesar de pouco originais, os homens organizaram melhor o seu discurso ao nível frásico, ao passo que as mulheres se preocuparam mais com a coesão lexical, não se alongando nas frases e sua interrelação.

	HOMENS		MULHERES		TOTAL	
Coesão lexical	15	28.3%	14	41.2%	29	33.3%
Coesão frásica	17	32.1 %	8	23.5%	25	28.7%
Coesão interfrásica	13	24.5%	7	20.6 %	20	23.0%
Coesão temporal	6	11.3%	4	11.8%	10	11.5%
não respondeu	2	3.8%	1	2.9%	3	3.5%

Quadro nº 69 – Sistematização das ideias, por género e total (quadro de elaboração própria).

Em suma, a coesão lexical foi mais cuidada nas reclusas, mas não se preocuparam muito com a organização de frases e com a sua conexão. Os homens conseguiram a articulação de frases de forma razoável, mas não se preocuparam demasiado com o léxico.

c) Tipo de vocabulário

O tipo de vocabulário (Quadro nº 70) continuou a revelar-se o corrente quer nos reclusos, quer nas reclusas. No entanto, registam-se, também, alguns respondentes (poucos) que já revelam vocabulário adequado ao texto longo de nível cuidado.

	HOMENS		MULHERES		TOTAL	
cuidado	6	11.3%	8	23.5%	14	16.1%
corrente	42	79.3 %	22	64.8%	64	73.6
popular	3	5.6%	3	8.8%	6	6.9%
não responde	2	3.8%	1	2.9%	3	3.4%
total	53	100%	34	100%	87	100%

Quadro nº 70 – Tipo de vocabulário predominante, nas respostas, por género e total (quadro de elaboração própria).

Reflectindo sobre estes dados, facilmente podemos concluir que, também nesta questão de produção escrita, o vocabulário continua a ser corrente (79.3% dos homens e 64.8% das mulheres empregaram-no). Nos outros níveis de apreciação, as percentagens revelam um grande distanciamento do nível corrente para os outros. No nível cuidado são as reclusas que obtêm melhor resultado, talvez naquelas com maior grau de escolaridade, como pudemos constatar aquando da aplicação dos textos.

d) Tipologia de erros

Na produção do texto, os respondentes revelaram consideráveis erros ortográficos, de pontuação e de construção frásica. Responderam 84 participantes (2 homens e 1 mulher não deram resposta). Os resultados não se revelaram satisfatórios (Quadro nº 71).

	HOMENS		MULHERES		TOTAL	
ortográficos	33	62.3%	21	61.8%	54	62.1%
pontuação	29	54.7%	22	64.7%	51	58.6%
construção frásica	26	49.1%	20	58.8%	46	52.9%
não responde	2	3.8%	1	2.9%	3	3.5%

Quadro nº 71 – Tipologia de erros detectados com mais frequência, por género e total (quadro de elaboração própria).

Como conclusão, e de acordo com o que presenciámos no momento da aplicação do teste, esta questão de produção escrita, à primeira vista, parecia aos participantes fácil por todos terem conhecimento de situações do não cumprimento das regras de trânsito rodoviário. Como as ideias eram muitas, surgiram de qualquer forma, sem ordenação, sem cuidado na escolha das palavras, na construção das frases e na organização do texto, revelando precipitação por parte de quem respondeu. Daí a maior quantidade de erros.

e) Legibilidade da escrita (caligrafia)

Os reclusos e reclusas continuam a revelar uma caligrafia de fácil compreensão, mas ainda se regista uma boa percentagem de respostas em que a caligrafia é razoável ou

perceptível com dificuldade (Quadro nº 72). Nesta resposta, 2 homens e 1 mulher não responderam ao que era proposto.

Tipo de escrita	HOMENS		MULHERES		TOTAL	
Facilmente perceptível	24	45.3%	17	50.0%	41	47.1%
Razoavelmente perceptível	14	26.4%	13	38.2%	27	31.0%
Perceptível c/ dificuldade	13	24.5%	3	8.8%	16	18.4%
Não responde	2	3.8%	1	2.9%	3	3.5%
Total	53	100%	34	100%	87	100%

Quadro nº 72 – Tipo de escrita (caligrafia), por género e total (quadro de elaboração própria).

3.8.8. Conclusões gerais do questionário acerca do texto "Estrada Viva"

Este tipo de texto foi do agrado dos respondentes, o que mostraram, quando dialogámos, já no final. Falava de algo que dizia respeito a alguns e que, tal como eles reconheciam, "cada vez mais se regista a subida da sinistralidade no nosso país, por isso é necessário fazer algo" achando importante terem reflectido sobre ele. Todas as respostas que se relacionem com consulta ao gráfico, revelam sempre mais dificuldade, como é usual nos estudos de literacia já realizados com alunos de 15 anos, em estudos da OCDE (2000), no Programme for International Student Assessment [PISA].

Na formação do recluso/a não podemos preocupar-nos apenas com textos narrativos, mas também em ver até que ponto os cidadãos, sejam reclusos ou não, têm a capacidade de compreender qualquer tipo de texto que na vida quotidiana se lhes depare. É essa uma das nossas preocupações, também, na preparação e formação do recluso/a, enquanto cumpre a sua pena. Ele(a) deve ter a possibilidade de adquirir competências básicas que o(a) habilitem a compreender o mundo e a intervir nele quando o enfrentar no exterior.

3.8.9. Texto 5 – "BARREIRA INSENSÍVEL À POBREZA"

Objectivos:

- revelar conhecimento relativamente ao tema da imigração;

- mostrar sensibilidade para com a problemática da imigração;
- evidenciar características do texto jornalístico;
- ser capaz de localizar lugares do mundo.

A escolha deste texto não foi feita ao acaso. Trata-se de um tema actual, um problema do país (a imigração) e que, em reclusão, já possui um número considerável de pessoas imigrantes. Há que saber a opinião, preparar os reclusos/as para a realidade e prepará-los para que atitudes tomar perante essas pessoas que só pretendem trabalho e melhorar o seu nível de vida e das suas famílias. O texto é jornalístico e acompanhado da imagem elucidativa, relacionada com o assunto veiculado no texto. É um assunto invulgar e pertinente para quem não está constantemente em contacto com notícias.

Questão 1 – A notícia fala-nos de problemas como

Identificar o problema de que nos falava o texto (as atitudes em relação aos imigrantes), era o objectivo essencial, após a sua leitura atenta, para que não houvesse confusão entre palavras e seu significado.

Resultados:

Os homens erraram totalmente (ao responderem emigração) e as mulheres registaram um empate entre a totalmente correcta (imigração) e a "totalmente errada" (emigração), dados que constam do Quadro nº 73. Do total de 87 participantes, nesta questão não responderam 3 homens e 3 mulheres.

	HOMENS		MULHERES		TOTAL	
total/certa	13	24.5%	8	23.5%	21	24.1%
certa/aproxim.	6	11.3%	7	20.6%	13	14.9%
melhor/errada	7	13.2%	8	23.5%	15	17.2%
total/errada	24	45.3%	8	23.5%	32	36.8%
não responde	3	5.7%	3	8.8%	6	7.0%
Total	53	100%	34	100%	87	100%

Quadro nº 73 – Respostas que exprimem de que problema nos fala a notícia, por género e total (quadro de elaboração própria).

Conclusão:

Denota-se aqui uma verdadeira confusão entre as palavras imigração e emigração. Além disso, revelam não terem tido a capacidade de apreensão da informação contida no texto, pois havia pistas em determinados segmentos do mesmo que poderiam contribuir para esclarecer dúvidas.

Questão 2 – A sigla SIVE significa

Para resolver esta questão bastaria confirmar, no texto, o significado da sigla SIVE. Registaram-se 4 reclusos e 4 reclusas que não responderam.

Resultados:

Ao observarmos o Quadro nº 74, verificamos que dos 87 participantes 8 deles (4 homens e 4 mulheres) não responderam à questão. Dos que responderam, a esmagadora maioria acertou na resposta (83% homens e 82.4% mulheres), ficando muito à quem das restantes.

	HOMENS		MULHERES		TOTAL	
total/certa	44	83.0%	28	82.4%	72	82.8%
certa/aproxim.	1	1.9%	0	0%	1	1.1%
Melhor/errada	3	5.7%	1	2.9%	4	4.6%
total/errada	1	1.9%	1	2.9%	2	2.3%
Não responde	4	7.5%	4	11.8%	8	9.2%
Total	53	100%	34	100%	87	100%

Quadro nº 74 – Respostas que exprimem o que significa a sigla SIVE, por género e total (quadro de elaboração própria).

Conclusão:

Sendo uma questão cuja resposta está explícita no texto, foi notória a facilidade na extracção da informação. Os reclusos/as conseguiram, na grande maioria, acertar totalmente, o que foi revelador da compreensão do conteúdo da sigla. Aliás, foi este o texto que mais marcou todos os reclusos devido à problemática actual – a imigração.

Questão 3 – *Esta barreira situa-se entre*

Para verificarmos a atenção e capacidade de extracção de informação veiculada pelo texto, decidimos colocar uma pergunta que envolvesse a parte geográfica, até porque muitos dos reclusos são pessoas viajadas e outros já foram emigrantes ou vêm bastante televisão. Assim, ficaríamos a conhecer as suas competências ao nível geográfico, apoiando-se no texto.

Resultados:

Esta barreira, de que falava o texto, situava-se, para ser resposta correcta, entre “Marrocos e Espanha”. As reclusas escolheram, na maioria (35,3%) a "totalmente certa" (Quadro nº 75).

	HOMENS		MULHERES		TOTAL	
total/certa	13	24.5%	12	35.3%	25	28,8%
certa/aproxim.	10	18.9%	6	17.7%	16	18,3%
Melhor/errada	17	32%	4	11.8%	21	24,1%
total/errada	8	15%	1	2.9%	9	10,3%
não responde	5	9.4%	11	32.3%	16	18,4%
Total	53	100%	34	100%	87	100%

Quadro nº 75 – Respostas que exprimem os limites propostos para a barreira, por género e total (quadro de elaboração própria).

Conclusão:

As reclusas revelaram melhor capacidade na extracção de informação do texto, informação essa que estava totalmente explícita no texto. Os homens revelaram menos assertividade, mais confusão, reveladas pelas percentagens que se distribuíram por várias avaliações nas respostas. Aliás, neste tipo de questões, acabam por se confundir com todo o resto do texto, não revelando capacidade de saber delimitar bem o essencial da questão. O conhecimento geográfico dos participantes não é sequer razoável, já que foram muitas as perguntas que fizeram no momento da resolução desta questão. Questões a que não foram dadas respostas, para não falsear os resultados da investigação.

Questão 4 – *Perante esta notícia, podemos dizer que há aqui um obstáculo à entrada de pessoas num país, à procura de trabalho e uma vida melhor. O que pensa desta atitude? Exprima a sua opinião.*

Logo no início, houve reacções depois da leitura do texto, revelando alguns reclusos/as revoltas pelo que se estava a fazer e outros afirmando que desconheciam tal situação. A partir desta notícia, os participantes iriam escrever o que sentiam em relação à imigração e a todos aqueles que colocam entraves à sua entrada no país. Aqui poderíamos ver não só os valores humanos e éticos dos reclusos, assim como a sua capacidade de argumentação.

a) Criatividade e abordagem do tema

Quanto à criatividade/originalidade na escrita os homens ficaram, na maioria, na "razoável", logo seguida de "pouca". Todavia, as mulheres ficaram pela pouca criatividade (Quadro nº 76). Dos 87 participantes, 4 não realizaram a produção escrita (3 homens e 1 mulher).

	HOMENS		MULHERES		TOTAL	
Muita	13	24.5%	10	29.4%	23	26.4%
razoável	20	37.7%	10	29.4%	30	34.5%
Pouca	17	32.1%	13	38.2 %	30	34.5%
Não responde	3	5.7%	1	2.9%	4	4.6%
Total	53	100%	34	100%	87	100%

Quadro nº 76 – Criatividade/originalidade do tema/assunto, por género e total (quadro de elaboração própria).

A proposta era para todos um desafio, mas por escrito torna-se mais difícil expressar as ideias e juízos de valor. Contudo, neste tema, as mulheres ficaram mais longe de resultados razoáveis em relação aos homens. É um tema que exige um certo grau de informação e de relação com o que se vê, ouve ou lê.

No que respeita ao tema/assunto (Quadro nº 77), os homens conseguiram a sua identificação (67.9%), o que aconteceu menos com as mulheres (41.2%)

	HOMENS		MULHERES		TOTAL	
Conseguida	36	67.9%	7	20.6%	43	49.4%
Aproximada	8	15.1 %	12	35.3%	20	23.0%
Não conseguida	6	11.3%	14	41.2 %	20	23.0%
Não responde	3	5.7%	1	2.9%	4	4.6%
Total	53	100%	34	100%	87	100%

Quadro nº 77 – Abordagem do tema/assunto, por género e total
(quadro de elaboração própria).

Nesta questão, as mulheres revelaram as suas dificuldades em conseguir passar o significado literal da mensagem veiculada pelo texto. Talvez se tivessem preocupado mais em ler e fazer uma apreciação pessoal de uma situação que desconheciam. Foi o texto que mais lhes agradou (homens e mulheres), não só pelo problema ser actual, como pela situação que está a ser criada no terreno.

b) Sistematização das ideias

Na sistematização das ideias (Quadro nº 78), os homens apresentaram uma melhor coesão frásica, mas com erros ortográficos. As mulheres conseguiram melhor coesão lexical, mas a coesão frásica não acompanhou essa razoabilidade. Os participantes eram 87, mas 4 deles não escreveram nada sobre o tema proposto (3 homens e 1 mulher).

	HOMENS		MULHERES		TOTAL	
Coesão lexical	14	26.4%	15	44.2%	29	33.3%
Coesão frásica	18	33.9 %	10	29.4%	28	32.2%
Coesão interfrásica	9	17.0%	6	17.6%	15	17.2%
Coesão temporal	9	17.0%	2	5.9%	11	12.6%
Não respondeu	3	5.7%	1	2.9%	4	4.6%

Quadro nº 78 – Sistematização das ideias, por género e total
(quadro de elaboração própria).

Com estes resultados podemos concluir que passar à escrita aquilo que se pensa ou diz revela-se mais complicado nos participantes, uma vez que é necessário saber planificar, organizar e estruturar o discurso, para além de o saber expressar de forma correcta.

c) Tipo de vocabulário

O tipo de vocabulário utilizado foi o corrente. No entanto, ainda se registam 19 reclusos e 10 reclusas que conseguiram um nível cuidado. Dos 87 participantes, um pouco mais de metade conseguiu apenas transmitir as suas ideias com vocabulário corrente (Quadro nº 79). Constata-se, contudo, que já existe um bom número de respostas que revelaram o emprego de um vocabulário cuidado (29 respondentes).

	HOMENS		MULHERES		TOTAL	
cuidado	19	35.9%	10	29.5%	29	33.3%
corrente	27	50.9 %	20	58.8%	47	54.0%
popular	4	7.6%	3	8.8%	7	8.0%
não respondeu	3	5.6%	1	2.9%	4	4.6%
total	53	100%	34	100%	87	100%

Quadro nº 79 – Tipo de vocabulário predominante, nas respostas, por género e total (quadro de elaboração própria).

Tal como nas outras questões dos outros textos, também aqui não se fugiu à regra: o uso de vocabulário corrente. E a acrescer a isto, também estavam perante uma situação nova e pouco conhecida, o que dificultava mais a utilização de vocabulário adequado ao contexto.

d) Tipologia de erros

Nesta questão, os erros cometidos pelos homens foram essencialmente de ortografia, logo seguidos dos de pontuação. As mulheres tiveram a mesma percentagem em três tipos de erros: ortográfico, pontuação e construção frásica (Quadro nº 80).

	HOMENS		MULHERES		TOTAL	
Ortográficos	30	56.6%	17	50.0%	47	54.0%
Pontuação	27	50.7%	17	50.0%	44	50.6%
construção frásica	20	37.7%	17	50.0%	37	42.5%
não responde	3	5.7%	1	2.9%	4	4.6%

Quadro nº 80 – Tipologia de erros detectados com mais frequência, por género e total (quadro de elaboração própria).

Do que ficou dito e comprovado pelos dados do quadro, as dificuldades na escrita do texto foram muitas, por parte das mulheres. Ao quererem transmitir o que sabiam, fizeram-no de forma desconexa, com erros nos vocábulos, na pontuação e, conseqüentemente, na construção frásica.

e) Legibilidade da escrita (caligrafia)

Nesta última proposta de escrita, relacionada com o texto, os participantes no estudo revelaram dificuldades na caligrafia. Desta vez ela ficou-se pelo razoável, quer nos reclusos, quer nas reclusas (Quadro nº 81). Não abordaram a questão 3 homens e 1 mulher.

Tipo de escrita	HOMENS		MULHERES		TOTAL	
Facilmente perceptível	18	33.9%	7	20.6%	25	28.7%
Razoavelmente perceptível	24	45.3%	22	64.7%	46	52.9%
Perceptível c/ dificuldade	8	15.1%	4	11.7%	12	13.8
Não responde	3	5.7%	1	2.9%	4	4.6%
Total	53	100%	34	100%	87	100%

Quadro nº 81 – Tipo de escrita (caligrafia), por género e total (quadro de elaboração própria).

3.8.10. Conclusões gerais do questionário acerca do texto "Barreira Insensível à Pobreza"

Os participantes revelaram muito interesse pelo texto e imagem, pois foi para eles uma situação nova. Revelaram dificuldades em distinguir *imigração* de *emigração* e em localizar o lugar de que se falava. Na expressão escrita, a prestação das mulheres foi inferior, não só ao nível da criatividade, como também ao nível de erros na escrita e construção frásica. De uma forma geral, os homens conseguiram transmitir as suas vivências, opiniões, mas de forma muito simples.

3.8.11. Leitura geral, em síntese, a partir dos quadros anteriores

A – Nas três primeiras questões

Captação da mensagem	Dificuldade em distinguir o essencial, ou distinção do essencial de forma superficial.
Localização de informação nos textos	Nos textos jornalísticos e no poema, denotaram-se mais dificuldades, dando a percepção de ter havido muita hesitação e falta de segurança na delimitação das informações pedidas (mas contidas nos textos).
Compreensão do texto, capacidade de retenção da informação do texto	Os textos são compreendidos de uma forma literal. Sempre que é solicitado algo que se pode inferir do texto, não é conseguido. A informação é retirada textualmente, mas nem sempre retida, essencialmente no poema (sentido conotativo), gráfico e relação da informação.

Quadro nº 82 – Síntese global das respostas às três primeiras questões de todos os testes (quadro de elaboração própria).

B – Na última questão

Criatividade/abordagem do tema	Reconhece-se pouca originalidade nos temas produzidos, mas abordam-se de forma simples, vulgar e perceptível.
Sistematização	A coesão na organização do texto é aceitável, apesar de lacunas na utilização de conectores, sinonímia/antonímia...

Tipo de vocabulário	Todo o vocabulário obedece, essencialmente, à norma (padrão), tornando o enunciado simples e pobre.
Tipologia de erros	Os mais assinalados foram os de pontuação, logo seguidos dos ortográficos.
Caligrafia	A caligrafia é, de uma forma geral, perceptível e razoavelmente perceptível, muito próxima da escrita de uma escolaridade primária.

Quadro nº 83 – Síntese global das apreciações feitas à 4ª questão de todos os textos (quadro de elaboração própria).

3.8.12. Expectativas reveladas na escrita

OPINIÃO (pessoal sobre os temas)	Apenas em dois textos revelaram as opiniões, mas de forma breve e pouco fundamentada.
INTERESSE (no desenvolvimento dos temas)	Revelaram interesse, essencialmente, em dois tipos de textos relacionados com o trânsito e a imigração.
VALORAÇÃO SOBRE OS TEMAS	Este aspecto foi de difícil abordagem. Os textos produzidos revelam alguma insipidez, com um tratamento superficial e raramente se conseguia vislumbrar uma apreciação fundamentada.
PREPARAÇÃO PARA A SOCIEDADE	Na produção dos seus textos, há realmente uma ausência de conhecimentos, de regras e de atitudes conducentes a um verdadeiro empenhamento no quotidiano, na constatação de situações menos próprias do ser humano e falta de formação ao nível de competências sociais.

Quadro nº 84 – Síntese das expectativas reveladas, pelos reclusos, na escrita (quadro de elaboração própria).

3.9. Análise dos Resultados

Ao desejarmos analisar a literacia em leitura da população reclusa, através de textos de tipologias diferentes, proporcionados aos reclusos/as, para se poder apontar para estratégias a ter em conta não só no ensino, como na formação destes cidadãos, numa perspectiva humanizante, recolhemos alguns elementos (gostaríamos de ter obtido mais) que nos podem fornecer uma panorâmica do que é a realidade penitenciária, ao nível de competências da leitura e de escrita e, implicitamente, da compreensão e da expressão que resultam desses tipos de texto e da realidade exterior que os enforma.

Analisar trabalhos pressupõe a sua interpretação. Deverá ser este, seguramente, um trabalho de grande prudência, pois deveremos ter sempre presente as hipóteses previamente efectuadas, relacionando-as de forma a permitirem explicar confirmações (ou infirmações).

A base fundamental que apoia toda a investigação é a amostra que deve ser, se não representativa da globalidade da população, pelo menos relevante para o problema em questão (Shelley & Cohen, 1986). Tudo reside, fundamentalmente, na generalização das conclusões, ou seja, em que medida é possível considerar os resultados obtidos como representativos da população de onde se extraiu a amostra.

Apesar das características do meio, dos seus participantes e condições, achamos que obtivemos um número significativo e indicadores de informações, visto terem sido analisados vários textos, de diferentes graus de dificuldade e ficámos a conhecer um pouco da expressão escrita, atitudes, valores e aspectos culturais de quem se encontra, por qualquer motivo menos lícito, nestes meios.

Participaram seis estabelecimentos, num universo de 53, apenas porque alguns deles não podiam entrar no estudo devido à falta de meios humanos (técnicos de reeducação que estivessem presentes no momento da aplicação dos testes, pois não era permitido estar sozinho perante os reclusos), principalmente nas cadeias centrais (as maiores), assim como devido ao facto de só terem sido autorizados a participar cerca de dez ou doze reclusos por cada estabelecimento, com acordo de participação por parte desses reclusos. Além disso, alguns tinham outras ocupações, dentro ou fora da prisão e, de uma forma geral, não gostam de deixar os seus trabalhos para responderem a questionários ou outro tipo de trabalho académico. No entanto, segundo as declarações dos técnicos de reeducação, sempre se conseguiu quem quis participar, desde que não demorasse muito.

Daí a nossa preocupação em textos curtos, questões de resposta fechada e uma aberta numa só página e com assuntos que fossem pertinentes e motivassem o recluso a pensar um pouco, colocando-o perante dilemas ou situações do quotidiano no exterior aos muros da prisão.

De acordo com as informações fornecidas pelos responsáveis das prisões que colaboraram, os respondentes homens estavam a cumprir penas devido a crimes de roubo, tráfico de estupefacientes e alguns por homicídio (menos). As mulheres que participaram cumpriam penas de tráfico ou tráfico e consumo de estupefacientes, essencialmente. Como já foi referido no ponto anterior, e de acordo com os dados do INE e da DGSP, todos eles se inserem na média dos crimes identificados a nível nacional, em 31 de Dezembro de 2003. Grande parte dos reclusos das prisões portuguesas foi lá parar por crimes, directa ou indirectamente ligados à droga. Predominam nelas os reclusos/as de idades entre os 25 e 39 anos, 7 540, num total de 13 835, no conjunto nacional, possuindo como instrução, na maioria, o Ensino Básico (10 798), mas existindo ainda 1 174 reclusos com o Ensino Secundário, 666 que não sabem ler nem escrever e ainda 525 que sabem apenas ler e escrever.

Constatámos que a população que participou no estudo se enquadra nestas situações, mas nas reclusas demos conta de algumas respondentes ainda com 20 anos, e nos reclusos alguns com idades muito próximas dos 60 anos. É elevado o número de reclusos em relação ao das reclusas, o que foi também constatado por nós ao seleccionarmos as prisões, de forma a conseguirmos um número significativo de Mulheres.

Era nossa intenção considerar a variável idade, mas atendendo ao elevado número dos reclusos, que não preencheram o espaço reservado a essa informação, este dado foi omitido e apenas distinguimos e analisámos os dados tendo em conta apenas o género.

Além disto, os resultados vão ser analisados de forma global e não por estabelecimento prisional, já que não seria uma análise com interesse para cada estabelecimento prisional, uma vez que os reclusos que se encontram nestes estabelecimentos são oriundos de várias regiões e estrangeiro, havendo mobilidade de reclusos que não nos permitem dizer ou concluir que numa determinada cadeia os respondentes possuem um nível de conhecimento, mais elevado do que os de outra, inferindo que é da zona litoral ou interior, quando há uma mistura de reclusos, devido ao tipo de pena e regime (preventivo ou condenado).

Passamos à análise específica dos resultados obtidos através da observação e análise atentas, comparando os resultados por género.

3.9.1. Texto 1 – "O Sapateiro Pobre"

Sendo um conto popular, tão do agrado de crianças e adultos e de fácil compreensão já que é uma mensagem curta, de enredo simples e com poucas personagens, verificámos que a verdadeira mensagem do texto não foi identificada/inferida por um número significativo de participantes. Tanto os homens como as mulheres (Quadro nº 85) não conseguiram acertar no provérbio exacto de uma forma consistente e assertiva, apesar de os homens se terem aproximado disso.

Contudo, ao identificarem as personagens, algo bem explícito no texto, las foram identificadas por ambos. Na 3ª pergunta, que envolvia uma conclusão do conto, todos acertaram, mas revelando muita oscilação nas escolhas, principalmente os homens.

Homens

Questões \ Apreciação	Questão 1	Questão 2	Questão 3
total/certa	12	30	20
%	22.6%	56.6%	37.7%
certa/aproximação	18	8	9
%	34%	15.1%	17%
melhor/errada	15	9	11
%	28.3%	17%	20,8%
Total/errada	8	5	12
%	15.1%	9.4%	22.6%
Não respondeu	0	1	1
%	0	1.9%	1.9%

Mulheres

Questões \ Apreciação	Questão 1	Questão 2	Questão 3
total/certa	8	21	15
%	23.5%	61.8%	44.1%
certa/aproximação	6	7	2
%	17.7%	20.6%	5.9%
melhor/errada	9	5	7
%	26.5%	14.7%	20.6%
Total/errada	0	0	9
%	0%	0%	26.5%
Não respondeu	11	1	1
%	32.3%	2.9%	2.9%

Quadro nº 85 – Texto 1, resultados comparativos das 3 primeiras perguntas, por género (quadros de elaboração própria).

Na última questão, expressão escrita, os homens abordaram-na melhor e com mais originalidade que as mulheres. Aliás, os homens escreveram um pouco mais, com o vocabulário corrente, com erros essencialmente de pontuação e construção frásica. As mulheres escreveram menos e de uma forma muito simples, mas com ideias não muito originais. O tipo de escrita era facilmente perceptível.

Em suma, os reclusos não conseguem inferir facilmente, mas mostram capacidade para, neste tipo de texto, retirar informação sobre as personagens, identificando-as, e para expressar o que sentem sobre algo tão importante numa sociedade – o valor da família. De uma maneira geral, dão-lhe valor, apesar de concordarem que o dinheiro também faz falta.

Todas as questões de escolha múltipla são motivo de oscilação e dispersão. Ao lermos o que os reclusos escreveram, na questão 4, constata-se que entenderam o conteúdo do texto ou a sua essência, apesar dos erros de pontuação e construção frásica. Não se alongaram muito, ficando-se pelo trivial.

Ao debruçarmo-nos, com mais atenção, sobre a composição escrita, referente a este texto, verificamos, que dos 80 reclusos (47 homens e 33 mulheres – 6 homens e 1 mulher nada escreveram), metade atingiu a classificação de "Insuficiente", logo seguida de "Suficiente", praticamente com a mesma percentagem (Quadro nº 86).

Sexo \ Classificação	Insuficiente	Suficiente	Bom	Total
Homens	20	26	1	47
Mulheres	20	13	0	33
Total	40	39	1	80
%	50%	48.75%	1.25%	100%

Quadro nº 86 – Classificação da questão 4 do texto 1, segundo o género (quadro de elaboração própria).

Perante estas classificações, podemos inferir que, relativamente a competência de escrita, neste tema (a família), os reclusos não conseguiram uma pontuação claramente

positiva, apesar de revelarem interesse por esse valor essencial numa sociedade – o bem-estar familiar.

3.9.2. Texto 2 – " A Terra é Sagrada"

O assunto não foi identificado de forma exacta (Quadro nº 87), revelando, talvez, falta de concentração na leitura do texto para daí extraírem informação que lhes permitia dar conta do motivo da carta do Chefe Índio.

Para vermos até que ponto conseguiam relacionar o conteúdo da carta com as personagens em questão, colocámos várias hipóteses de resposta para que tivessem de consultar o texto e assimilassem as suas informações. Tanto homens como mulheres conseguiram acertar, apesar de ser uma pergunta com um grau de dificuldade maior, por requerer uma constante relação entre as ideias das personagens.

Homens

Mulheres

Questões Apreciação	Homens			Mulheres		
	Questão 1	Questão 2	Questão 3	Questão 1	Questão 2	Questão 3
total/certa	10	21	22	0	19	5
%	18.9%	39.6%	41.5%	0%	55.9%	14.7%
Certa/aproximação	17	14	4	9	9	5
%	32.1%	26.4%	7.5%	26.5%	26.4%	14.7%
melhor/errada	23	7	22	14	2	15
%	43.4%	13.2%	41.5%	41.2%	5.9%	44.1%
Total/errada	3	11	5	5	2	8
%	5.6%	20.8%	9.5%	14.7%	5.9%	23.6%
Não respondeu	0	0	0	6	2	1
%	0	0	0	17.6%	5.9%	2.9%

Quadro nº 87 – Texto 2, resultados comparativos, segundo o género, das 3 primeiras perguntas (quadros de elaboração própria).

Na terceira questão registou-se um empate nos homens entre a "totalmente certa" e a "melhor das erradas" e apenas 5 mulheres responderam correctamente. Isto denota que quando se trata de identificar sentimentos, tudo se torna mais difícil, pois não está explícito no texto. Há que haver relação e reflexão, depois de uma leitura bem de compreensão.

Quanto à última questão, de expressão escrita, a abordagem foi conseguida por metade dos homens e apenas 29.4% das mulheres conseguiram uma abordagem "aproximada" (Quadro nº 88). A criatividade foi razoável nos homens, o que não aconteceu nas mulheres. Estas escreveram muito pouco, revelando pouco conhecimento sobre os problemas ambientais, limitando-se a algumas frases de vocabulário corrente, mas onde o léxico adequado ao ambiente e seus problemas não apareceu. Os homens, ao escreverem um pouco mais, cometeram mais erros ortográficos, sendo os erros das mulheres na construção frásica.

Sexo \ Classificação	Insuficiente	Suficiente	Bom	Total
Homens	25	20	5	50
Mulheres	20	7	1	28
Total	45	27	6	78
%	57.70%	34.60%	7.70%	100%

Quadro nº 88 – Classificação da questão 4 do texto 2, por género
(quadro de elaboração própria).

No entanto, um texto sobressai entre todos os outros, revelador não só de conhecimentos, mas também da relação com outros problemas do mundo. Um recluso escreveu que

a capacidade e inteligência do ser humano tudo transforma, tanto para o bem como para o mal... Independentemente dos danos que lhe serão ou não provocados e, como consequência, à humanidade...

O homem e a ciência...

O homem e a guerra...

Enfim, é o homem, nós seres vivos e todos aqueles que já faleceram e muito contribuíram para o desenvolvimento da humanidade...

Newton...

Pasteur...

E muitos outros...

Como grande potência que são, os E. U. A., entendo que "desunem para reinar"...

Fabricam armas e eles próprios as vendem e fornecem a países em guerra...

Por um lado defendem a paz, mas simultaneamente alimentam a guerra...

Nos textos analisados (78 reclusos responderam, apenas 3 homens e 6 mulheres não o fizeram), a classificação atingida pela maioria (57,70%) foi de "Insuficiente". Limitaram-se a articular algumas frases, lugares-comuns, nunca tomando uma posição vincada perante o problema ambiental. No entanto, ainda se registaram 6 reclusos com textos fora do comum, com originalidade, argumentos válidos e bem estruturados.

Na nossa opinião, trata-se de um assunto mais ligado ao conhecimento do mundo, à leitura diversificada, ao espírito crítico e com vocabulário adequado, factores que dificultaram o desenvolvimento do discurso escrito e sua estruturação.

Em síntese: os reclusos, perante este texto, revelaram alguma dificuldade em compreender o essencial do problema em questão. O facto de as personagens referenciadas não serem muito comuns levou-os a não identificarem os sentimentos dessas personagens. Ao escreverem, apenas utilizaram os vocábulos comuns que se ouvem sobre poluição, concordando que todos estamos a destruir a natureza. Ou seja, ninguém empregou vocabulário relacionado com os verdadeiros problemas e perigos que nos rodeiam ou deu mesmo opinião sobre causas e factores que provocam os desequilíbrios ambientais. Revelaram falta de conhecimento dos reais perigos e alternativas que já existem para os enfrentar.

3.9.3. Texto 3 – "Sonho"

Quase todos os reclusos afirmaram que este tipo de texto era o mais difícil de compreender, apesar de já ser do conhecimento de alguns, abordado em aulas de Língua Portuguesa (Quadro nº 89). No entanto, foram as mulheres quem acertou no tema (mais de metade), o que não aconteceu com os homens que revelaram alguma confusão nas escolhas (desde a melhor das erradas até à certa com aproximação).

Na segunda questão, cuja resposta estava no texto, apesar de um pouco "escondida", os resultados foram diferentes. Foram os homens quem acertou com uma percentagem bem mais significativa. As mulheres também conseguiram acertar (na sua maioria), mas revelando com uma percentagem bem inferior.

Homens				Mulheres			
Questões \ Apreciação	Questão 1	Questão 2	Questão 3	Questões \ Apreciação	Questão 1	Questão 2	Questão 3
	total/certa	11	36	15	total/certa	19	13
%	20.8%	67.9%	28.3%	%	55.9%	38.2%	29.4%
certa/aproximação	13	4	11	certa/aproximação	9	0	5
%	24.4%	7.5%	20.8%	%	26.5%	0%	14.7%
melhor/errada	18	8	24	melhor/errada	3	11	12
%	34%	15.1%	45.2%	%	8.8%	32.4%	35.3%
Total/errada	11	3	3	Total/errada	0	8	7
%	20.8%	5.7%	5.7%	%	0%	23.5%	20.6%
Não respondeu	0	2	0	Não respondeu	3	2	0
%	0	3.8%	0	%	8.8%	5.9%	0%

Quadro nº 89 – Texto 3, resultados comparativos segundo o género, das 3 primeiras perguntas (quadros de elaboração própria).

Na terceira questão, apenas 15 homens e 10 muleres acertaram completamente, apesar de os Homens se aproximarem mais da resposta acertada. Foi evidente a dificuldade

devido ao uso, na pergunta, da palavra "hino". Ao longo da resolução do questionário deste texto, alguns respondentes perguntavam-me um significado desta palavra, neste contexto. Claro que da minha parte não houve qualquer explicação, para que os resultados não ficassem viciados. Daí a dificuldade em conseguirem responder acertadamente, devido à falta de vocabulário.

Na última questão, apelava-se à escrita, a uma definição ou a um texto que podia ser poético, se o desejassem, sobre "o que é ler" para cada um. Depois de lidos e observados com acuidade todos os textos, chegámos à conclusão que a criatividade foi elevada nos homens, sendo a das mulheres considerada de razoável (Quadro nº 90). Limitaram-se a escrever algumas frases. Por isso, os homens conseguem claramente a abordagem do que se propunha e as mulheres que responderam, apenas abordaram o tema com algumas variações, ou seja, com frases ou textos um pouco descontextualizados.

Sexo \ Classificação	Insuficiente	Suficiente	Bom	Total
Homens	7	30	9	46
Mulheres	17	12	3	32
Total	24	42	12	78
%	30.76%	53.85%	15.39%	100%

Quadro nº 90 – Classificação da questão 4 do texto 3, por género
(quadro de elaboração própria).

Perante o que escreveram, foram os homens que melhor sistematizaram as ideias com coesão frásica, mas com alguns erros de pontuação, logo seguidos dos ortográficos. As mulheres, apesar de terem escrito muito pouco, ainda revelaram coesão interfrásica e lexical. O vocabulário utilizado pelos homens foi mais cuidado. Vários reclusos criaram poemas, pertinentes e reveladores do seu estado de espírito.

Abordaram esta questão 78 reclusos (46 homens e 32 mulheres, 7 homens e 2 mulheres não responderam) registando-se 42 reclusos com a classificação de "Suficiente" (53,85%). Foram mais criativos, com um discurso mais correcto e coesos os homens do que as mulheres, tendo 9 homens atingido a classificação de "Bom", devido à elaboração

de textos poéticos bem expressivos, adequados ao tema e fazendo a ligação à sua situação de reclusão. Os restantes fizeram-no em parte, mas com pouca criatividade, com lacunas ao nível da estruturação da mensagem e morfossintaxe e vocabulário muito pobre.

Sintetizando: apesar da dificuldade em "entrar" na mensagem do texto quer os reclusos quer as reclusas acabaram por responder ao que se pedia. Os homens mostraram-se mais criativos na abordagem escrita do tema. As mulheres revelaram, de uma forma geral, que compreenderam alguma mensagem do poema de Fernando Pessoa.

Na nossa opinião dever-se-ia praticar mais este tipo de leitura e exploração de texto em aulas ou contextos extra-escolares, enriquecendo o vocabulário e a escrita de poemas pelos próprios, o que nós sabemos ser do seu agrado. A partir dos seus próprios poemas explorá-los ao nível ideológico (essencialmente) passando para a análise de outros já de poetas nacionais e estrangeiros, constituindo uma forma de conhecimento e descoberta de outras formas de sentir, pensar e expressar o mundo.

3.9.4. Texto 4 – " Estrada Viva"

Ao introduzirmos este tipo de texto não o fizemos por acaso. Em termos de literacia, todos nós devemos saber ler e compreender qualquer tipo de texto, seja ele informativo, descritivo, poético, gráfico, esquemático.

No nosso quotidiano, eles surgem e temos de os compreender e interpretar para podermos estar informados acerca do mundo e entender determinadas situações analisando gráficos ou esquemas. Além disso, o assunto – a sinistralidade nas nossas estradas – diz respeito a todos e relaciona-se com crimes que são cometidos, estando alguns desses criminosos em reclusão.

Alguns dos respondentes (homens e mulheres) faziam parte desse número de pessoas que cometeram crime devido a acidente ou infracção na estrada. Mais um motivo para reflectir, ler e compreender um simples gráfico.

Homens				Mulheres			
Questões Apreciação	Questão 1	Questão 2	Questão 3	Questões Apreciação	Questão 1	Questão 2	Questão 3
	Total/certa	17	5		24	total/certa	8
%	32.1%	9.4%	45.3%	%	23.5%	2.9%	35.3%
certa/aproximação	20	20	12	certa/aproximação	1	16	5
%	37.7%	37.8%	22.6%	%	2.9%	47.1%	14.7%
melhor/errada	14	3	14	melhor/errada	13	0	14
%	26.4%	5.7%	26.4%	%	38.3%	0%	41.2%
Total/errada	0	12	0	Total/errada	8	6	0
%	0%	22.6%	0%	%	23.5%	17.6%	0%
Não respondeu	2	13	3	Não respondeu	4	11	3
%	3.8%	24.5%	5.7%	%	11.8%	32.4%	8.8%

Quadro nº 91 – Texto 4, resultados comparativos segundo o género, das 3 primeiras perguntas (quadros de elaboração própria).

Perante a primeira questão, e observando o Quadro nº 91, os reclusos/as deveriam identificar o tema da notícia, através de escolha múltipla. Dos 51 homens que responderam a esta questão apenas 17 acertaram assim como 8 mulheres sendo os homens os que mais se aproximaram da resposta correcta.

O mesmo aconteceu com a segunda questão, cuja resposta escolhida também não foi a certa. Os resultados foram piores: apenas 5 homens e 1 mulher. Esta questão exigia procura de informação no texto e, também, saber o que são “causas”.

Na questão três, que envolvia a consulta do gráfico, mas na nossa opinião de uma forma mais simples, já que bastava seguir as linhas dos dois últimos gráficos, as mulheres (num total de 12) é que conseguiram escolher a opção correcta. Com os homens, o número de respostas certas foi maior e expressivo, apesar de se registarem 26 reclusos com respostas entre a “certa com aproximação” e a “melhor das erradas”.

Na última questão, onde podiam expressar as suas opiniões quanto às causas que achavam mais condenáveis nos acidentes de viação, apenas se ficaram por uma criatividade razoável (homens) e as mulheres pouca. No entanto, a abordagem do assunto foi conseguida, apesar de as mulheres terem sido um pouco mais pobres nessa abordagem.

Naquilo que escreveram, os homens mostraram melhor coesão frásica e as mulheres melhor coesão lexical. O vocabulário utilizado foi sempre o corrente, mostrando mais erros ortográficos os homens e de pontuação a mulheres. Contudo, as classificações finais das produções escritas acabaram por se situar no Suficiente para homens e mulheres, devido à ponderação de todos estes aspectos.

Sexo \ Classificação	Insuficiente	Suficiente	Bom	Total
Homens	9	40	2	51
Mulheres	15	17	1	33
Total	24	57	3	84
%	28.57%	67.86%	3.57%	100%

Quadro nº 92 – Classificação da questão 4 do texto 4, por género
(quadro de elaboração própria).

Na abordagem da problemática da sinistralidade, houve, num primeiro momento, uma certa dificuldade, mas, depois, os reclusos/as acabaram por escrever. Ao todo (Quadro nº 92), participaram nesta questão 84 reclusos (apenas 2 homens e 1 mulher não responderam), 51 homens e 33 mulheres, que atingiram, na maioria, a classificação de "Suficiente" (67,86%).

Estas classificações reflectem o facto de os seus autores apenas se terem preocupado em colocar ideias já conhecidas nos seus textos. Não se viram argumentos próprios, não os relacionaram com as suas situações de presos que cumprem penas devido a crimes e infracções na estrada. Os textos são mal organizados.

Todos condenam essas infracções, mas apenas 11 dos reclusos concluem que não basta punir; é necessário educação em valores humanos, educação rodoviária e faz falta o papel da Escola e da Família nessa formação.

De uma forma geral, as causas mais referenciadas para os acidentes foram o excesso de velocidade e condução sob o efeito do álcool, concordando sempre, os inquiridos, com a condenação dessas pessoas. Por exemplo, dizem que

conduzir sem carta de condução é a principal causa, mas a verdadeira razão destes acidentes é realmente a falta de educação.

A falta de civismo, condutores mal preparados e uma ineficácia no trabalho da Prevenção Rodoviária que tem sido praticamente nulo, só servem as intenções dos oportunistas.

Concluindo, podemos afirmar que o texto gráfico não foi compreendido adequadamente por um grande número de reclusos/as, apesar de darem conta que se tratava de um tema relacionado com acidentes e infrações da estrada ou apenas com os acidentes. Na expressão escrita achámos que foram muito directos ao assunto e até apontaram outras causas que não estavam contidas no texto as únicas causas mencionadas no texto.

Para uma boa parte dos respondentes tudo o que se passa na estrada tem a ver apenas com a falta de educação, a falta de civismo e de responsabilidade para com os outros. Daí podermos afirmar que inferiram a partir daquilo que leram.

Na nossa opinião, poderá ser fruto do que ouvem, vêem ou lêem em jornais, revistas e outros meios da imprensa. Pelo menos mostraram receptividade e atenção para um assunto que é causa de muitas mortes no nosso/país, demonstrando a importância da educação e o seu papel na prevenção desses acidentes.

3.9.5. Texto 5 – "Barreira Insensível à Pobreza"

Este último texto também foi seleccionado com um determinado propósito: observar e compreender até que ponto o problema da imigração preocupa ou faz reflectir este tipo de pessoas e ao mesmo tempo colocá-las perante um dilema. Foi um texto que logo após a leitura por parte dos reclusos/as provocou uma reacção imediata de revolta para alguns, de desconhecimento para outros e de incredibilidade por parte de outros. Ninguém ficou indiferente e quase se gerou um debate. Foi necessário pedir que reflectissem e respondessem e depois poderíamos falar no fim.

As dificuldades começaram logo a surgir com a primeira questão, já que alguns reclusos/as perguntaram qual era a diferença entre "emigração" e "imigração". Tentei dar apenas a sugestão de uma nova leitura e tomada de atenção ao título do texto para não viciar os resultados. E observando as respostas, demos conta que, na realidade, não foi

fácil. Nos homens, só 13 acertaram e 24 erraram totalmente. Nas mulheres houve um empate entre a resposta "totalmente certa" e a "melhor das erradas" e "totalmente errada" (Quadro nº 93). Gerou-se mesmo uma confusão devido aos termos que sugerimos e daí se denota a falta de vocabulário adequado ao contexto. Na segunda questão, poucos reclusos(as) erraram, até porque era só retirar a informação totalmente explícita no texto.

Na terceira questão, as respostas oscilaram muito. Os homens ficaram-se pela "melhor das erradas", mas ainda 13 reclusos conseguiram acertar. As mulheres acertaram, mas registou-se uma elevada percentagem de reclusas que nem sequer assinalaram qualquer resposta. Também era necessário possuir alguns conhecimentos sobre Geografia Física e Geografia Humana.

Homens				Mulheres			
Questões Apreciação	Questão 1	Questão 2	Questão 3	Questões Apreciação	Questão 1	Questão 2	Questão 3
	Total/certa	13	44		13	total/certa	8
%	25.5%	83%	24.5%	%	23.5%	82.4%	35.3%
certa/aproximação	6	1	10	certa/aproximação	7	0	6
%	11.3%	1.9%	18.9%	%	20.7%	0%	17.7%
melhor/errada	7	3	17	melhor/errada	8	1	4
%	13.2%	5.7%	32%	%	23.5%	2.9%	11.8%
Total/errada	24	1	8	Total/errada	8	1	1
%	45.3%	1.9%	15%	%	23.5%	2.9%	2.9%
Não respondeu	3	4	5	Não respondeu	3	4	11
%	5.7%	7.5%	9.4%	%	8.8%	11.8%	32.3%

Quadro nº 93 – Texto 5, resultados comparativos, por género, das 3 primeiras perguntas (quadros de elaboração própria).

Na última questão (Quadro nº 94), onde podiam expandir-se, depois de toda aquela reacção inicial, foi muito participada e rica. Alguns diziam mesmo que era um assunto que daria para um debate de horas e com certeza, não se chegaria a uma conclusão.

Afirmaram que destes assuntos é que gostam. Por isso, algumas das respostas revelaram-se curiosas e pertinentes, apesar de existir alguma originalidade (razoável nos

homens e entre razoável e pouca nas mulheres), a abordagem também se situou no razoável com coesão frásica nos homens que se revelaram mais conhecedores do assunto, utilizando algum vocabulário mais cuidado.

Na escrita, verificaram-se erros ortográficos, de pontuação e de construção frásica, talvez por quererem dizer muita coisa em pouco tempo.

Sexo \ Classificação	Classificação			
	Insuficiente	Suficiente	Bom	Total
Homens	5	36	9	50
Mulheres	11	20	2	33
Total	16	56	11	83
%	19.28%	67.47%	13.25%	100%

Quadro nº 94 – Classificação da questão 4 do texto 5, segundo o género (quadro de elaboração própria).

Os textos escritos pelos reclusos foram, essencialmente, de revolta pela situação revelada no texto apresentado. Responderam 83 reclusos (50 homens e 33 mulheres); apenas não o fizeram 3 homens e 1 mulher.

Os respondentes construíram textos com fins meramente de opinião, é certo, mas apenas revelaram uma visão mais simplista da situação, não mostrando argumentos, bem fundados, que fossem reveladores dos verdadeiros problemas provocados pela imigração.

Assim, os resultados ficaram-se pela classificação de "Suficiente" (67,47%), mas registámos, ainda, 11 reclusos (9 homens e 2 mulheres) que exprimiram a sua opinião fundamentada, bem estruturada e organizada e com vocabulário adequado ao tema, indício de algumas leituras feitas ou atenção dispensada a programas de opinião, na imprensa. Foi um assunto de muita reflexão para a escrita, pois foi este texto que mais tempo os ocupou.

Em conclusão: neste texto todos os respondentes se mostraram muito interessados no problema proposto, revelando estar atentos ao problema, mas evidenciando opiniões

dísparos. É um dilema, todos o reconhecem, mas acabam sempre por concluir que há que tomar medidas de forma a que não se torne num problema nacional. Há que enfrentar e dizer não de uma forma controlada. Ora, pessoas como estas que cometeram crimes e estão a pagar por isso, é curioso como se preocupam com a vinda desses imigrantes, causadores de criminalidade. São respostas pertinentes. Só se olha para os outros?

Nas respostas fechadas houve dificuldades naquelas que não estavam com a resposta totalmente explícita no texto ou que envolviam vocabulário desconhecido.

4. Conclusões sobre a amostra estudada

É do conhecimento comum que a leitura é uma das competências basilares utilizada por todos, sejamos ou não estudantes, para inserção num mundo que envolve desempenhos e performances a todos os níveis.

A leitura, vista numa perspectiva psicolinguística-cognotivista-construtivista, caracteriza-se por ser "um processo activo, auto-dirigido por um leitor que extrai do texto (considerado aqui não só como página escrita, mas também como combinações de imagens, diagramas, gráficos, etc.) um significado que foi previamente codificado por um emissor." (Sequeira, 1989, p.54).

A actividade de leitura tem como finalidade principal permitir o acto de comunicação, a qual só é conseguida através da compreensão. Na perspectiva psicolinguística, analisa-se este processo de leitura ao nível da compreensão leitora, onde o leitor utiliza estratégias em que se auto-questiona, formula predições, emite juízos de valor, baseando-se no conhecimento que possui a nível cultural e linguístico. Para isso não só depende da informação visual (a página impressa), mas também da informação não-visual (conhecimentos a nível lexical, fonológico e semântico, experiência do mundo e da leitura).

A leitura constitui um processo complexo, implicando esclarecimento e construção de sentidos. Ao basear-se em processos como a percepção, a memória, inferência, dedução, processamento de estratégias, avaliação, etc, constitui-se como uma actividade cognitiva por excelência. Oakhill e Garnham (1988) afirmam, com base nestes pressupostos, que ler é extrair significado, sendo a compreensão o propósito básico da aprendizagem da leitura. Defendem, ainda, que a compreensão é uma habilidade resultante de uma representação ou modelo mental construído a partir dos assuntos tratados no texto, e essa habilidade exige

mais do que a capacidade de reconhecer palavras ou de agrupá-las em frases, classes ou sentenças. É, sobretudo, uma construção mental, dizem os mesmos autores, que envolve uma variedade de habilidades que estão relacionadas tanto com processos de baixo nível (identificação na memória), como com processos de alto nível (integração de informações e elaboração de inferências), sendo os dois tipos de processamento necessários à actividade de leitura.

Os leitores ao construírem a sua representação, mediante a compreensão de um discurso escrito, passam a possuir tanto informações que estão expressas explicitamente no texto, como informações que não estão aí, mas que podem ser reveladas e retiradas do texto, ou assumidas a partir das suas bases, sendo este último tipo de informação chamada de inferência. Na opinião de Cain, Oakhill, Barnes & Bryant (1998), as inferências que são feitas a partir da compreensão de um texto podem ser tratadas a dois níveis: estabelecer relação entre os elementos desse texto ou discurso, assim como, relacionando esses elementos do texto com o mundo do leitor (o seu mundo).

Esta possibilidade de estabelecer relações entre as várias partes do texto e entre estas e outros acontecimentos e situações (Oakhill & Garnham, 1988), é que o tornam significativo, sendo o processo inferencial o ponto central para a compreensão.

De acordo com os estudos de Oakhill e Yuill (1996) e Oakhill & Garnham (1997) pode-se apontar três possíveis razões por que maus leitores podem falhar a fazer inferências. Primeiro, estes podem carecer de conhecimento geral para construir estas inferências. Segundo, podem apresentarem dificuldade em aceder ao conhecimento relevante e poderem integrá-lo na informação do texto, em certa medida por apresentarem limitações no processamento do texto. Em terceiro lugar, eles podem não perceber que as inferências são necessárias ou permitidas, porque talvez dêem destaque demasiado ao significado literal do texto.

No âmbito deste trabalho, que tem por base a leitura, aplicada ao meio prisional, não só no âmbito do ensino-aprendizagem, assim como numa perspectiva de formação extra-ensino, ou seja, como actividade formadora e reeducadora e ao mesmo tempo lúdica, é importante fazer sobressair que ler pressupõe ser uma actividade crítica, criativa e significativa. Daí que se possa concordar com Paulo Freire quando afirma, repetidas vezes, que a leitura da palavra é precedida da leitura do mundo, colocando ênfase no papel do educador dentro de uma educação onde em que o próprio está envolvido, evidenciando o formador o seu saber-fazer.

A leitura do mundo foi sempre fundamental para a compreensão da importância do acto de ler, de escrever ou de reescrevê-lo, transformando-o através de uma prática consciente. Perante a realidade, situações concretas e sua representação, o acto de ler implicaria a percepção, crítica, interpretação e reescrita do que se leu, bem como tomadas de posição que emergem dessa leitura.

A leitura ou o acto de ler é uma situação de conhecimento real, concreto e com significado. Os textos devem permitir uma correcta compreensão do que é a palavra escrita, a linguagem, as relações com o contexto de quem fala, de quem lê e escreve, sempre em busca do sentido e significado crítico do texto. Foi esta uma das nossas preocupações na selecção dos textos para os reclusos.

Freire (1992) sintetiza que a leitura não deve ser memorizada mecanicamente, mas ser desafiadora, que nos ajude a pensar e a analisar a realidade em que vivemos. Diz ele que "é preciso que quem sabe, saiba, sobretudo, que ninguém sabe tudo e que ninguém tudo ignora" (p.32). O processo de aprendizagem, que não se verifica apenas numa fase da vida, mas se verifica ao longo da vida, está continuamente a desenvolver-se; por isso, só assim se pode participar activamente das mudanças constantes da sociedade, envolvendo a prática de ler, interpretando o que se lê, escrevendo, dialogando, conseguindo mais conhecimentos e de conhecer o que ainda não se conhece para melhor interpretar o que acontece na nossa realidade envolvente. Em reclusão, uma boa parte do tempo deve ser ocupado com actividades de formação, nas suas várias vertentes, e de enriquecimento pessoal, utilizando quer a leitura quer a escrita como suportes a essas actividades.

Através do acto de ler, pode-se conseguir estimular a colaboração, o valor à ajuda mútua, o desenvolvimento do espírito crítico e à criatividade. Claro que a ideia subjacente não será devorar livros, revistas, jornais, bibliografias, ler apenas por ler. A leitura terá de ser exercida com seriedade, reflectidamente, com espírito crítico. O leitor deverá procurar apropriar-se do texto, transportá-lo para a sua realidade, criando, aos poucos, uma disciplina intelectual que o levará a transformar-se. Será através da leitura do mundo, da sua compreensão consciente, que o recluso perceberá as dificuldades que tem de enfrentar em todos os domínios (económico, social e cultural) no processo permanente de mudança que o mundo sofre todos os dias.

Valverde Molina (1997) constata em estudos e observações em meio prisional que o ambiente total, precário e *anormalizador* da prisão, para além da estruturação rígida e violenta da vida, provoca uma actividade diária do recluso perspectivada por uma certa

"luta pela sobrevivência", numa constante adaptação. As carências educativas e culturais não são só um dos mais importantes défices que arrastam o inadaptado no seu processo de inadaptação social, como também um dos maiores problemas de qualquer intervenção centrada no indivíduo. É objectivo dos nossos estabelecimentos prisionais a realização de estratégias de intervenção educativa e do fomento da cultura. Daí a preocupação com o ensino, o trabalho, as actividades socioculturais e os cursos profissionais proporcionados aos reclusos.

Ao falarmos de educação no cárcere, gostaríamos de referir, ainda que em linhas gerais, o fenómeno da *anormalização* da linguagem por parte dos reclusos/as, já que ela se torna o seu veículo preferencial de comunicação com professores e outros agentes de educação na prisão (Valverde Molina, 2002). Ela assume determinados termos verbais exclusivos do cárcere. Os assuntos e temas de conversa são os triviais, tomando como fonte a informação em revistas, relacionados com política ou assuntos de criminalidade. São diálogos muito redutores, de visão muito restrita da realidade, em que o mundo exterior é apresentado como algo à parte, onde se pratica a injustiça. Tal é referido de uma forma simplista, sem eles terem argumentos para determinadas afirmações e asserções quando alguém, subtilmente, entra no debate ou, em alguns casos, lhes é pedido que exprimam, por escrito, aquilo que sentem por determinado fenómeno ou acontecimento.

Por tudo isto, a leitura, e ligada a ela também a escrita, serão, possivelmente, ocasiões adequadas para o enriquecimento, o diálogo, motivando o recluso para a abertura, a actualização da linguagem, a informação e o conhecimento, fazendo-o ultrapassar angústias, adquirindo novos valores, novos ideais, reflectindo mais no seu papel de cidadão consciente e interveniente em problemas que o aguardam no exterior.

Ao chegarmos a estas conclusões, em que se denotam, essencialmente, as dificuldades de compreensão e interpretação da informação, mais do que a expressão das ideias (embora de nível apenas razoável em termos gerais), não poderemos deixar de referir que as leituras do recluso reflectem-se na escrita. É através da leitura que ele adquire vocabulário, ideias novas, novas formas de encarar o mundo, novas perspectivas de vida. Adquire vontade de mudar perante o conhecimento de novos modelos de vida. São situações que se reflectem no modo como escreve e desenvolve o discurso, se relaciona com os temas de vida, com aquilo que o rodeia e com a forma como se relaciona com aqueles com quem convive.

Para escrever, é necessário possuir a tal "enciclopédia" que lhe permita a interacção viva e participada nas causas comuns e que a todos dizem respeito. Leitura e escrita completam-se e complementam-se num acto de inseparável união universal de palavras ideias e comportamentos sociais, afectivos e humanos.

O objecto central deste capítulo foi a reflexão sobre a análise que os reclusos fizeram dos textos de tipologias diferentes para melhor conhecermos e agirmos adequadamente, ao nível do ensino e formação, na preparação adequada dos reclusos para enfrentarem a sociedade da informação e do conhecimento que os espera. Pretendemos contribuir para um conhecimento mais integrado e sistemático da formação integral do recluso/a. Pensar na transformação desta realidade poderá ser uma utopia, mas a realidade constrói-se de sonhos, de utopias. É na perspectiva humanitária que se deve privilegiar a educação, o trabalho e os contactos com o exterior, de modo a facilitar o regresso do recluso(a) à vida em liberdade, de modo a ajudá-los no processo de reinserção, de forma a evitar a sua discriminação.

Como professores e formadores reflexivos e autónomos, ao depararmos no nosso quotidiano com as dificuldades destes cidadãos ao nível da leitura, compreensão e interpretação do mundo, urge contribuir e incentivá-los à leitura, pesquisa, reflexão e organização do pensamento, colocando-os perante situações que surgem no quotidiano. Nada melhor que a leitura, seja ela de que tipo for, para colocar alguém a reflectir, a imaginar, a construir o seu discurso oral ou escrito de forma responsável, lógica e pertinente. Não devemos esquecer, também, que esse ambiente envolvente da leitura não deve ter apenas um objectivo – a literacia como capacidade de compreensão do escrito -, mas também ser um meio de evasão, transmissora de valores sociais, humanos e afectivos.

Criar hábitos de leitura " progressivos", ou seja, começar primeiro por leituras do interesse dos reclusos e, pouco a pouco, levá-los a outro tipo de leituras mais complexas, mais profundas, mais polissémicas e, sobretudo, mais actuais. Devemos procurar tornar os reclusos em adultos significativos (Freire, 1972b), possuidores de conhecimentos, saberes, seres reflexivos para melhorarem o conhecimento de si próprios e levá-los a potenciar o diálogo com o mundo e a participação cívica e política.

Em suma: perante os textos analisados, numa perspectiva de conhecimento ao nível da compreensão leitora e, ao mesmo tempo, na verificação da capacidade de extracção de informação de textos, assim como o conhecimento das capacidades dos reclusos na expressão escrita individual, chegámos a alguns pontos importantes de reflexão e, ao

mesmo tempo, de partida, para o aperfeiçoamento e desenvolvimento de competências em leitura e escrita dos nossos/as reclusos/as, aproveitando o tempo de reclusão como meio de preparação para a vida, enfrentando os desafios e construindo uma outra forma de estar no mundo que não aquela que os trouxe ao mundo do cárcere.

i) Há dificuldades em todos os tipos de texto, sempre que a informação não está totalmente explícita.

ii) Em questões em que a informação não está explícita no texto, as dificuldades aumentam, apesar do esforço que revelam em tentar arranjar uma resposta adequada.

iii) O texto poético, pela sua natureza subjectiva, é de mais difícil compreensão, apesar de mostrarem facilidade em escrever poesia ou em lê-la.

iv) Sempre que se trata de identificação do assunto/tema em textos que fogem um pouco ao âmbito do quotidiano, há muita indecisão ou mesmo dificuldade em o delimitar/identificar.

v) Se se questiona sobre os comportamentos revelados pelas personagens, também se denota alguma dificuldade.

vi) Textos com gráficos são de difícil compreensão, apesar das questões terem as respostas bem explícitas.

vii) Temas como o Ambiente, o bem-estar familiar e a imigração foram sempre de melhor abordagem, ao nível da compreensão apesar de, na produção escrita, se verificarem apenas frases ou textos não muito polémicos e dentro dos padrões do que se ouve a pessoas com uma cultura média, não sendo muito originais. Mesmo assim os homens revelam-se mais criativos e com um nível cultural superior ao das mulheres reclusas.

viii) Mesmo na narrativa, que é o tipo de texto mais comum, os reclusos revelam dificuldade na extracção de sentido e informação para chegarem à sua compreensão e interpretação ao nível de ideias essenciais e valoração da mensagem.

ix) Na produção escrita, meio adequado para a evasão, onde podem dar-se a conhecer ao nível do seu ego e do seu *background* sobre temas simples e até do quotidiano, revelam ausência de conhecimentos e cultura, limitações no discurso escrito, não só ao nível de vocabulário adequado, como também ao nível da articulação de ideias e conceitos.

x) As dificuldades na estruturação do discurso escrito são visíveis, faltando a planificação que irá guiar todo o discurso escrito.

xi) As ideias surgem na oralidade (alguns reclusos afirmaram-no no final), mas no momento de as passarem a escrito as palavras não aparecem com a devida fluência.

xii) O vocabulário foi um entrave à compreensão de alguns textos e perguntas, assim como o desconhecimento do léxico relacionado com determinadas temáticas, necessário às produções escritas.